



PLANO DE GESTÃO DA TERRA INDÍGENA **CAITITU**

Povos Apurinã, Paumari, Jarawara e Jamamadi da TI Caititu

LÁBREA - AMAZONAS
Março de 2015



PLANO DE GESTÃO DA TERRA INDÍGENA

CAITITU

Povos Apurinã, Paumari, Jarawara e Jamamadi da TI Caititu

LÁBREA - AMAZONAS

Março de 2015

PROJETO ATHA AKAMA (NÓS FAZEMOS!)

Coordenador do projeto:

José Raimundo Pereira Lima
(Zé Bajaga Apurinã).

Equipe de coordenação:

Francisco Ferreira da Silva,
Raimunda Pereira Lima.

Equipe de apoio ao projeto:

Antônio Matias Souza,
Maria Antonia Jarawara,
Jones Oliveira Pantoja,
Marcílio Batalha da Silva,
Rônia Lima da Silva Apurinã,
Valdimiro Farias da Silva,
e Ronilson Lima da Silva.

Consultoria e organização do conteúdo:

Camila Horiye Rodrigues e Rodrigo Marcelino.

Apoio Técnico e Antropológico:

Luiz Fernandes de Oliveira Neto,
Elaine Cristina Guedes Wanderley.

Agradecimento especial:

Luciene Pohl, Andréia Bavaresco,
Marcela Menezes,
Evangelista da Silva de Araújo Apurinã.

Textos:

Povos Apurinã e Paumari.

Tradução Apurinã, Paumari, Jarawara:

Francisco Pereira da Silva Apurinã,
Edilson Rosário Paumari e Maria Antônia Jarawara.

Pesquisadores Indígenas:

Raimundo Pereira dos Santos Apurinã;
Vicente Quaresma dos Santos; Ana da Silva Maia;
Francisco de Jesus Oliveira da Silva;
Marcílio Batalha da Silva; Raimunda Silva Ribeiro;
Sebastião Vieira da Silva Apurinã;
Jomilson da Silva Andrade;
Marivan Nogueira de Almeida Apurinã;
Regina Camilo da Silva; Edimar Ribeiro da Silva;
Geilson Lima da Silva Paumari;
Francisco Neto de Souza Lima;
Antônio José Marques da Silva;
Maurício Alves de Souza; Wederson Rodrigues da Silva;
Manoel Ferreira Gomes Apurinã;
Sebastião Gomes da Silva Apurinã;
Jaime Matias da Silva; Andrade Alves Nunes;
Ivanete Silva de Lima Apurinã;
Ezequiel Barreiros Miguel Apurinã;
Manuel Figueiredo Aurim; Antônio Santos da Silva,
Anastácio Vicente da Silva Apurinã.

Fotos:

Acervo Focimp

Desenhos:

Povo Apurinã e Paumari

Edição Cartográfica:

Rodrigo Marcelino

Diagramação

 IrisDesign | www.irisdesign.com.br

REALIZAÇÃO DO TRABALHO E AUTORIA:

Federação das Organizações
Indígena do Médio Purus - Focimp

Contato:

(97)99153-9482
(97)98412-1368
(92)98243-5561



Endereço: Rua João Bosco de Lima,
no. 1248, Bairro da Fonte. CEP 69.830-000

ALDEIAS DA TI CAITITU:

São José, Novo Paraíso, Nova Esperança II,
Boa Vista, Bela Vista, Capurana, Cujubim,
São Sebastião, Irmã Cleuza, Castanheira,
Japiim, São Domingos, Jacamim, Arapaçu,
Arapaçuzinho, Copaíba, Paxiúba, Idecorá,
Macedinho, Vila Nova, São Francisco, Tucumã

SUMÁRIO

Siglas	7
Apresentação / Werekary / Nihanini Kaimoni / Te kaminahi	9
A Terra Indígena Caititu / Pupŷkary miritikata itixinhe / Caititu Kaaraboni / Tabora Caititu	11
Histórias tradicionais / Isăpyrata Săkirixi / Vakadihojai Varani Hini/Hiyara bote	13
A construção do plano de gestão da TI Caititu / Kamăapukutary ia Plano de Gestão ia Pupŷkary miritikata itixinhe / Vakava` ibodivaranini nihanini ida badavani` avini Caititu kaaraboni / Yama e hirinahi himata e ahinibeya tabora ya	15
ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO que o povo da TI Caititu está representado ou frequenta	17
Para que participar desses espaços:	17
Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI (decreto N. 7747, junho 2012)	18
O Diagnóstico da TI Caititu e os pesquisadores indígenas / Imarutapêka pupŷkary miritikata itixinhe ia pupŷkarywkury parikuwatakary / Caititu kaaraboni-ra vaka` ojomo` ivini nihanini, joima vaka` ojomo` iki jaboni bana / Yama sibano tabora Caititu ya e ka owa amati	21
Como foi feito o Plano de Gestão da Terra Indígena Caititu / Kiripa kamăatary ia plano de gestão ia pupŷkary miritikata itixinhe / Nihanikia vania vakava` ibodivaranija ida Caititu Karaboni-ra badavani` avini? / Himata nima ribe e ahi naba tabora Caititu?	23
O que não pode faltar no modo de vida das pessoas que vivem na TI Caititu / Kiripa kuna nerekakary takanapa arakary ia kăkyty pupŷkary miritikata itixinhe awakakary / Nahina Kainamoriki kaimoni ija` ari vaibaviki Caititu kaaraboni / Tiwati kata moriyahi teka tabora ka yama ya Caititu	25
Planejamento dos TEMAS / Ikaatuku Itxapanhiku / Vara vavani` aki kaimoni-ra vakava` ibadivaranivini / Himatania e ahinibe	27
CULTURA / Tywytxi / Vakadihojai / E ati	28
SAÚDE / Peerekary / Kavamoni kavaranihi / Titami nini	34
EDUCAÇÃO / İikytetxi / Ojomo` ihi kavaranihi / Yama watoraro	42
BEM ESTAR / Arakapukury / Nahina jahaki vakadiania hojani / Amosaro	47
ORGANIZAÇÃO E RELACIONAMENTO / Ywerekăaputary ia axinhiri atywymunhikary / Vanaso hivini ida badavani` aki kaimoni bana / Hawa tuni hinihi	51
PRESERVAÇÃO / İnhikatare / Vakahinanikaki kaimoni / Namosaro	56
SUSTENTO / Inhipukure / Va` ora vavahokiki kaimoni / Era natamina haro	62
Frente de Proteção Etnoambiental Madeira Purus (FPEMP)	72
Zoneamento da TI Caititu / Pupŷkari miritikata itixinhe / Gathogathoni, ahoarihaonini papira hojani hida Caititu kaaraboni / Yama hirinara taboraka yamaya Caititu	74
Área de vigilância, Área de reprodução de caça e peixe, Área de preservação, Área ocupada pelas aldeias, Área de coleta de castanha	74
Próximos passos / Hătnapepanhi / Nahina hoariha-ra vakava` ibodivaranivini kaimoni / Himatania taiti waribe	75
Apresentação das aldeias	76



SIGLAS

ACT – Equipe de Conservação da Amazônia (atual ECAM)

AIS - Agente Indígena de Saúde

AISAN- Agente Indígena de Saneamento

AMIMP – Associação das Mulheres Indígenas do Médio Purus

APACINP – Associação dos Produtores Agroextrativistas da Comunidade Indígena Novo Paraíso

APAII – Associação dos Produtores Agroextrativistas da Aldeia Indígena Idecorá

CASAI – Casa de Saúde Indígena

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CR – Coordenação Regional

CSF – Conservação Estratégica

CTL – Coordenação Técnica Local

FLONA – Floresta Nacional

FOCIMP – Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus

FPEMP - Frente de Proteção Etnoambiental Madeira Purus

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IDAM – Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas

IEB – Instituto Internacional de Educação no Brasil

IFAM – Instituto Federal do Amazonas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MMA – Ministério do Meio Ambiente

OPAN – Operação Amazônia Nativa

OPIAJBAM – Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi da Boca do Acre, Amazonas

OPIMP – Organização dos Povos Indígenas do Médio Purus

PARNA – Parque Nacional

PDPI – Projeto Demonstrativo de Povos Indígenas

PGTA – Plano de Gestão Territorial e Ambiental

PNGATI – Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas

PNUD – Programa Nações Unidas para o Desenvolvimento

RESEX – Reserva Extrativista

SAF – Sistema Agroflorestal

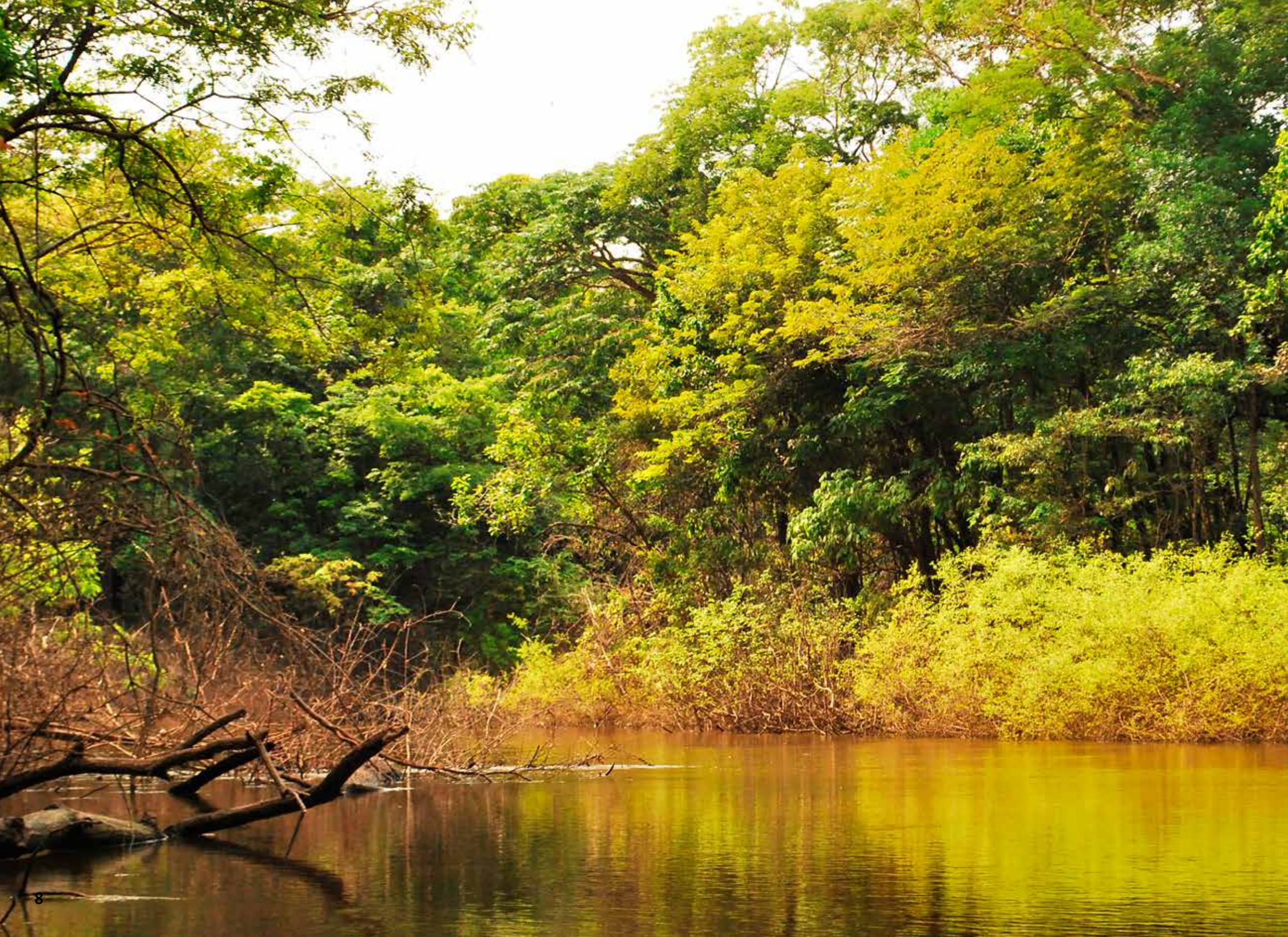
SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

TI – Terra Indígena

UC's – Unidades de Conservação

USAID - United States Agency for International Development



APRESENTAÇÃO

WEREKARY

NIHANINI KAIMONI

TE KAMINAH

**“Temos vários povos aqui no Purus, somos todos irmãos, somos todos um só”
Zé Bajaga Apurinã, coordenador do projeto e da FOCIMP.**

No começo de 2007 foi extinta a Organização dos Povos Indígenas do Médio Purus - OPIMP, no mesmo ano fizemos uma comissão de articulação da criação de uma nova organização, a FOCIMP, fundada em 23 de maio de 2010. Porém o trabalho da FOCIMP se iniciou antes de sua Assembleia de criação com uma extensa mobilização de nossos parentes em quatro municípios do Médio Purus (Tapauá, Canutama, Lábrea e Pauini) e que hoje se amplia para seis municípios (Beruri e Boca do Acre, esta última em negociação com a OPIAJBAM). A FOCIMP luta por uma forma integrada de atuação, em conjunto com as lideranças nas aldeias, unindo o Purus indígena e buscando dar mais visibilidade para a região da calha do Purus, tanto de indígenas quanto dos ribeirinhos.

Entre 2010 a 2011 foi feito o Plano de Vida da FOCIMP que é o plano de referência da organização e é um documento que serve para dizer que nós estamos vivos. Esse projeto do Plano de Gestão da TI Caititu está previsto no Plano de Vida da FOCIMP. Há dois anos em parceria com a OPAN foi realizado um Diagnóstico da TI Caititu e a FOCIMP acompanhou. No final de 2010 queriam que

a FOCIMP fizesse um projeto como esse, mas a organização declarou que não estaria preparada. Depois surgiu o PDPI (Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas), com recursos do Ministério do Meio Ambiente e a OPAN disse que não faria o Plano de Gestão Territorial e Ambiental - PGTA no Caititu devido ao tempo disponível. Então a FOCIMP resolveu assumir o trabalho e mandou o projeto para o MMA, com a ajuda de alguns parceiros. O projeto então foi aprovado para fazer a construção coletiva e pactuada do PGTA da TI Caititu em um ano.

O Plano de Gestão da TI Caititu é para saber como vamos fazer a gestão da nossa terra. É o que vai dizer as diretrizes e como vamos querer a educação, saúde, a sustentabilidade do povo. Isso é o marco zero, é assim que vamos conseguir outros projetos para poder fazer mais coisas. Somos nós que vamos dizer de que maneira queremos trabalhar dentro das nossas terras. É só assim que o povo lá de fora vai saber e então ter recurso para investir aqui.

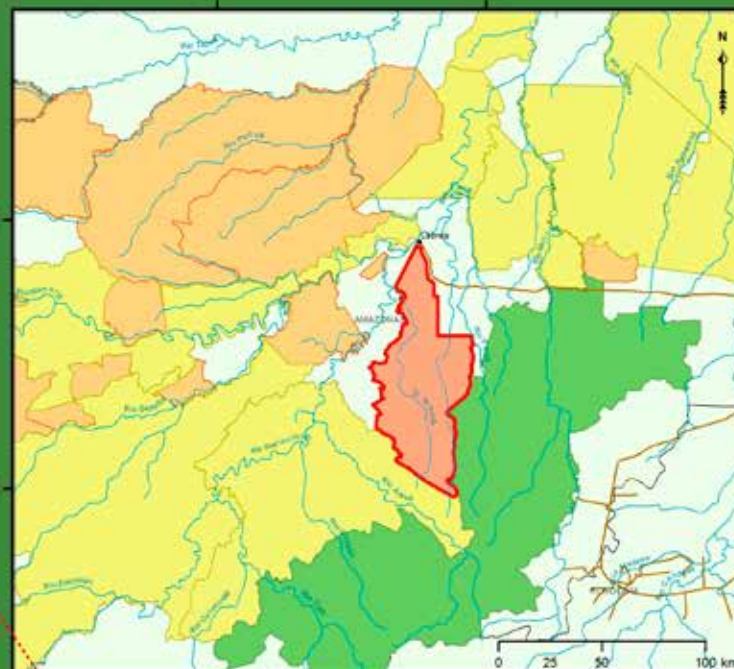
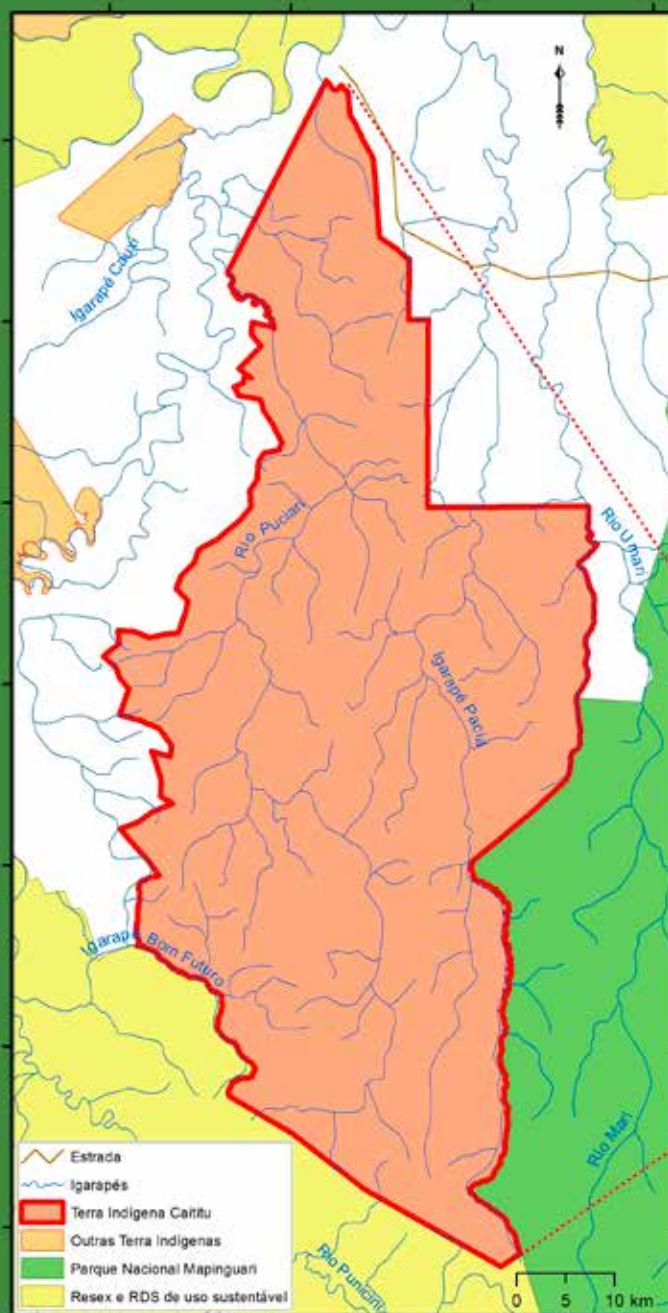
Para a coordenação da Focimp o Plano de Gestão precisa ajudar a melhorar a gestão dos recursos



naturais para usar sem causar escassez, precisa ter uma mudança no jeito de administrar a terra, que todos comecem a pensar coletivamente e que tenha ajuda no gerenciamento do território do Caititu, entendendo como estão os acordos em cima das áreas da TI. Também esperamos que o Plano ajude a formar agentes indígenas ambientais, ainda inexistentes na região, para ter mais fiscalização e proteção da terra; e que tenha sensibilização de que a terra é de todos e precisamos cuidar dela, e para isso precisamos nos organizar, conseguir mais apoio financeiro e envolvimento das pessoas.

Também esperamos que o trabalho se torne um exemplo para outros Planos de Gestão na região, fazendo uma rede para levar mundo afora, com posterior envolvimento da FUNAI e associações para complementação das ações do plano.

“Aqui vamos fazer o plano de gestão com bastante espaço, cada aldeia vai ver como vai ser, quais ações, como vão ser as ações para a nossa sustentabilidade” Zé Bajaga Apurinã, coordenador do projeto e da FOCIMP.



LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA CAITITU NA REGIÃO DO MÉDIO PURUS

A TERRA INDÍGENA CAITITU

PUPŶKARY MIRITIKATA ITIXINHE

CAITITU KAARABONI

TABORA CAITITU

A TI Caititu é um marco na luta pela terra na região do médio rio Purus, especialmente em Lábrea, pois seu processo de regularização se iniciou em meados da década de 70 e, no início da década de 1980 ela foi demarcada. É referência do movimento indígena do Médio Purus, onde começaram as primeiras reuniões, onde nos organizamos para lutar pelos nossos direitos e garantir nossa terra. Na TI Caititu moram famílias vindas do Seruini, Tumiã, Marienê, Sepatini, Catipari, Mamoriã, Peneri, há mais 30, 40, 50 anos e há também famílias que habitam essa terra há muitas e muitas gerações. A população da Terra Indígena Caititu é de aproximadamente de 1500 pessoas, distribuídas em 23 aldeias, numa área de 308.000 hectares, habitada majoritariamente pelos Apurinã e por alguns Paumari, Jarawara e Jamamadi que se casaram com Apurinã. As línguas faladas são do tronco linguístico Aruak-maipure (Apurinã) e Arawá (Paumari, Jarawara e Jamamadi).

Na cidade de Lábrea temos muitas moradias no Bairro da Fonte e na Vila Falcão, quando passamos períodos na cidade,. Esses são os bairros em que mais se concentram nossos parentes. Ali tem carência de estrutura, mas também é onde se localizam algumas escolas, pois em muitas aldeias não tem professores e é preciso frequentar a cidade. Nesses

casos se mantem somente as atividades produtivas nas comunidades. Ao mesmo tempo temos comunidades mais distantes em que os períodos na cidade são para vendermos nosso peixe e produtos do roçado e da mata.

O nosso território tem seu limite na sede do município de Lábrea, margeado pela BR 230 (Transamazônica), na região do sul do Estado Amazonas, que é uma das que tem maior índice de desmatamento na região amazônica: muitas terras invadidas, estradas ilegais e grandes projetos que visam somente o lucro para grandes empresas, uma lógica que há muito tempo vem destruindo nossas matas e desrespeitando nossas terras. Além disso, nossos recursos como caças, peixes, plantas medicinais têm sido atacados sem nenhum controle.

Onde estão nossos direitos originários e garantia de nossa sustentabilidade e autodeterminação? Será que realmente podemos transitar em nossas terras e rios com a garantia ao respeito à nossa cultura? Por isso entendemos que temos que ampliar a discussão sobre os principais problemas relacionados a nossa sustentabilidade, que é a base da construção do que queremos para o futuro e para garantia de nossas futuras gerações.

“Essa terra hoje que nós tamo discutindo, lutou, doeu, derramou sangue pra demarcar essa terra. Esse território que custou tão caro, e que nós quer defender esse histórico, o histórico do povo Paumari que tá com nós, é isso aqui que nós tamo discutindo (...) Nós quer mostrar pro mundo, que nós somos um povo, que nós temos raízes, nós tamo defendendo o nosso território, daqui a 100 anos seu Jaime já tem ido, cumade Nair já tem ido, nós quer segurar aqui é nossa cultura, nossas histórias” Francisco Jacinto de Almeida – Cacique Marcelino, aldeia Novo Paraíso.

“(...) com uns 3 anos que morava lá, quando apareceu a irmã Tereza e a irmã Cleuza fazendo visita e dizendo que a gente tinha um apoio... a gente não tinha conhecimento de nada, e através da igreja e o CIMI também, pego meu pai e levou pra Brasília pra representar que existia índio em Lábrea aqui no médio Purus. O que aconteceu, meu pai (Agostinho) saía, a gente ficava preocupado ninguém sabia da notícia, não tinha comunicação, não tinha nada naquela época, a gente ficava aí trabalhando, fazendo roçado, fazendo coisa e quando dava fé ele aparecia, até que ele chegava e dizia ‘rapaiz é verdade a gente tem apoio e ninguém sabe’. Então aí ele começou lutar né, aí começo a fazer reuniões, caça-



va onde tinha morador de índio aqui dentro da cidade, conversava com ele, leva pra lá, papai era muito inteligente, e acabou fazendo um grupo com 170 pessoas tudo Apurinã. Fizemos uma aldeia grande, aí fomos em Porto Velho e conversamos com Apoena Meireles naquela época, o Apoena foi, levo meu pai pra Brasília e de lá trouxeram uma equipe, era Ana Maria, Ademar e o Pacô que era o cara do Incra, pra acompanhar né, que o prefeito dizia que aqui não existia índio, quando eles chegaram aqui foi fretado um barco do Chico Galvão, e nós subimo o Purus mostrando onde tinha índio, em todos os igarapés até Pauini, nos gastamos 32 dias na viagem. Chegemo em Pauini, baixemo aqui pra Lábrea, e foi quando o papai começou lutar pela demarcação. Bom, nessa demarcação foi luta, pessoal ameaçava a gente tudo, mas rapaiz, vamo continua né, nós já era mais gente, já tinha mais gente, já era duzentas e poucas pessoas. Como aqui dava muito problema, era muito perto da cidade, tinha muita bebida alcoólica, aí o pa-

pai vivia na delegacia tirando pessoal que ia preso, então a gente achava que não era certo, então o que que fizemos, vamo muda pra mais longe? Vamo! Foi quando nós mudemo pro Passiá e ainda não tinha demarcado a área ainda. A Funai disse “ó, vão pra lá que vocês tem mais apoio pra demarcação sair mais rápido”, que que acontece quando chegamo lá, uns 2 anos, foi quando teve aquele problema com a gente, que o branco mesmo aqui foi e pagou um índio Apurinã pra fazer aquele massacre lá dentro né, e onde a Irmã Cleuza morreu também na época né, e aí foi quando eles avançaram a demarcação mais rápido por causa disso, por causa dessas mortes que teve, então a igreja, também os padre deram maior força foram junto em Brasília conversar. eu sei que depois desse problema que teve, essa confusão toda aí, foi que, nós não tava nem esperando mais, foi rapidinho assim, - chego o pessoal pra demarcar né, foi assim rápido, nós tava no castanhal quando o pessoal chegaram lá dentro demarcando. Então eles não

procuraram, por que que muita coisa ficou fora? Porque eles não procuram nós, eles fizeram as coisas assim do entendimento deles mesmo né, não teve um estudo, eles fizeram assim ó, aqui vai ser a área de vocês e acabou-se né. Depois, a gente não tinha conhecimento na época, depois nós fomo olhar e vimo que nossos castanhais tinha ficado tudo fora, aí não tinha mais como voltar porque já tava demarcado, mesmo assim papai ainda lutou muito pra vê se eles acrescentava mais essa terra pra nossos castanhais ficar dentro, mas até hoje tá fora ainda né. E agora tá como Parque Mapinguari, e aí nossa briga, vamo dize, vê se a gente conseguia menos uma parte desse castanhal que ficasse dentro né, pra gente não ter mais aquela preocupação” Raimundo Apurinã (Raimundo Bofé).

HISTÓRIAS TRADICIONAIS (APURINÃ)

ISÃPYRATA SÃKIRITXI

SURA: “Desde o início o povo Apurinã já adorava a Deus, mas o conhecia como *Sura*, além disso, era um povo politeísta, adoravam deuses mortais como *Myyty* (pajés) e temiam a *Kamatxi*, etc. Para eles *Sura* (Deus) veio do sol, era um Deus que estava acima de tudo, quando estavam passando por dificuldades ou quando aconteciam guerras entre as tribos, acreditavam que somente *Sura* pudesse solucionar. Temiam ser castigados por *Sura*, caso fizessem atos errados.

Sura dava poder para os pajés (*Myyty*) curar os doentes, os pajés eram uma espécie de curandeiros que de certa forma tinham um determinado poder de cura e exercia função de médico. Acreditavam que *Kamatxi* flechava se fizesse alguma brincadeira com a palha do Buriti, que não fosse apto a festa do Xingané. *Kamatxi* é o chefe do Buriti, para os Apurinã era considerado um encantado que vive onde tem muitos pés de Buriti, para eles o *Kamatxi* era muito malvado quando se sentia ameaçado. Acima de todas as crenças e crendices para eles estava a crença em *Sura* que significava Deus” Ivanete Silva de Lima Apurinã, Maria José da Silva Mulata Apurinã, Cacique Nair Francisca da Silva e Francisco Pereira da Silva Apurinã, aldeia São José.

XINGANÉ: “Ele corta banana né, pra madurar e vão fazer o caçuma de banana madura, deixa lá uns dias. Tem macaxeira, pupunha, vinho

de cará, vinho de milho, caçuma de milho, tudo tem. Quando os parente chegar de longe eles vão dançar primeiro, pra poder beber aquele vinho. Quando já é de madrugada já tem queixada, macaco, anta muquinhado, aí eles vão repartir, vão cortando e dando. Tira o olho do buriti pra fazer a dança deles, os enfeite. As mulher é com menino na tipoia que vão dançar” Cacique Maria Ribeiro de Souza Apurinã (Mariazinha), aldeia Arapaçuzinho.

“Quando eu entendi no mundo, eu morava no Capipari com meus avô, avó, bisavô. Chegava dizia, hoje parente, nos vamos ter *abumakê*, Ìburã aqui, *kasiri* acolá, *kasiri* ali, *kasiri* acolá, *kasiri* acolá aí nós vamos dançar quatro meia. Ai não falava dia de domingo, porque ninguém sabia, na era né, ninguém sabia se era domingo, se era sexta, se era sábado, sabia só pela lua, *kasiri* ali ali ali ali, ai vamos fazer uma serenata. Ai o pessoal já tá sabendo tudinho, quando chega naquela época, o pessoal já chega, lá vem os pessoal *hei hei hei hei hei* ai o pessoal já ia encontrar com ele, quando chegava ai começava... o tiroteio *tei tei tei*, os parente na animação né, ai chegava no campo *hei hei hei e e e e hei hei e e e* (*demonstração canto*), o veinho *tuxawa tiritei tiritei* com um terçado né, na frente (*demonstração batendo o terçado*), ai você ia canta, gritava na frente (*demonstração canto*)...essa é a música do Buriti né, ai o Buriti começa *trutrutru* (*demonstração do som*

do buriti)... ai roda roda roda, ai tem a música da cobra, vamos fazer cobrinha (*demonstração canto*), fazer do *txaperykê* (*demonstração cantos e dança*), aquele que cair morre. Morre morre mesmo, ai não vê mais não. Antigamente né, agora a gente vê gente cair na dança e não morre” Cacique Edivar Ribeiro da Silva, aldeia Arapaçu.

“O xingané ele é uma coisa séria tem que ter a hora de começar e a hora de terminar, o meu avô dizia que tem uma história, porque tem o *Kamatxi* você não pode tá dançando, nessa aldeia que faz xingané tudo adoidado pode acontecer tragédia, a pessoa que cai pode morrer no outro ano, tem toda a história em cima disso, o xingané não é pra qualquer um, é coisa séria” Raimunda Silva Ribeiro, aldeia Bela Vista.

KAMATXI: “Do *Kamatxi* um mês antes disse bora, brincá com o *Kamatxi*. Ai *kasiri* acolá, acolá, ai três meses ai o pessoal tá sabendo já, chega naquela época o pessoal vem né, chega lá, já já tá pronto, lá tem macaxeira, banana, batata, açaí, patoá, tá tudo lá. Ai fecha a porta, antes de chegar o pessoal fecha a porta, pra não deixar um buraco, bem tampadinho, as mulher tão tudo ali dentro. Não tem a história, essa taboca bambu que o pessoal fala? Ele sai de dentro. Quem diz que aquele bambu não tem *Kamatxi* dentro, tem, é porque não tem pajé aqui, se tivesse pajé aqui, aqui tem. Ai chega, tira três, três velho, bora bus-

ca ele, bora. O pessoal fica trancado, tudinho na porta. O vinho tá aí já, tudo feito.

Chega lá e

- Ei *macerãna, macerãna, macerãna iiiiii (...)*

Bora, *hei* ele sai lá de dentro, *táu*, ele racha ali e ele pula lá embaixo, desse tamanhinho (...) *iiiiiii.... (demonstração canto)*. Aí lá vem, vem onça, vem jacaré, vem cobra, vem bicho do mato, nessa hora aparece né, vem tudo acompanhando ele, sai tudo aí vem, aí você vê onça no meio do índio, ele grita *iiiiiii (demonstração gritos, cantos)*. Joga um pra acolá, pega outro, joga um pra acolá, pega outra, aí a onça pega ele (*demonstração gritos, cantos*) *Heeeei, rãkiter* vai comer ele, *rãkiter* vai comer ele. Aí levanta. Boto fica brigando no seco mesmo (*imita sons*), se pensa que é na água, mas é no seco, e cobra também no meio, pequenininha assim, dessa grossura. Bora, bora beber o vinho. Quem bebe primeiro ele, o *Kamatxi* que bebe, aquele rapaz que pulou da taboca, que bebe, se os outros beber fica tudo com a bargona, ele tem que beber primeiro. Deixa que ele bebe, ele bebe tudinho, prova de um, prova de outro, prova de outro, prova de outro, daí já, aí os outros vão beber tudinho e as mulher ainda fica lá dentro, ele fica caçando pelo menos um buraco pra ver pelo menos uma menina. E os outros ficam pensando, 'mas não vê é com nojo'. Aí ele brinca, brinca até uma hora, aí pronto. Já já já aí some, some, some tudo, ele vai embora, escuta quando ele fecha lá *táu*, ele já foi já, aí as mulher já saem, aí comer aquilo que ele deixou, aí pronto, é assim antigamente.

No meu tempo, quando eu nasci, eu assisti o pessoal brincar com esse bicho, o *Kamatxi*.

Eu já brinquei com *Kamatxi*, eu era pequeno assim, eu já brinquei. Só o pajé mesmo que conse-

gue tirar o *Kamatxi*. Tem que ser o pajé, antes dele falar com ele, ele passa a noite tomando rapé, *awiry*, comendo *katsupary*, ele não dorme, quando é bem cedinho ele fala 'vamo bora chama ele'. Aí grita lá ele responde *hihi*, aí chama ele *páu*, aquele estalo aí já vem com tudo, boto, cobra, jacaré. A história que conheço da minha mãe era assim, eu vi também uma vez” Cacique Edivar Ribeiro da Silva, aldeia Arapaçu.

“Ele mandava as mulher embora, que só os homens que vai chamar ele. As mulher, menina nova, vão embora cedo pra não ver ele. Eles cantam, daí ele vem para beber o vinho que fizeram para ele. *Kamatxi* é um espírito da floresta. Aí tem uma cantoria pra ele poder ir embora (do finado meu avô). Se ele vesse a mulher só da mulher olhar já saia buchuda dele, ele emprenhava elas. Por isso meu avô não queria que ficasse perto, tinha que ficar longe. Só menino macho que vê ele” Maria Ribeiro de Souza Apurinã (Mariazinha), cacique da aldeia Arapaçuzinho.

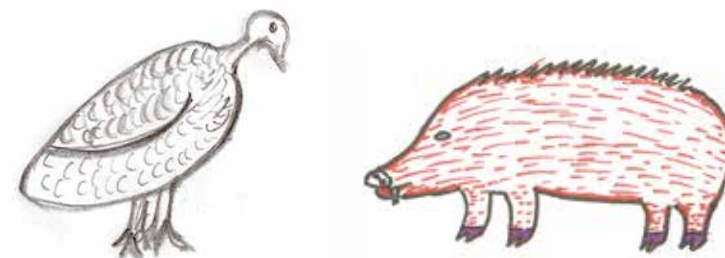
ALIMENTAÇÃO DOS CLÃS DO POVO APURINÃ

“Segundo nossa Cultura, o povo Apurinã segue algumas regras no que se refere à alimentação, nosso povo é dividido por clãs representados por alguns animais como nambu-galinha e o porco-do-mato (*Meitermaneter e Xiwapurînyê¹*). De acordo com os nossos costumes, quem come nambu-galinha não pode comer porco-

1• Os nomes na língua materna foram registrados de diferentes maneiras, em alguns casos pode ser encontrado com escrita diferente como: Xua-puryner e Metymanety, conforme Wanderley, Elaine. É pote de parente antigo! A relação de indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu com os sítios e objetos arqueológicos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém, 2013.

-do-mato. Por exemplo: se uma pessoa come porco-do-mato já seu neto não podia comer nambu-galinha. Outro exemplo dessa questão é se o pai come nambu-galinha, seus filhos também podem comer, porém sua mulher não pode. Se por ventura a mãe dessa família pelo menos chegar a pegar na panela ou no prato em que foi preparado o nambu-galinha, essa mulher pode ter sérios problemas.

Essa questão é levada muito a sério pelo Povo Apurinã, ou seja, se alguma pessoa violar as regras de um dos clãs, essa pessoa se responsabilizará pelas consequências que virão. Por exemplo: se um indígena do clã que não come porco-do-mato chegar a violar a regra do clã e comer ele poderá ficar doído e ter uma febre tão alta que perderá os sentidos e a consciência e passará a querer morder os seus filhos. Também segundo os costumes do nosso povo o homem que come porco-do-mato pode casar com uma mulher que come nambu-galinha, sem que isso cause prejuízo ao casal e sua família. Ainda segundo os costumes do nosso povo, de acordo com as regras dos clãs, as mulheres grávidas e com crianças recém-nascidas não podem comer peixe de couro como Pirarara, Caparari, Mandin e outros. Elas só podem comer peixes que tem escama. Portanto, esse relatos são um pouco da história dos clãs em que se divide o povo Apurinã que ao longo do tempo vem tentando fazer com que esses costumes não sejam esquecidos” Dona Dadir Vicente da Silva e Jomilson da Silva Andrade.



A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE GESTÃO DA TI CAITITU

KAMĀAPUKUTARY IA PLANO DE GESTÃO IA PUPŶKARY MIRITIKATA ITIXINHE

VAKAVA `IBODIVARANINI NIHANINI IDA BADAVANI `AVINI CAITITU KAARABONI

YAMA E HIRINAHİ HIMATA E AHINIBEYA TABORA YA

O QUE É UM PLANO?

(NAATUKU / VAKAVA `IBODIVARANIKI /
HIMATA E AHINIBEYA)?

“Como a gente pensa em uma coisa no futuro a partir de uma necessidade que estamos enfrentando. Por exemplo, temos uma canoa, sem plano fico bagunçado. Precisa planejar como vai usar” Marcilio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.

“... é pensar em algo que seja melhor pras pessoas”.
Raimundo Pereira dos Santos Apurinã, Cacique da Aldeia Cujubim

E PARA QUÊ SE FAZ UM PLANO?

(NAATUKU / VAKAVA `IBODIVARANIKI /
HIMATA E AHINIBEYA)?

Ele é feito para realizar alguma atividade. Surge a partir das necessidades e também dos problemas. No caso da Caititu, foram identificados os problemas e as necessidades (Diagnóstico da TI Caititu) para realizar o plano. Para fazer um planejamento precisamos saber onde queremos chegar (como queremos que seja no futuro), e entender como está a situação hoje. As coisas que precisam ser feitas para mudar a situação que nós estamos hoje são a base do nosso plano.

HOJE:

COMO ESTÁ A TI CAITITU HOJE?

QUAIS SÃO OS PROBLEMAS E AS COISAS BOAS?

Watxa: naatukupa itxamiritiã?

Kiripara maerekaty ia kiripara Peerekary?

Hidakaba `i: Nihanini manija ida Caititu Kaaraboni?

Nahina jahariki, nahina jahaki jaboni hojaki?

Himata nima Caititu na awiri hinaka yama hiyara amosa?

PLANO / Naatuku / Vakava `ibodivaraniki
/ Himata e ahinibeya:
CAMINHO QUE VAMOS ANDAR PARA
CHEGAR NO FUTURO QUE QUEREMOS

FUTURO:

COMO QUEREMOS QUE SEJA PARA QUE FIQUE MELHOR?

Aiãtapariku: Naatukupa anerekakary arakary?

Khaki `asia: Nihanini vani anofiki `ida jahaka `oani bana ida?

Himata nima yama e hirinaba amosake bana?

Foi conversando sobre nossa realidade nos dias de hoje que construímos o plano de gestão da TI Caititu, trabalhamos em cima das coisas boas (o que queremos manter) e das coisas que não estão boas (o que queremos mudar) e quais as soluções que precisam para resolver os problemas. Todo o processo só é legítimo com a participação de todos, pois ele é nosso.

MAS, O QUE É PARTICIPAÇÃO?

(AWĀANATA / BADA VAKHANIKI / YAMA E AHINAHİ)

- Estar participando, ir às reuniões, assembleias;
- Onde todo mundo dá a sua ideia;
- Por exemplo, essa casa aqui hoje, como o grupo tá aqui, um pega o pau, o outro a palha, o grupo participou de todo o movimento dessa casa, o grupo todo com união participou, cada um faz uma parte;
- É como aqui que a gente está numa escola, nós estamos aprendendo que é pra poder fazer um plano;
- É um planejamento, é tirar algo importante do que a gente tem que fazer;
- Ele disse a ideia, cada um disse a ideia pro outro e o outro escutou a ideia dele. É falar e escutar;
- É participar, homens, mulheres e crianças!

Para esse trabalho tivemos que assumir o compromisso da construção do Plano de Gestão, fazendo um acordo para melhorar a participação, para isso as comunidades contaram com apoio dos consultores, fizeram conversas com os outros que não iam às reuniões, explicando a importância de participar e convidando cada vez mais pessoas.

“Eu era muito tímido, eu não participava, achava que era besteira, que não era pra mim. Depois a gente passa a participar e sabe das coisas” Jomilson da Silva Andrade, Pesquisador indígena da aldeia Boa Vista.

“Eu nunca tive uma oportunidade dessa. Sempre eu ouvia falar em assembleia, mas nunca ninguém chegava e me contava o que tinha acontecido, eu não sabia disso. A primeira vez que eu recebi o convite foi hoje, isso para mim é uma escola e tudo o que eu aprendi aqui eu tenho que repassar e eu tenho tudo escrito que aconteceu aqui, que é pra ninguém me desmentir” Edmar Ribeiro da Silva, pesquisador indígena da Aldeia Arapaçu.

“Quando a gente participa isso dá uma força maior para o trabalho. A FUNAI está sabendo que o plano está sendo feito aqui, eles vão esperar esse plano” Funai, CR Médio Purus.



ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO QUE O POVO DA TI CAITITU ESTÁ REPRESENTADO OU FREQUENTA

“É importante sabermos quem são nossos representantes pra gente ficar cobrando”
Marcilio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.



Em todas as reuniões precisamos estar falando quem são os representantes para que todos se mantenham informados sobre as pessoas que estão ocupando esses cargos e todas as vezes que tiverem reuniões queremos que eles participem conosco.

1. MOVIMENTO INDÍGENA: reuniões nas aldeias; intercâmbios (visitas para trocas de experiências); Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus – FOCIMP; Associação das Mulheres Indígenas do Médio Purus – AMIMP; Conselho da COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

2. ESPAÇOS COM O GOVERNO:

- a. Comitê Regional da FUNAI: **“O comitê vai levar o trabalho de participação de vocês para o planejamento da FUNAI, o representante leva a demanda de vocês para dentro da FUNAI. E assim podemos indicar onde tem um recurso para apoiar a produção, reuniões, etc. É para a gente planejar juntos”** Funai, CR Médio Purus.

- b. Conselho Distrital de Saúde Indígena do Médio Purus – CONDISI/ DSEI MRP (Distrito Sanitário Especial Indígena do Médio Rio Purus) **“Conselho local é o cara que dentro da aldeia vai tentar com o agente de saúde levar as propostas para o distrital”** Antonio Matias Souza, morador da aldeia Boa Vista.
- c. Conselho do Parque Nacional Mapinguari e da RESEX do Ituxi
- d. Conselho de Saúde do Município
- e. Conselho de Educação do Município
- f. Conselho de Educação Indígena Estadual
- g. SEIND – Secretaria de Estado para os Povos Indígenas
- h. Prefeitura

3. ESPAÇOS COM PARCEIROS QUE NÃO SÃO COM O GOVERNO:

CIMI; OPAN; IEB e outros que poderão vir e apoiar o trabalho.

“A gente tem que aprender a andar com as próprias pernas, não ficar engatinhando”
Rosileide Pereira dos Santos, liderança da aldeia Jacamim.

Para que participar desses espaços?

- ✓ Aprender;
- ✓ Pra se atualizar;
- ✓ Fazemos as regras juntos;
- ✓ Se informar;
- ✓ Exigir os direitos;
- ✓ Resgatar a cultura;
- ✓ Ensinar uns aos outros;
- ✓ São parceiros / apoiam a gente para a gente poder crescer.

POLÍTICA NACIONAL DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DE TERRAS INDÍGENAS – PNGATI (DECRETO N. 7747, JUNHO 2012)

A POLÍTICA agrega vários assuntos, é como eles discutem a solução da população, do que as pessoas precisam. A política vira um decreto que assegura tudo o que foi discutido. A política legaliza as coisas e não é decisão só de uma pessoa. Os indígenas tinham a política de saúde e educação, mas não tinham uma política de gestão territorial. É NACIONAL porque envolveu todo o Brasil e não atenderá apenas o Purus.

A história da PNGATI remete a década de 1970, quando começaram a discutir o ESTATUTO DO INDÍGENA, quando uma das principais bandeiras de movimento da época era a demarcação de terras. Em 1988 após uma forte discussão a partir da Constituição, a terra foi garantida e ficou sob a responsabilidade do governo federal. Desde então, não houve outras políticas que pudessem complementar essas ações e não havia nada escrito sobre a gestão desses territórios demarcados. A partir daí, o movimento indígena inicia um processo de discussão e luta para que pudessem ter suas terras demarcadas e organizadas de acordo com o pensamento de cada povo. Isso porque essas áreas demarcadas, as terras indígenas, tem muita coisa que o branco quer, tem muita pressão de fora. Além disso, o território que agora é limitado e precisa ser pensado e manejado de forma diferente para que não acabe seus recursos. A PNGATI foi criada para proteger o território e garantir que os povos indígenas consigam assegurar os seus

modos de vida dentro dessas áreas demarcadas. Foi uma das políticas feitas com uma maior participação popular, com participação de cerca de 2600 pessoas, nas cinco consultas regionais por todo o Brasil. Foi dividido por região – norte, sul, sudeste, centro-oeste e nordeste. Isso foi uma discussão que se iniciou nos Centros de Formação Indígena. A pergunta era: o que servirá de base para uma política nacional? E então foram ver junto às organizações indígenas regionais, pegaram os projetos de Gestão Ambiental e Territorial em Terras Indígenas - GATI², os Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas - PDPI, a Carteira Indígena³ que foram projetos que deram subsídios para se construir a política Nacional, e começou a montar os comitês para discutir um material que ia ser usado para as consultas. Essa foi a única política que nasceu de fato com a cara indígena. Se todas

2• A PNGATI foi elaborada de modo coletivo e participativo, por meio de um grupo de trabalho interministerial (GTI) paritário, composto por representantes do governo e do movimento indígena, e após uma série de consultas públicas regionais com os povos indígenas, suas comunidades e associações. Esse processo levou cerca de dois anos e foi modelado a partir de experiências anteriores de construção coletiva, quais sejam, a da formulação do Projeto de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas (GATI/FUNAI PNUD BRA 09/G32) e a da elaboração da proposta do novo Estatuto dos Povos Indígenas conduzida no âmbito da – hoje inerte – Comissão Nacional de Política Indigenista.

3• A Carteira de Projetos Fome Zero e Desenvolvimento Sustentável em Comunidades Indígenas - Carteira Indígena - é uma ação do governo federal, resultado de parceria entre o Ministério do Meio Ambiente - MMA, através da sua Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável - SEDR, e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS, através da sua Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SESAN, com o objetivo contribuir para a gestão ambiental das terras indígenas e a segurança alimentar e nutricional das comunidades indígenas, em todo o território nacional.

OS SETE EIXOS DA PNGATI SÃO:

- ✓ Proteção Natural dos Recursos Naturais;
- ✓ Governança e Participação Indígena;
- ✓ Áreas Protegidas, Unidade de Conservação e Terras Indígenas;
- ✓ Prevenção e Recuperação de Danos Ambientais;
- ✓ O uso sustentável dos recursos naturais e iniciativa indígena;
- ✓ Propriedade intelectual do Patrimônio Genético. **“Se alguém daqui diz que uma planta serve para dor da barriga e alguém de fora chega, pega, leva para o laboratório e verifica a veracidade, e depois faz uma patente, registra e torna dele para vender, como vai ficar a repartição desse benefício com as pessoas do local?” Evangelista;**
- ✓ Capacitação, Intercâmbio e Educação Ambiental.



as políticas tivessem essa participação indígena, elas atenderiam as especificidades de cada região do Brasil. E isso não só política indígena, mas outras também. Começou então as consultas públicas e em 2012 foi então aprovado o decreto pela presidente Dilma Rousseff.

“Hoje nós temos uma política que diz como será a gestão do território, tudo o que fazemos em nossas terras é previsto no decreto da PNGATI” Evangelista Apurinã, CTL/Funai Pauini.

“O plano de gestão nada mais é do que organizar o meio onde a gente vive. Quem vai dizer o que tem em cada plano são vocês” Francisco Ferreira da Silva, Focimp Pauini.

O Objetivo da PNGATI é “garantir e promover a proteção, a recuperação, a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais das terras e territórios indígenas, assegurando a integridade do patrimônio indígena, a melhoria da qualidade de vida e as condições plenas de reprodução física e cultural das atuais e futuras gerações dos povos indígenas, respeitando sua autonomia sociocultural”.

“Hoje não tem como mais a gente viver sem roupa. Não tem como voltar ao passado para viver aquele costume de antigamente. Se hoje estamos nos adaptando em um sistema que não era nosso, a gente tem que pensar em como extrair os recursos sem ter que desmatar todo o território. Pensar que a gente não vai viver só dali comendo. Parte também é vendido. O decreto garante isso. Ele chama isso de etnodesenvol-

vimento, eu prefiro falar de sustentabilidade” Evangelista Apurinã, CTL/Funai Pauini.

Um dos locais de governança dessa política é o Comitê Regional da FUNAI que acabou de ser pensado e criado, o papel desse representante do Caititu é saber quais são as demandas e os problemas e levar ao Comitê. ***“A escolha dos representantes do Comitê Regional foi decidido na reunião da assembleia do movimento. No regimento interno da Funai diz que tem que ter 15 representantes do movimento e 15 da Funai, mas em nossa região são 27 terras demarcadas e 15 em reivindicação, como ultrapassa o número há representante que são responsáveis por várias terra indígenas” Marco Mitidieri, Funai***

“A política está dizendo que vai apoiar, mas não está dizendo como. Então, agora precisamos continuar participando, dizer como isso deve ser feito. Assim, começa ser construído a PNGATI. O comitê regional veio com a reestruturação da Funai em 2009. Veio com a tentativa de chamar os indígenas para participar do planejamento da Funai. O comitê é formado por 15 indígenas e 15 servidores. Assim discutimos os diagnósticos e vemos o que tem de informação e tentamos planejar os recursos que vem. Então todas as ações que a Funai faz tem seus orçamentos, isso será discutido no comitê. Na prática, só teve uma reunião, em abril desse ano. Tem um representante do Caititu. Ele tem que chegar na reunião sabendo o que precisa, precisa conhecer a realidade das aldeias, conhecer o plano de gestão e levar para lá. Vão ser feitas reuniões regionais para as demandas serem levadas ao comitê” Funai, CR Médio Purus.



SÃO ÓRGÃOS DE GOVERNANÇA DA PNGATI:

- ✓ O Comitê Gestor da PNGATI;
- ✓ Os Comitês Regionais da FUNAI; e
- ✓ A Comissão Nacional de Política Indigenista – CNPI.

O Comitê Gestor da PNGATI, responsável pela coordenação da execução da política, será integrado por representantes do governo (50%) e representantes indígenas (50%) e está dentro da Coordenação de Políticas Ambientais (COPAM) da Coordenação Geral de Gestão Ambiental – CGGAM da Funai.

CABE AO COMITÊ GESTOR DA PNGATI:

- ✓ Promover articulações para a implementação da PNGATI;
- ✓ Acompanhar e monitorar as ações da PNGATI; e
- ✓ Propor ações, programas e recursos necessários à implementação da PNGATI no âmbito do plano plurianual, das diretrizes orçamentárias e do orçamento anual.
- ✓ A coordenação do Comitê Gestor da PNGATI será exercida de forma alternada entre as representações do Ministério da Justiça, do Ministério do Meio Ambiente e dos povos indígenas.



O DIAGNÓSTICO DA TI CAITITU E OS PESQUISADORES INDÍGENAS

IMARUTAPĒKA PUPŸKARY MIRITIKATA ITIXINHE IA PUPŸKARYWKURY PARĪKUWATAKARY

CAITITU KAARABONI-RA VAKA `OJOMO `IVINI NIHANINI, JOIMA VAKA `OJOMO `IKI JABONI BANA

YAMA SIBANARO TABORA CAITITU YA E KA OWA AMATI

Em outubro de 2011, a OPAN começou o Projeto “Conservação da Biodiversidade em Terras Públicas da Amazônia”, em parceria com USAID, IEB, CSF, ACT Brasil, Metairelá e Kanindé. O objetivo foi de contribuir para a conservação da biodiversidade e a gestão de terras indígenas e unidades de conservação no sudoeste da Amazônia brasileira, uma vez que a região sul do Amazonas e o norte de Rondônia tornaram-se a nova fronteira do desmatamento e hoje enfrentam problemas sociais e ambientais cada vez mais graves. As ações da OPAN que se desenvolveram na bacia do rio Purus junto aos Apurinã da TI Caititu, foi o fortalecimento da Focimp e a realização do Diagnóstico da TI Caititu, que levou dois anos para ser concluído.

O Diagnóstico da TI Caititu foi à base para Plano, pois foi o levantamento da terra onde tivemos a possibilidade de sentar para discutir o que havia na terra indígena. O trabalho foi feito pela Opan junto com os pesquisadores indígenas, pessoas da comunidade que ajudaram a coletar as informações do diagnóstico.

“Foi bom saber que temos muitas riquezas e não sabemos ainda como lidar com elas. Nós temos mais riqueza do que imaginamos e poderíamos resolver as coisas sem precisar pedir para a FUNAI” Marcilio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.

“Tem muitos recursos no rio Pussuari eu que não conhecia, que nunca foram usados e muitas coisas para serem protegidas. Muitas caças, muitos castanhais. É necessário proteger o rio Pussuari que lá é o grande recurso da TI Caititu” Marivan Nogueira de Almeida Apurinã (Sassá), pesquisador indígena da aldeia Novo Paraíso.

“Nossa comunidade, todos participaram e foi muito importante e gratificando esse projeto para a gente. Conversamos com nosso pai, fomos conhecendo melhor nossa comunidade. Quando começamos conversar com nossos parentes antigos a gente vê que não sabemos nada, que tem muitas coisas pra gente aprender. Meu pai (Sebastião Pereira Lima Bajaga) contava às histórias que eu nunca sabia. Foi muito importante, a gente acha que sabe e não sabe. Também vimos que nossa aldeia é mais rica do que a gente imagina, e a gente não dá valor” Ana Lima, aldeia Idecorá.

Para fazer esse Plano de Gestão também foram indicados pelas comunidades os pesquisadores indígenas que apoiaram o trabalho. Então, nós aproveitamos o material produzido junto com a Opan, como o mapeamento da nossa terra, para dar continuidade ao processo de mobilização já iniciado, prosseguindo a discussão sobre a gestão da nossa terra e incentivando jovens, mulheres e velhos a participarem.



A construção coletiva e pactuada do plano de gestão territorial e ambiental (PGTA) da Terra Indígena Caititu dará mais subsídios na busca de soluções aos problemas enfrentados pelo confinamento territorial, aumento populacional, aquisição de novas necessidades de bens e serviços e pressão intensa do entorno.

“O que foi feito não está perdido, vamos usar o diagnóstico, o mapeamento para continuar esse trabalho. O plano tem que ser usado como uma ferramenta de luta. A PNGATI garante o direito de vocês. Para trazer a política para o Caititu, vocês precisam construir o plano” Gustavo Silveira, Opan.



COMO FOI FEITO O PLANO DE GESTÃO DA TERRA INDÍGENA CAITITU?

KIRIPA KAMĀATARY IA PLANO DE GESTÃO IA PUPŶKARY MIRITIKATA ITIXINHE?

NIHANIKIA VANIA VAKAVA `IBODIVARANIJA IDA CAITITU KARABONI-RA BADAVANI `AVINI?

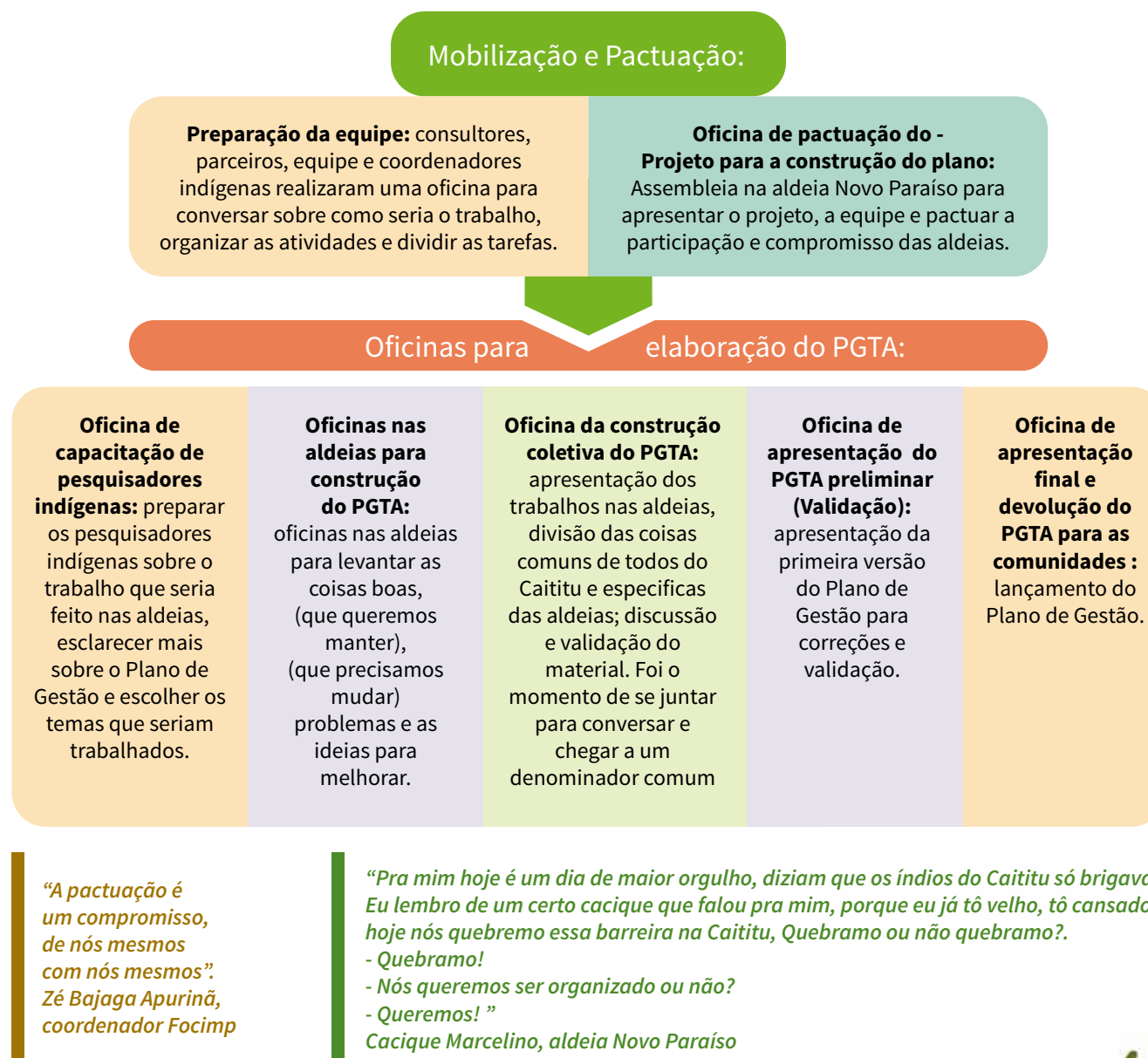
HIMATA NIMA RIBE E AHI NABA TABORA CAITITU?

Para fazer o Plano de Gestão da nossa terra realizamos reuniões e oficinas, conduzidas por consultores, parceiros, coordenadores indígenas e pesquisadores indígenas com participação das 22 aldeias. Os pesquisadores indígenas foram preparados para trabalhar nesse projeto e articularam as atividades dentro da sua própria aldeia. Esses pesquisadores foram apresentados e indicados pelas aldeias. A função deles foi ver a necessidade da comunidade e os projetos que tem para fazer nela.

As aldeias possuem contextos diferentes, como proximidade com a cidade, atividades produtivas desenvolvidas e graus diferentes de organização. O plano considerou essas particularidades, separando as questões que eram de todos da TI Caititu e as específicas de cada aldeia. Foi muito importante o trabalho ser feito internamente e todos falarem a mesma língua.

“A gente tá pensando o plano de gestão, é que a TI possa pensar com os seus próprios pés, que a gente não fique nessa visão assistencialista... não vai dar pra gente fazer um plano de gestão e dependendo de alguém fazer pra gente” Francisco Ferreira da Silva, Focimp Pauini.

A construção do Plano de Gestão da TI Caititu, teve base nas orientações da FUNAI para elaboração de PGTA's e na realidade de nossa região, sendo composta pelas seguintes etapas:



Essa situação da tutela, uma capacitação aqui, que esse cara tá dando, a pessoa aproveita e estuda, depois é ele o próprio indígena que tá fazendo a capacitação, é tirar nós da tutela pra nós mesmos fazer o nosso próprio trabalho, o parente não sabe fazer projeto e tem que contratar pessoa” Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.



“Ali parte um primeiro passo pras discussões no restante da nossa vida. Tudo agora é PNGATI e PGTA, pra acessar precisa estar nisso” Evangelista Apurinã, CTL/Funai Pauini.

“É uma honra estar mais uma vez aqui discutindo o Plano de Gestão. Foi muito bom ir nas aldeias onde não tinha ido e também naquelas que eu tinha ido há muito tempo. Conversamos na minha aldeia e estamos muito ansiosos com esse plano” Antonio Matias, morador da aldeia Boa Vista.

“Agradecer a todos, agradecer os pesquisadores, pedir desculpa se não contribui com alguma coisa. Isso teve bastante discussão, mas ao final a gente sempre concordava com o que os parente falava. Depende de nós mesmo decidir, não fiquei com raiva se não apoiaram algo que eu falei, apoio o que a maioria diz. Também sou um guerreiro. Pra ser indígena tem que ter caráter, responsabilidade” Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.

“Eu gostei dessa proposta que eu vi aqui. Gostei bastante em nós tudo unido aqui” Maria Ribeiro de Souza Apurinã (Dona Mariazinha), cacique da aldeia Arapaçuzinho.



“Quería agradecer todos, esse pessoal que estão com paciência, que deixaram sua família. Eu vi aqui todo mundo interessado, antes não tinha interesse e hoje vejo todo mundo falando, o que querem e o que não querem. Isso para nós é um avanço. O que eu quero é que não fiquei isso só no papel e depois não acontecer nada. Todo o pessoal vai passar o que foi tratado aqui, e se não funciona todo mundo desanima. A gente queria um esforço dessas entidades para podermos ter apoio nas comunidades” Raimundo Apurinã (Bofé), Cacique da Aldeia Japiim.

“Nesse trabalho que foi feito, a gente sentou. Esse trabalho é uma grande surpresa pra gente, ninguém estava esperando o que meu povo estava chamando de privilégio. Estava todo mundo ansioso de eu ter levado essa informação. A gente achou que era uma coisa de grande fundamento de grande resultado que moveu a comunidade inteira” Cacique Raimundo Pereira dos Santos Apurinã, Aldeia Cujubim.

“Nós sentemos, conversemo e nosso entendimento foi conversar devagarinho e tentar entender. Muita gente diz que reunião não dá funda-

mento. Nós temos que se unir, pros nossos filhos e bisnetos ainda vejam o que tem dentro da área. Quando o Sr. Rodrigo chegou na área, nós conversemos, sentemos, fizemos um lembrete do que tinha acontecido aqui, foi dificultoso em uma parte” Manuel Ferreira Gomes (Manuel da Moca), cacique aldeia São Sebastião

“Tem que acrescentar muitas coisa que faltou, a gente nunca teve uma reunião dessa, eu fiquei gostando bastante do nosso trabalho” Jaime Matias da Silva, Cacique aldeia Capurana.



O QUE NÃO PODE FALTAR NO MODO DE VIDA DAS PESSOAS QUE VIVEM NA TI CAITITU?

KIRIPA KUNA NEREKAKARY TAKANAPA ARAKARY IA KÃKYTY PUPŶKARY MIRITIKATA ITIXINHE AWAKAKARY

NAHINA KAINAMORIKI KAIMONI IJA `ARI VAIBAVIKI CAITITU KAARABONIA

TIWATI KATA MORIYAHİ TEKA TABORA KA YAMA YA CAITITU

- ✓ Primeiramente Deus;
- ✓ Boa assistência de saúde;
- ✓ Terra boa com fartura pra trabalhar e água de boa qualidade;
- ✓ União, sem ela não entraremos em um consenso. A união faz a força;
- ✓ Apoio dos órgãos e parceiros;
- ✓ Boa alimentação;
- ✓ Respeito uns pelos outros.

- ✓ Saúde, pois sem ela não podemos fazer as coisas do dia a dia;
- ✓ Trabalhar com força de vontade;
- ✓ Plantação;
- ✓ Alegria;
- ✓ Sossego, tranquilidade e paz na comunidade com todos;
- ✓ Cultura;
- ✓ Xingané;
- ✓ Parteiras;
- ✓ Família unida.

- ✓ Boa educação, alfabetização dos indígenas ficamos mais instruídos, e evitamos que nos enganem sobre os nossos direitos, com documentos errados;
- ✓ Material de trabalho: enxada, terçado, e outras ferramentas;
- ✓ Apoio técnico;
- ✓ Acesso nos caminhos;
- ✓ Agente de saúde;
- ✓ Conselho local e lideranças;
- ✓ Preservar o Igarapé;
- ✓ Energia e ramal.

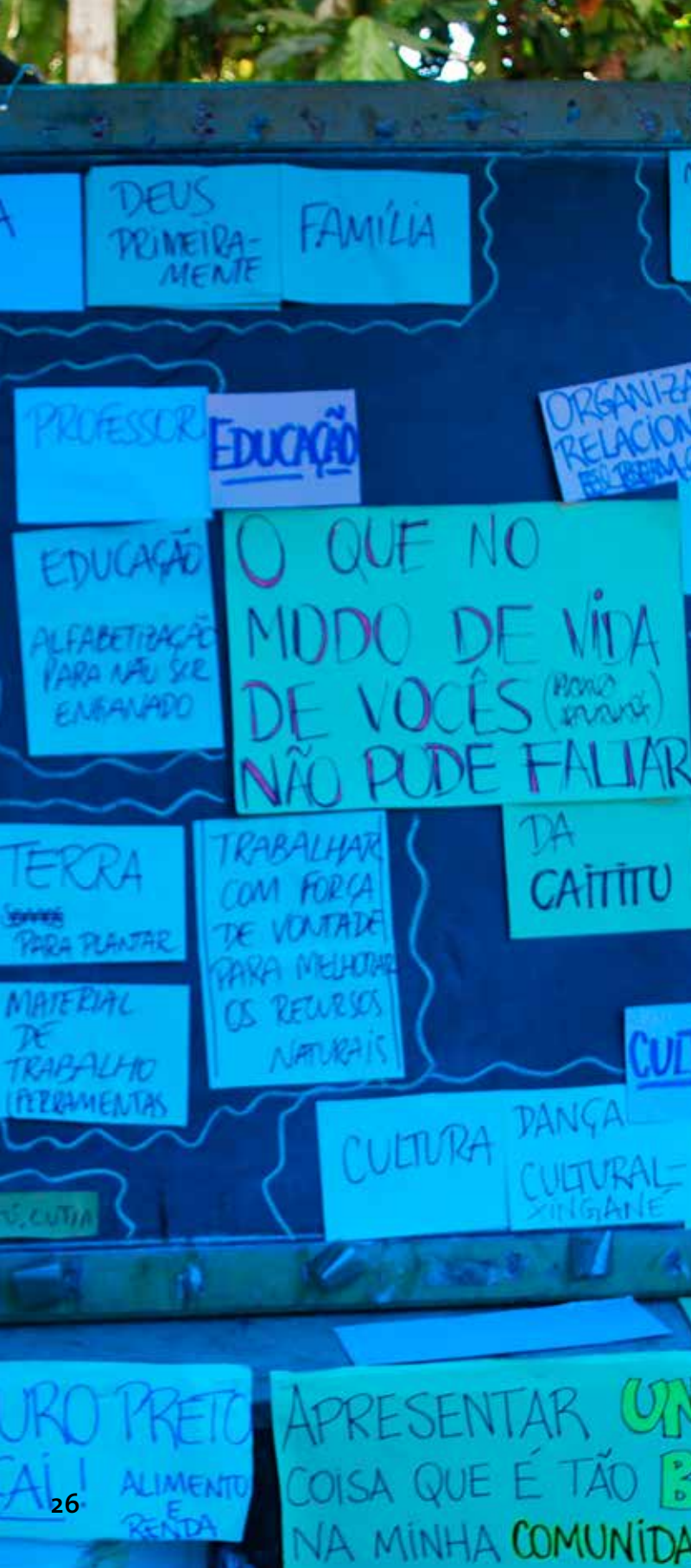
- ✓ Diálogo;
- ✓ Plano de trabalho;
- ✓ Histórias e alimentação tradicional e remédios naturais;
- ✓ Nosso Pajé (que faça bem para nós);
- ✓ Conservação do meio ambiente;

- ✓ Peixe, tracajá, matrinchã;
- ✓ Animais para caça: anta, viado, tatu, cotia. Frutas perto para ter a caça perto também;
- ✓ Professores;
- ✓ Comunidade ajudar na educação;
- ✓ Floresta em pé.

Grupo das crianças:

- ✓ Casa, açaí, laranja, abacaxi, pé de árvore, flor, farinha, macaco, abacate, tucumã, sol, nuvem, pesca, rio, peixe, motor e canoa, biriba, banana, casa de farinha.

“Eu estou muito emocionado porque vocês são o futuro” Cacique Marcelino Apurinã elogiando o trabalho das crianças.



Para validar os TEMAS que trabalhamos no Plano de Gestão, nós agrupamos as **“coisas que não podem faltar no modo de vida do povo do Caititu”** por semelhança, e para cada um desses grupos a gente deu um nome, ficando assim:

1. CULTURA: Xingané; Histórias.

2. SAÚDE: Boa alimentação; nosso pajé; par-teiras; plantas medicinais; agente de saúde; boa assistência de saúde.

3. EDUCAÇÃO: professores; comunidade ajudar na educação; alfabetização para não ser enganado; ter boa educação.

4. BEM ESTAR: Deus primeiramente; alegria; família unida; acesso nos caminhos e ramal; energia; casa; árvores, flor, sol e nuvem; sossego, tranquilidade e paz na comunidade com todos.

5. ORGANIZAÇÃO E RELACIONAMENTO: Respeito uns pelos outros; ter união; diálogo; conselho local; apoio de órgãos e parceiros; lideranças; plano de trabalho.

6. PRESERVAÇÃO: Natureza bem preservada; preservar o Igarapé; água de boa qualidade; ar puro para respirar; floresta em pé.

7. SUSTENTO: Animais (caça): anta, veado, tatu, cotia, macaco; peixes e pesca; canoa, remo e motor; tucumã, abacaxi, açaí, laranja, abacate, biribá, banana, batata, castanha, patuá, babaçu; farinha; frutas perto para ter a caça perto também; terra boa com fartura pra plantar; apoio

técnico, materiais, ferramentas de trabalho; trabalhar com força de vontade para melhorar os recursos naturais.

Essa foi a **visão de futuro** para a TI Caititu, ou seja, as coisas importantes que queremos ter e manter na terra indígena e por isso foram essas questões que trabalhamos no planejamento. O Plano é o documento onde está escrito **onde as comunidades do Caititu querem chegar**, e quais os **acordos e ideias que temos para chegar lá**.

“Eu canto a minha língua, eu sei a minha língua, eu sou índia. Não é só porque nós tamo colocando no papel que vai ficar só aí, tem que pôr na nossa cabeça. A gente põe o pé no chão, temos que levar orientar nosso povo, nosso neto que mora na cidade, orientar como é que vai ficar isso, não é dizer que só porque ele mora na cidade vamo chutar ele, todos nós têm direito. A terra nossa mãe, um dia ela come nós, não precisa fazer questão da nossa terra, nós vamo engordar nossa terra, o pó de nós é ela, tem que ter união, nosso primo, neto, cunhado, parente. Muito tempo escuto notícia nessa região, nesse Caititu, muito perigosa, quantas pessoas já morreram porque não tem união nesse Caititu? Porque nós somos cacique, será possível que um vai matar o outro? A minha parte eu vou fazer. É melhor cada um de nós se respeitar. Vamo tratar todo mundo pra ter união, escutar nossa língua, nossos bichos, nossas coisas. Agradeço que eu tô sabendo aqui, tô aprendendo, muito bom isso aqui, vamos continuar fazendo isso, que é bom pra gente” Cacique Nair Francisca da Silva, aldeia São José.

PLANEJAMENTO DOS TEMAS

IKAATUKU ITXAPANHIKU

VARA VAVANI `AKI KAIMONI-RA VAKAVA `IBADIVARANIVINI

HIMATANIMA E AHINIBE



Para cada TEMA (Educação, Cultura, Bem Estar, Organização e Relacionamento, Sustento, Preservação, Saúde) foi conversado nas comunidades três questões: as coisas boas e que precisam ser mantidas, as coisas ruins que precisam melhorar e quais as ideias que a comunidade tem para melhorar.

“O trabalho trouxe para mim e para o povo da minha comunidade muita orientação, passamos a conhecer muita coisa que a gente não sabia. Teve gente que disse que “isso não vai acontecer”, nós temos que ter fé, pelo menos a promes-

sa ficou bonita E quando fala de respeito se fala de organização. Quero que a gente pense no tipo de organização que os Zoró tem. Lideranças muito respeitada, com muito amor. Assim como eles chegaram, nós podemos chegar também” Cacique Raimundo Pereira dos Santos, aldeia Cujubim.

Depois, em Assembleia foi lido, discutido e priorizado todas as IDEIAS que era para a TI Caititu toda. As IDEIAS que eram específicas de cada aldeia foram discutidas apenas na aldeia, mas também entraram no plano.

“Temos que mostrar que podemos tocar nossa vida para frente, juntos. Vamos aproveitar essa oportunidade” Maria dos Anjos Nogueira, aldeia Novo Paraíso

“O Vereador chega aqui e junta todos os Cacicques e fala que vai fazer um monte de coisa. A gente diz: não! Nós queremos que você ajude o que está aqui, em nosso plano” Evangelista Apurinã FUNAI CTL Pauini.

CULTURA

TYWYTXI

VAKADIHOJAI

E ATI



A questão da perda da cultura indígena não é de hoje, isso já vem acontecendo desde 1500 quando os portugueses invadiram nossas terras arrancando nossa cultura e empurrando a deles, desde lá nossa cultura vem sendo perdida e tirada de nosso povo, precisamos urgentemente resgatar nossa cultura (Wederson Rodrigues da Silva, pesquisador indígena da aldeia Arapaçuzinho).

“Nós que somos pai tamo esquecendo nossa cultura, como nós vamos fazer, vocês perderam filho de vocês, bisneto de vocês, cadê na língua indígena, tem só nome apurinã, apurinã, apurinã, mas não fala na língua igual eu, waikai (...) se nós não somos apurinã, não fala. Nós tamo perdidos, o nome é apurinã, o pé, a língua, a mãe, mas apurinã esqueceu todo a cultura deles, é feio pra nós, como é que vai ser, como é o neto, o filho vai aprender? Os outros vai ensinar, só colocar o professor, aquele que sabe na língua, aí neto bisneto vai conseguir falar, velho como eu, cabelo branco não fala mais, tudo é apurinã tem que falar igual eu (....) a minha família tudo fala

porque aqui, acolá, eu fala com eles, e fala porque ouve do papai, ouve da mamãe, e se disser que não fala quando tá na cidade, com o prefeito, se não fala, deixou a cultura de vocês” Cacique Nair Francisca da Silva, aldeia São José.

“Eu como professor sou Paumari, eu sei falar na língua, eu ensino na língua, nós tamos perdendo a nossa cultura, falta de incentivo dos mais velhos, como a mamãe tem a vizinha que fala na língua isso é muito importante. As histórias nós já tivemos um pouco de conversa, nós vamos chamar a velhinha pra nós registrar as histórias pra deixar pros meninos, pros jovens que não sabem mais, mas pergunta dos meus irmãos, não sabem, eles vão ter que praticar e aprender como é a história do Paumari” Josiberto, professor do Cujubim.

“O nosso documento é a cultura, é a língua” Cacique Valdimiro Farias da Silva, Tapauá.

“Nossa cultura é nosso valor” Cacique Nair Francisca da Silva, aldeia São José.

“Queria falar das coisas que vinham acontecendo do tempo dos seus avós. Os artesanatos que acontecia antigamente, hoje está fazendo uma grande falta. Falta uma administração das pessoas mais veterana, que tem o conhecimento e falta passar para o futuro que está vindo atrás. Valorizar a cultura. Porque hoje queremos acompanhar o ritmo dos brancos. Estamos abandonando nossa cultura para seguir a cultura dos brancos, estamos certos ou errados?(...) Nós hoje vamos comprar 1kg de açúcar. Quanto é que custa? Nós temos terra pra plantar! Nós vamos lá e compramos colher. Quanto custa? Não podemos nós mesmo fazer? Não existe organizador dentro da comunidade para organizar essa cultura. Ensinar o jovem a usar o artesanato pra voltar a cultura de antigamente. Eu preciso de uma semente da Caripé? Quem é que tem? A gente tem que explorar, mas a gente tem que plantar também” Cacique Raimundo Pereira dos Santos Apurinã, aldeia Cujubim.

Essas foram as IDEIAS comuns para TODAS as aldeias da TI Caititu, já na ordem de prioridade:

Ordem de Prioridade	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
1º	Língua¹: No passado era comum ver indígenas falando sua língua materna, hoje raramente vemos isso, a não ser os antigos. Isso aconteceu porque muitos jovens perderam o interesse de aprender e levar adiante essa herança ou talvez porque simplesmente não foram ensinados, já muitos tinham que sair de suas comunidades ainda criança para estudar na cidade, e acabaram aprendendo o português e quando retornavam já tinham esquecido como falavam a língua materna, perdendo assim o costume de nossos antepassados. Queremos que nossos jovens aprendam novamente nossa língua, com os próprios anciões ou com professores que tenham a capacidade de ensinar exatamente como aprenderam, exatamente como era falado no passado. ✓ Alguns falam a língua, mas não sabem escrever na língua.	<u>Precisa de um trabalho dentro das comunidades:</u> ✓ As pessoas que sabem falar na língua, tem que falar só na língua dentro da comunidade para os jovens aprenderem; ✓ Incentivar as crianças a falar na língua. ✓ As crianças precisam buscar saber, perguntar sobre as palavras na língua para os mais velhos; ✓ As crianças e também os jovens precisam respeitar a língua materna; ✓ Precisa que a educação bilíngue seja feita nas aldeias do Caititu (que tenha professor capacitado na aldeia ou que um professor vá às aldeias ensinar), pois muitos não podem ir à cidade estudar. Também precisa de professor na língua nas escolas da cidade onde os Apurinã estudam. Para isso precisa de formação para os professores saber ensinar a língua materna e ter recursos para pagá-los; (Estudo deve ser na língua Apurinã, Paumari, Jarawara e Jamamadi também, quando for o caso) ✓ Com relação as aulas na língua que está acontecendo na cidade, seria importante ter aulas todos os dias, hoje só tem duas vezes por semana e nem todos podem participar. Para isso precisava de um local só para essas aulas; ✓ O ensino da língua deveria ser uma disciplina como as outras, pois hoje precisa ser feito fora do horário de aula; ✓ O povo precisa ir para a escola para aprender, precisam se interessar mais, precisa de algo que chame a atenção deles. Um incentivo, um esporte, uma bolsa de estudos (ajuda em dinheiro ou material, para poder se manter e estudar); ✓ Usar a cartilha na língua (que já existe) para aprender a ler e escrever, mas o material não está completo. Precisamos de mais material didático na língua para despertar o interesse das pessoas.

1• Texto de Wederson Rodrigues da Silva, pesquisador indígena da aldeia Arapaçuzinho

Ordem de Prioridade	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
2º	Histórias²: As histórias são uma das melhores heranças deixadas, já que através delas tomamos conhecimento do que acontecia com nossos pais, avós e antepassados, de como era a vida deles, de como pescavam, caçavam, onde e como viviam. Queremos que essas histórias nunca sejam esquecidas porque além de serem importantes para as próximas gerações, também são histórias de um povo que sobrevive há séculos. ✓ Nem todo mundo sabe contar as histórias tradicionais. Só os mais velhos que sabem as histórias, os mais novos não tem interesse.	<u>Precisa de um trabalho dentro das comunidades:</u> ✓ Os pais devem convidar os filhos para ir até os mais velhos para ouvir as histórias; ✓ Precisamos conhecer a cultura e histórias um do outro (Apurinã e Paumari) para respeitar; ✓ Os jovens precisam pedir aos anciãos para eles só falarem na língua, assim aprendem e podem conversar mais das histórias tradicionais. Precisa ter interesse. ✓ Reunir os anciãos que conhecem as histórias para fazer um registro e escrever um livro com as histórias tradicionais. O livro seria em na língua materna e em português. Tendo o livro, os professores também podem usar na escola.
3º	✓ Não há um local de referência para a cultura: local onde possa ter cursos, guardar os registros, histórias, etc.	✓ Ter um centro Cultural onde possa ficar o registro das histórias, materiais dos Apurinã (e também Paumari, Jarawara e Jamamadi), assim quando alguém precisar pesquisar ou quiser conhecer mais, pode ir lá buscar. <i>“Se você pega o livro didático você pega a história que é dos brancos, mas é muito importante a gente ter a nossa história, que nós possamos ter um local adequado de história, que a gente pudesse ter um centro cultural. Nós sofre com coisas, dor de barriga, o nosso filho nasce aleijado, sai com defeito porque nós estamos casando com gente que é do nosso mesmo clã e a gente não sabe”</i> Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.
4º	Artesanatos³: Uma herança cultural que ainda existe na comunidade é o artesanato, mas que não é feito com tanta frequência assim, e por isso os mais velhos temem que o artesanato seja mais uma herança esquecida, e de que os jovens não queiram aprender e assim não seja mais passado adiante. Queremos que principalmente os jovens das aldeias sejam ensinados desde criança a fazer os artesanatos como: abanos, cestos, balaies, vassouras, artesanatos de barro, entre outros e que tenhamos um lugar para vender nosso artesanato. ✓ Venda de artesanato é difícil, não é valorizado; ✓ Algumas pessoas não sabem fazer ou usar o arco e flecha.	✓ Precisa encontrar mercado para a venda dos artesanatos e organizar a comercialização junto das aldeias, respeitando os usos tradicionais, de acordo com a cultura do povo; ✓ Precisa encontrar compradores para os artesanatos que paguem o preço justo pelo tempo de trabalho; ✓ As mulheres da TI Caititu precisam se fortalecer na forma de organização para retomar o apoio com o artesanato. Precisa ter outras pessoas na linha de frente, que será combinado uma porcentagem para venda os artesanatos; ✓ Precisa de projeto e curso para capacitação de artesãos e troca de experiências. Precisa de um recurso para pagar as professoras artesãos e para compra dos materiais e ferramentas para fazer os diversos tipos de artesanato.

2• Texto de Wederson Rodrigues da Silva, pesquisador indígena da aldeia Arapaçuzinho

3• Texto de Wederson Rodrigues da Silva, pesquisador indígena da aldeia Arapaçuzinho

Ordem de Prioridade	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
5º	Falta de interesse, de conhecimento e reconhecimento: ✓ A sabedoria que os mais velhos têm, os mais jovens não estão aprendendo ou não querem aprender, muitas vezes tem vergonha. Isso é com a língua, dança, música, vestuário, pintura e comidas tradicionais (alimentação de cada Clã); ✓ As pessoas estão abandonando a cultura; ✓ Por que estão perto da cidade as crianças não querem mais falar na língua e não querem cantar mais.	<u>Precisa de um trabalho dentro das comunidades:</u> ✓ Os mais antigos têm que por em prática o conhecimento tradicional, porque daí os mais novos vão aprendendo. Incentivar os que já sabem e também as pessoas que querem aprender; ✓ Precisa ter paciência para ensinar e aprender; ✓ Fazer um trabalho para resgatar o conhecimento tradicional com os mais velhos. Fazer uma lista com os alimentos dos Clãs e ensinar isso para os mais novos; ✓ Os pais devem ensinar os filhos a falar na língua, desde pequeno. E também deve ensinar as comidas tradicionais. Não é porque estão perto da cidade que tem que esquecer a cultura. ✓ A gente quer que tenha um encontro onde vamos juntar todo mundo para fazer o resgate da cultura: elaborar uma semana de festa cultura no Caititu para resgatar a cultura Apurinã e Paumari, conhecimentos tradicionais, dança tradicional, artesanato e alimentos.
	Festas e Danças Culturais⁴: o xingané, uma dança cultural que foi sendo esquecida ao longo do tempo, não só pelos jovens da comunidade, mas também pelos anciões e que precisa ser resgatada. No passado essa dança era um meio de encontro entre os povos, reencontrar os parentes, era onde os indígenas festejavam e comemoravam por vários motivos, seja por uma boa pesca, uma boa colheita, uma boa caça, homenagear os que já morreram, etc. Enfim uma forma de fazer amizade, conhecer melhor uns aos outros, e fazer a aproximação da comunidade com outras, já que ficavam reunidos não só pela dança, mas também pelo prazer de estarem reunidos. Hoje essa dança não existe mais em nossa comunidade, não existe em nosso cotidiano e queremos resgatar essa dança, resgatar nossa herança, resgatar o que foi perdido. ✓ Não fazemos mais as festas tradicionais dos Apurinã e também dos Paumari; ✓ Muita gente não conhece as músicas culturais.	✓ Convidar as pessoas que sabem para ensinar e praticar com quem não sabe. Convidar os anciões para contar história da alimentação e o jeito certo de usar, conforme cada festa; ✓ Valorizar a alimentação tradicional que são importantes para as festas e danças; ✓ Capacitar às pessoas na dança e nos cantos, aproveitando também os encontros que tem.
	Estamos esquecendo nossas pinturas	✓ Precisamos conhecer as pinturas e seus significados; ✓ Convidar as pessoas que sabem para ensinar; ✓ Precisamos usar as pinturas, principalmente nos encontros.

4º Texto de Wederson Rodrigues da Silva, pesquisador indígena da aldeia Arapaçuzinho com adaptações do Cacique Zé Inácio e Raimundo Bofé

**“É por isso que os brancos pisam em nós, porque nós vamos atrás deles tendo a nossa cultura”
Cacique Raimundo Pereira dos Santos Apurinã, Aldeia Cujubim.**

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS NA ALDEIA E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Boa Vista	✓ A aldeia ainda mantém alguns costumes indígenas como artesanato com barro e cipó; ✓ Os mais velhos sabem falar na língua, entendem e conhecem um pouco das histórias.	✓ Falta apoio para produção e comercialização do artesanato indígena, por parte dos órgãos competentes. Os materiais para artesanato ficam longe da aldeia: fazer intercâmbios (troca entre as comunidades) e capacitações para envolver mais pessoas; ✓ Precisa de combustível para ir buscar os recursos para os artesanatos que ficam longe da aldeia. Primeiro precisamos do apoio da Funai, Focimp e Amimp. Depois quando a venda estiver com uma saída boa a comunidade vai se organizar para reservar esse recurso; ✓ Ter um local (casa de apoio) na comunidade para a venda dos artesanatos e a própria comunidade se organizará para venda fora da aldeia (cidade e festas).
Cujubim e Capurana	✓ Temos pessoas mais velhas que sabem falar na língua; ✓ Temos pessoas que tem muitos conhecimentos que podem ser passados, como: artesanato, potes de barro, paneiros, danças e cantos).	✓ Colocar plaquinhas com nome na língua das coisas que tem na comunidade; ✓ Escolher um dia da semana para fazer contação de histórias;
Bela Vista	✓ Temos uma pessoa que sabe falar na língua; ✓ A gente tem terra para resgatar a nossa cultura; ✓ O cacique Edmilson quer ensinar tudo que sabe sobre a cultura, para os filhos e netos; ✓ Temos uma pessoa que sabe as histórias.	✓ Precisamos voltar a contar as histórias dentro de nossa comunidade; ✓ Não temos as flechas, pois o flechal ainda não está pronto para o uso, quando estiver faremos as flechas.
Arapaçu	✓ Tem uma pessoa da comunidade que sabe cantar o Xingané e dançar quase todos sabem; ✓ Tem macaxeira, cara, milho, batata para fazer a caíçuma; ✓ Tem tipari pra fazer mingau; ✓ Tem uma pessoa que sabe a língua materna, e a cacique entende; ✓ Os moradores tem vontade de aprender a língua; ✓ Tem professor na cidade duas vezes por semana pra ao ensino na língua; ✓ A cacique e a filha faz artesanato (potes, abano, peneira, vassoura) e gosta de ensinar; ✓ Tem caripé e barro perto da aldeia.	✓ Precisa preparar um local plano na aldeia para dançar o Xingané; ✓ Norá pode vir ensinar a dança no Arapaçuzinho; ✓ Convidar as pessoas mais velhas para vir contar as histórias; ✓ A Cacique Mariazinha já preparar a aldeia para fazer o Xingané uma vez por ano; ✓ Precisa do breu do Jatobá e lixa para o acabamento dos potes que aqui não tem;
Arapaçu	✓ Tem conhecimento sobre a cultura Paumari, incluindo a língua, e conhecimento sobre artesanato – canoa, abano, paneiro, anel, pulseira, cesto, peneira.	✓ Incentivar os moradores a fazer o artesanato; ✓ Contratar artesão para ensinar como fazer o artesanato (pode ser da própria comunidade) e ter recurso para eles; ✓ A comunidade não tem conhecimento sobre a cultura Apurinã: precisa resgatar (língua, histórias, dança).
Idecorá	✓ Pajelança; ✓ Medicina tradicional; ✓ Artesanato em geral; ✓ Festejo de São Sebastião.	✓ A comunidade deve participar do projeto bilíngue para aprender a língua e uma vez por semana se reunir durante uma hora para aprendizado da língua.

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS NA ALDEIA E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
São Sebastião	✓ Tem uma pessoa que sabe fazer os artesanatos (paneiro, abano, vassoura, peneira, pote); ✓ Usamos flecha para flechar peixes; ✓ A gente faz o beiju pra comer.	✓ Ninguém sabe as danças e músicas: convidar pessoas que saibam cantar e dançar para vir aqui ensinar a gente; ✓ Não fazemos mais os brincos, anéis e pulseiras porque não temos ferramentas: precisamos de ferramentas para fazer os artesanatos; ✓ Não temos o barro pra fazer os potes, só temos o caripé: podemos um intercâmbio com os parentes e a gente leva o caripé e eles levam o barro.
São José	✓ Todos conhecem e comem as comidas tradicionais, do mato; ✓ A aldeia tem professor que fala na língua indígena. Ele dá aula na aldeia uma vez por semana e duas vezes por semana na cidade. Ensina adultos e crianças; ✓ Todos na aldeia entendem na língua e a maior parte também fala; ✓ Anualmente tem o Xingané, uma dança valiosa que chama os animais para perto; ✓ A maior parte da aldeia sabe fazer potes e as crianças estão aprendendo; ✓ Tem muitas pessoas que fazem o artesanato como – anel, pulseiras, tanga, cordão de tucumã, anajá, murumuru, marajá, paxiubinha, açaí, jarina, cumaru; ✓ Quase todos sabem fazer pintura de jenipapo e urucum.	✓ Dona Nair irá começar a ensinar os netos e bisnetos sobre o xingané; ✓ Antes na aldeia todo mundo falava na língua, por isso está sendo difícil aprender o português. Hoje quem sabe o português não está mais falando na língua, estão esquecendo: com o tempo, o professor da São José poderia voltar a dar aulas aqui na aldeia mesmo; precisava ter um incentivo para os adultos terem vontade de voltar a estudar a língua (para material, calçado, roupa). Hoje o professor da São José faz a cada 15 dias um torneio, mas faltam os materiais adequados; ✓ Para fazer os potes precisa do caripé, que é muito longe, às vezes demora meio dia ou mais para encontrar. Não há muito conhecimento sobre as sementes do caripé: precisa conhecer, se informar sobre as sementes, como coletar, a época boa para colher, como plantar; precisa plantar caripé perto da aldeia. ✓ Tem pessoas na aldeia que ainda não sabem fazer artesanato (abano, vassoura, paneiro) e querem aprender, só que os materiais (ambé, titica, arumã) estão cada vez mais longe e os brancos também tiram. Precisa aprender a fazer o manejo dos cipós, tirar certo para não perder, tirar de um modo sustentável. Os mais velhos precisam ensinar os que não sabem.
Nova Esperança II	✓ A produção de farinha, a união da comunidade e o trabalho em mutirão.	✓ Precisamos melhorar, precisamos de um instrutor que seja conhecedor da cultura Apurinã.
Irmã Cleuza	✓ Temos cacique; ✓ Ainda respeitamos a linhagem do Xawapuryry (come porquinho) e Maity maty⁸ (come nambu galinha); ✓ As mulheres ainda trabalham com alguns artesanatos: vassoura, paneiro, pulseira, etc.	✓ Incentivar os moradores a fazer o artesanato; ✓ Precisamos participar do projeto bilíngue para aprender a língua materna; ✓ Precisamos de um instrutor que seja conhecedor da cultura Apurinã e que repasse para nós, jovens e crianças. Precisamos de apoio de alguém que sabe a cultura verdadeira, precisamos de um profissional na nossa comunidade.
Novo Paraíso	A nossa cultura é o plantio de mandioca, a macaxeira, o abacaxi, a banana, a pupunha, a farinha, caiçuma, aluá e família junta e unida.	✓ Dar valor a nossa cultura como a língua materna, o artesanato, dança, pintura e ter nossas bebidas como caiçuma e aluá de abacaxi; ✓ Precisamos do apoio de alguém que sabe, precisamos de um profissional na nossa comunidade.
Paxiúba	✓ A cacique fala a língua Apurinã; ✓ Algumas pessoas da comunidade ainda fazem artesanato como vassoura, paneiro, abano, panela, tacho, prato. Fazemos só para nosso uso.	✓ Queremos vender os artesanatos para que as pessoas conheçam e vejam o trabalho.

8• Os nomes na língua materna foram registrados de diferentes maneiras. Na literatura é descrito como: Xuapuryry e Metymanty., segundo Wanderley, Elaine. É pote de parente antigo! A relação de indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu com os sítios e objetos arqueológicos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém, 2013.

SAÚDE

PEEREKARY

KAVAMONI KAVARANIHI

TITAMI NINI



“Ainda não tem esse rezador pra rezar pra malária ... todo dia eu vejo alguém da aldeia no posto, a carne já tá toda contaminada. A gente quebra uma perna, um braço no meio da mata, a gente tem o leite de sucuba, tem gente que hoje em dia tá sem o braço curando na cidade, mas põe o leite de sucuba que melhora em pouca semana, se nós temos remédio vâmo acreditar no nosso remédio” Cacique Raimundo Pereira dos Santos Apurinã, aldeia Cujubim.

“Nós somos riquíssimos de remédio tradicional, mas damos crédito mais na medicina de remédio mas é onde que a gente se engana, porque sara um e espoca outra doença, a medicina tradicional ela não prejudica os ossos, esse remédiozinho vem aí, mas é através do nosso conhecimento, aí os cientistas vem usa o nosso remédio faz aquela pesquisação e mistura com

produto químico e faz esses remédio. Então nós somos muito sábio, somos muito inteligente, um remédio que é casca de angico que é ótimo pra gripe, você raspa casca de jatobá pega o pozinho pra ferida, a folha da coirama com a folha do algodão roxo, se tiver com infecção urinária você tira o sumo e tira, nós se prendendo com o remédio de farmácia” Rosileide Pereira dos Santos, liderança da aldeia Jacamim.

“A nossa cultura vai ficar assim, era uma vez... não sabe se é verdade ou se é mentira ... os pajés terminaram porque tinha muita briga, causava feitiço no outro, e pra voltar tem que ter bastante união” Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.

“Tinha pajé que ficava tempos atrás disputando um com o outro, naquele tempo eles não tinham

consenso [...] Tem doença que é pra pajé, mas tem doença que não é pra pajé, tem doença que é espiritual. [...] Nós quer um pajé que faça bem pra nós e não que faça mal, não que coloque arabani em nós. Eu defendo a parte dos pajé, ele pode curar, o que ele não pode curar pode ir pro médico. O cara precisa ter dom, precisa querer ser. O pajé na realidade não tinha vários era pouco. A história do pajé é isso, tem estudo. Precisa ter coragem”. Francisco Jacinto de Almeida – Cacique Marcelino, aldeia Novo Paraíso.

“Tem que diferenciar o curador do pajé, o rezador é outra coisa, o pajé cura o espírito que vem do mato, o rezador é a doença que vem do ar. O macumbeiro é o pajé mal, a gente precisa do pajé curador e não do macumbeiro” Francisco Jacinto de Almeida – Cacique Marcelino, aldeia Novo Paraíso.

Essas foram as IDEIAS comuns para TODAS as aldeias da TI Caititu, na ordem de prioridade:

Ordem de prioridade	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
1º	✓ Muitas aldeias não tem água potável (na seca a água do rio fica muito suja e dá muito problema de saúde);	✓ Queremos a construção de um poço artesiano em cada uma das aldeias que não tem, sendo elas: Castanheira, Irmã Cleuza, Macedinho, Arapaçu, São Sebastião, Jacamim, Capurana, Cujubim, Bela Vista, Idecorá, São Domingos, Arapaçuzinho, Vila Nova, São Francisco, Japiim, para melhorar a qualidade da água que bebem e usam; ✓ Precisa de rede de abastecimento para as casas em todas as aldeias (caixa e encanamento).
2º	✓ O AIS não tem capacitação (a última foi em 2004) para emergência quando não tem técnico de enfermagem nas aldeias; ✓ O AIS não é valorizado como profissional; ✓ O AISAN não tem capacitação (todo ano promete e não sai).	✓ Deve-se pensar a formação profissional para o AIS e AISAN; ✓ É obrigação da Sesai oferecer uma formação continuada ao AIS e não está acontecendo, deveria ser pelo menos duas vezes por ano (5 no total) com duração de 30 dias, trabalhando prevenção e doença. A capacitação deve também abordar os conhecimentos sobre os medicamentos tradicionais. Envolver a secretaria de educação do município e do estado para apoiar a conclusão do ensino fundamental e médio dos AISAN e AIS; ✓ Precisa de duas pessoas capacitadas por comunidade, já que o AIS tira férias e não consegue parar de trabalhar. Esse suplente deve ser contratado no período de ausência do titular; ✓ O AIS precisa ter o ensino fundamental completo (respeitar isso); ✓ AIS e AISAN precisam ter o papel mais claro nas comunidades e precisam trabalhar com prevenção (educação em saúde); ✓ A comunidade precisa avisar o AIS sobre as necessidades que devem ser atendidas para que a equipe de enfermagem que vem na área possa estar preparada; ✓ O AIS precisa saber quando a equipe de enfermagem vai para a área e avisar a comunidade; ✓ IFAM está com as portas abertas para fazer um curso de capacitação para agente de saúde indígena. Precisa elaborar uma proposta com eles.
3º	✓ Em muitas aldeias não há meios de transporte para fazer a remoção de um paciente da aldeia. No verão é mais complicado, pois não há apoio suficiente para arrumar o ramal, nem pra a limpeza dos igarapés. ✓ Quando precisa de transporte, a SESAI não providencia e quando faz tem que ir até a boca do Caititu.	✓ Precisa haver condições para os pacientes saírem da aldeia caso haja necessidade. As aldeias precisam ter barco para o inverno e moto com carroça ou carro, no verão para as aldeias que precisam passar por um caminho seco; ✓ A Sesai precisa ter uma moto disponível para carregar um paciente da aldeia quando precisa; ✓ A equipe de enfermagem e AIS precisam de um meio de transporte disponível quando estão trabalhando em área; ✓ As aldeias que devem escolher os motoristas dos polos, respeitando o que foi combinado no início e tem que ter capacitação e compromisso dos motoristas; ✓ Precisa ter combustível na aldeia reservado para o caso de emergência. Precisa devolver as aldeias o combustível de ida e de volta, assim fica sempre uma reserva; ✓ Precisamos buscar apoio para tirar as habilitações dos indígenas.

Ordem de prioridade	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
4º	✓ As comunidades não sabem o que fazer com o lixo, principalmente plásticos, latas, vidros e lixo tóxico (pilhas e baterias)	✓ Precisa ver qual comércio em Lábrea faz o recolhimento de pilhas e baterias. Se não houver, precisa lutar por um estabelecimento que recolha conforme previsto por lei; ✓ Precisa achar uma solução para a disposição do lixo nas aldeias, pois ainda não há. As comunidades precisam se mobilizar e junto com os órgãos, parceiros (e AISAN) encontrar uma solução definitiva para os lixos nas aldeias.
5º	✓ Falta de um local adequado para os profissionais de saúde fazer o atendimento nas aldeias, muitas vezes o atendimento é feito na escola atrapalhando as aulas, e com todo mundo junto (homens, mulheres, crianças), não tendo privacidade.	✓ Precisa negociar com a Sesai e Funai a construção de um posto de saúde para cada aldeia (só há posto de saúde na aldeia Irmã Cleuza e Japiim). Esse local é necessário para que as pessoas tenham um atendimento individual, para armazenar os medicamentos e para não atrapalhar as aulas da escola.
6º	✓ Falta de comunicação: a comunicação com a CASAI é muito ruim. Não tem ninguém que faz o atendimento na radiofonia da CASAI. O contato pelo telefone também é difícil. ✓ Só a Irmã Cleuza tem radiofonia.	✓ Precisa contratar radialista/ telefonista capacitado para atendimento da radiofonia e telefone na CASAI, precisa de atendimento 24 horas; ✓ Todas as aldeias precisam de algum meio para comunicar uma emergência, podendo ser radiofonia, antena de celular ou telefone rural. A prioridade é para as aldeias mais distantes (São Sebastião, São Domingos, Jacamim, Capurana, Bela Vista, Cujubim, São Francisco, Japiim); ✓ Precisa de uma oficina para as pessoas que irão usar a radiofonia (uso e cuidados);
7º	✓ Ausência de uma equipe completa nas ações de saúde na aldeia e não há o medicamento necessário, pois só o médico pode prescrever. Antigamente com a FUNASA ia nas aldeias médico, técnico, enfermeiros, dentista, vacina, preventivo para as mulheres e hoje não vem mais.	✓ Precisa vir uma equipe multidisciplinar (técnico de enfermagem, dentista, médico e enfermeira) para ações de saúde na aldeia como: palestras, vacinas, ações de limpeza e atendimento; ✓ Queremos uma equipe multidisciplinar em área quatro vezes por ano ✓ Precisa encaminhar os pacientes para equipes especializadas quando a equipe de enfermagem não sabe/ resolve o problema; ✓ Precisa ter um termo de compromisso dos profissionais que forem trabalhar nas aldeias com saúde (profissionais e lideranças), assumindo a responsabilidade do trabalhar na aldeia e cumprindo a obrigação de ir para as áreas.



Ordem de prioridade	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
8º	✓ Não tem ações de prevenção nas aldeias, não há capacitação dos profissionais para fazer prevenção; ✓ Alguns profissionais não são comprometidos e só trabalham pelo dinheiro, nos papéis parece que está tudo bem, mas na realidade não está. Os profissionais ficam pouco tempo em área e chegam com pressa de ir embora.	✓ A equipe de enfermagem precisa trabalhar mais com prevenção do que com doença, realizando palestras sobre água, alimentação, lixo, orientações e incentivar a comunidade a usar a medicina tradicional também. Mesmo quando não há paciente para fazer atendimento, a equipe deve ficar e fazer o trabalho de prevenção; ✓ Os alimentos da cidade não tem a mesma qualidade e podem provocar doenças como diabetes, pressão alta e podem afetar o coração: contratar uma nutricionista para passar nas aldeias fazendo palestras e falando sobre alimentação; ✓ Tem que melhorar o atendimento pela equipe de enfermagem. A SESAI precisa inserir o AIS na equipe, trabalhar mais com esse profissional que conhece a realidade da comunidade e pode ajudar a equipe na preparação das ações em área; ✓ A equipe de enfermagem deve respeitar o tempo determinado para a permanência nas aldeias.
9º	✓ O medicamento tradicional não é valorizado; ✓ Tem muitas pessoas que não usam mais os remédios caseiros.	✓ Fazer uma oficina na CASAI ou em outro lugar escolhido por todos, sobre remédios tradicionais listando as funções da planta junto com as pessoas do Caititu que conhecem; ✓ Fazer um intercâmbio sobre medicina tradicional no Caititu, entre as pessoas que tem conhecimento dos remédios tradicionais junto aos agentes de saúde para trocar experiências; ✓ Precisa resgatar e incentivar o uso dos remédios caseiros. Ter um encontro para troca de experiências e incentivo ao uso dos remédios caseiros e produzir uma cartilha interna com os conhecimentos, essa cartilha é de propriedade do povo da TI Caititu e os devidos cuidados com o vazamento de informações devem ser tomados; ✓ Trabalhar com a formação das parteiras e pajés.
10º	✓ O AIS não tem a medicação na aldeia (vem soro, paracetamol, dexametazona. Muitas vezes só tem paracetamol, as vezes nem isso). Eles prometem o kit completo, mas falta muita medicação quando o AIS vai buscar; ✓ A compra de medicamento por pregão dificulta muito.	✓ A SESAI precisa fornecer mensalmente o kit com a medicação básica necessária ao AIS. Tem que pedir os medicamentos que tem muita saída. Ter aparelho para medir pressão arterial, um estetoscópio e termômetro digital para o AIS; ✓ Os remédios que vão para aldeia devem ter prazo de validade de no mínimo um ano; ✓ Que a Sesai possa criar e capacitar uma equipe que possa auxiliar o processo de pregão dos medicamentos.
11º	✓ Hoje o técnico de enfermagem é de fora, branco e não conhece a realidade. Além disso, logo vai embora quando pega experiência.	✓ Precisa da contratação de dois técnicos de enfermagem/enfermeiro indígena para compor a equipe que queiram trabalhar na aldeia; ✓ Precisa ser priorizado os indígenas formados na área da saúde nas contratações profissionais da área de saúde.

***“Passamos horas na Funai e Sesai sem saber se seremos atendidos, os mais chegados são atendidos primeiro: queremos ser bem atendidos e respeitados”
Ana da Silva Maia, professora da aldeia Irmã Cleuza.***

PÓLO CHICO CAMILO:

- Tem encaminhamento pelo AIS, mas não tem agendamento com o médico. Nem sempre conseguem ficha para consulta quando vem da aldeia. Além disso, eles (AIS e equipe de enfermagem) não dão encaminhamento para o ginecologista;
- As pessoas que vão da aldeia para ser atendido no Polo Chico Camilo quando chegam está lotado e sem vaga. Precisa mudar, pois não está funcionando;
- O médico do Polo Chico Camilo não vem para a área.
- Precisa ter atendimento prioritário para quem mora na aldeia;
- Precisa ter atendimento diário;
- O AIS e enfermeira tem que dar o encaminhamento pra todo tipo de médico que precisar;
- As pessoas precisavam ter uma carteirinha do cadastro no Polo que deve ser apresentada para ter atendimento prioritário quando chegam;
- Precisa conscientizar a população sobre o público do polo Chico Camilo. FUNAI, SESAI e FOCIMP podiam apoiar essa reorganização do atendimento no polo;
- Precisa também melhorar o acompanhamento dos profissionais para os exames, garantindo o atendimento prioritário.



A seguir, estão as IDEIAS específicas de cada aldeia:

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Boa Vista	✓ Tem ações da Sesai periódicas na aldeia.	✓ Para o encanamento completo e caixa d'água para as casas, e banheiro comunitário na aldeia a comunidade, com o conselheiro distrital, local e parceiros, vão propor um projeto para a SESAI; ✓ Precisa de equipamento como motor roçadeira para limpeza da aldeia
Capurana e Cujubim	✓ Tem AIS e enfermeira que vem duas ou três vezes por ano	✓ Exigimos que a Sesai mande enfermeiros mais vezes, de 15 em 15 dias e que eles tragam os remédios necessários; ✓ Precisa de uma voadeira com motor para fazer o transporte dos pacientes; ✓ As pessoas mais novas não acreditam nas plantas medicinais; ✓ fazer uma lista das plantas medicinais que servem para cada coisa; ✓ fazer uma farmacinha das plantas medicinais; e ✓ testar antes as plantas medicinais para provar a cura.
Bela Vista	✓ Alimentação com variedade: peixes, carnes, frutas.	✓ Precisamos de casas boas, feitas de alumínio e teladas para impedir a entrada dos mosquitos da malária e assim reduzir os casos (com ajuda dos órgãos); ✓ Precisa contratar um AIs e um AISAN. Tem um microscopista formado na aldeia que poderia ser contratado para trabalhar com as aldeias do Puciari; ✓ Precisa da doação de uma voadeira para a comunidade, pois não há como transportar um paciente da aldeia que é longe e a viagem leva dois dias.
Castanheira	✓ Tem AIS e AISAN; ✓ A equipe de enfermagem vem uma vez por mês.	✓ Tem pessoas que não saem da aldeia com frequência e não tem condições de se manterem na cidade por um tempo para algum tratamento, por isso precisa ter atendimento médico com mais frequência na aldeia (a cada 15 dias)
Irmã Cleuza	✓ Tem visita da técnica de enfermagem todo mês; ✓ Tem radiofonia; ✓ Tem agente microscopista e AIS;	✓ Não estamos sabendo das capacitações e não tem convite, muitas vezes só é avisado pela rádio da cidade. Já aconteceu de ter capacitação do AIS e o agente da aldeia não saber e também teve capacitação da parteira pela AMIMP e não veio convite para cá: precisa comunicar a aldeia por radiofonia para as capacitações para podermos participar; ✓ Pólo Japiim não está servindo para nós, estamos em outro rio, muito longe (12 km) e não dá certo: queremos ligação direta com a CASAI; ✓ A técnica de enfermagem fica somente 8 dias: precisamos de mais dias dos profissionais na aldeia – 15 dias; ✓ O motorista fluvial não tem carteira e não foi contratado pela SESAI. O motorista também não foi convidado para a capacitação. Na capacitação participaram somente duas pessoas da Japiim e que são os motoristas: precisamos de um motorista fluvial contratado da Irmã Cleuza, com carteira e capacitação.
Macedinho	✓ Constantemente vem técnica e enfermeira fazer visitas; ✓ Tem AIS; ✓ O atendimento na cidade está melhor, tem médicos.	

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Arapaçu	✓ Tem boa alimentação; ✓ Tem agente de saúde; ✓ Tem ar puro; ✓ Usam práticas tradicionais (medicinais).	✓ Não está tendo pulverização para a malária na aldeia: precisa vir o agente de endemia fazer pulverização, pois está tendo muita malária; ✓ Não há transporte para levar os pacientes para fazer o tratamento: necessitamos de uma motocicleta e barco para levar os pacientes para fazer o tratamento, pois bicicleta não tem servido para nós; ✓ O lixo é jogado em qualquer lugar, não sabem onde jogar as pilhas que contamina o ambiente: precisa de um local adequado para o lixo. Cabe a cada um dos moradores saber lidar com o lixo produzido; incentivar as crianças e jovens a jogar o lixo no devido lugar. Devemos manter a comunidade limpa (escolher um local para todo mundo jogar o lixo); ✓ Antes a equipe de enfermagem ficava 15 dias na aldeia, agora são 3, porém ela não fica nem um dia: queremos as enfermeiras na comunidade até terminar o prazo de trabalho determinado pela SESAI (3 dias)
Idecorá	✓ Tem AIS na aldeia; ✓ A comunidade tem conhecimento das plantas medicinais e práticas tradicionais.	✓ Os médicos não liberam para fazer os exames com facilidade; ✓ A comunidade deve fazer mutirão de limpeza na aldeia uma vez por mês como prevenção; ✓ Não há trabalho com o saneamento, que está precário, não há água potável, nem local adequado para armazenamento da água; o lixo é jogado no mato (a maior dificuldade é com os plásticos): a comunidade precisa de filtros de barro com torneira para armazenamento adequado da água; precisa contratar um AISAN na comunidade; precisa encontrar uma solução para o lixo na aldeia; precisa de acordo de convivência para o descarte do lixo; ✓ A aldeia quer preservar o conhecimento do rezador, passando o conhecimento para os mais novos.
Nova Esperança II	✓ Tem AIS competente que trata a todos com atenção; ✓ Tem materiais para coleta de exame da malária; ✓ Tem visita mensal da equipe de enfermagem; ✓ Tem poço com água potável.	✓ A equipe de endemia vem às vezes, sem data certa (a malária é um problema crítico): a equipe de endemia deve vir uma vez por mês, fazer lâmina e pulverização; ✓ A comunicação com a CASAI não é boa: precisa de radiofonia; ✓ Há problemas com o lixo e o lixo fica espalhado: precisa manter a comunidade limpa para manter insetos e ratos afastados; ✓ Não tem transporte para pacientes e o gado do vizinho é bravo: A Funai tem que fazer parceria com a prefeitura para arrumar o ramal, fazer rego na lateral para escoar a água da chuva; precisa de barco para transporte fluvial e precisa de corredor com cerca para atravessar o pasto.
Novo Paraíso	✓ Tem materiais para coleta de exame da malária; ✓ Tem visita mensal da equipe de enfermagem; ✓ Tem AIS.	✓ A equipe de endemia vem às vezes, sem data certa (a malária é um problema crítico): A equipe de endemia deve vir uma vez por mês, fazer lâmina e pulverização (de setembro à dezembro não pode por causa das frutas); ✓ A comunicação com a CASAI não é boa: precisa de radiofonia; ✓ Há problemas com o lixo e o lixo fica espalhado: precisa manter a comunidade limpa para manter insetos e ratos afastados; ✓ Não tem transporte para pacientes e o gado do vizinho é bravo: A Funai tem que fazer parceria com a prefeitura para arrumar o ramal, fazer rego na lateral para escoar a água da chuva; precisa de barco para transporte fluvial e precisa de corredor com cerca para atravessar o pasto.

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Copaíba	✓ Contratação do AIS e AISAN; ✓ Encaminhamento do paciente pelo AIS; ✓ Recebem gasolina para levar paciente e retornar para a aldeia; ✓ Tem bote com motor e gasolina, transporte do paciente no inverno; ✓ Tem colheita de lâmina para malária; ✓ Ajuntamento de lixo. ✓ O AISAN joga em um local e enterra; ✓ Limpeza do terreiro pelas famílias; ✓ Abastecimento de água (tem três caixas e água do poço artesiano); ✓ Estão tendo cuidado com Igarapé, para não jogar lixo.	✓ Não tem microscopista contratado para fazer exame na aldeia: na aldeia deveria ter um microscopista capacitado para esse trabalho; ✓ Ainda tem família que tá jogando lixo, precisa que cada família colabore mais com o lixo e limpeza dos terreiros: precisa de capacitação/ palestras com a comunidade para prevenção, pelo menos 2 vezes por mês; ✓ REGRA: Se a pessoa jogar lixo no terreiro ele tem que plantar uma árvore em uma área escolhida pela comunidade, se não plantar leva multa de R\$150 (fazer placas com as regras para colocar na comunidade). Cada família tem a responsabilidade de educar seu filho sobre o lixo, pois terá fiscalização. O mesmo vale para os visitantes, se o visitante não cumprir é responsabilidade de quem trouxe. ✓ “Não vamos esperar o dinheiro sair para começar a fazer as coisas do plano. Se jogar lixo, vai plantar ou vai pagar R\$150 para a comunidade” Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba. ✓ A equipe de enfermagem só vem duas vezes por ano: precisa de radiofonia para se comunicar com a equipe de enfermagem e médico e a equipe de enfermagem precisa vir em área uma vez por mês; ✓ Não está tendo entrega do hipoclorito para o AISAN tratar a água: a SESAI precisa disponibilizar para o AISAN o hipoclorito uma vez por semana; ✓ Precisa de moto com carroça/carro para fazer o transporte de paciente; ✓ Ter rede de abastecimento com tubulação para as casas para melhorar o saneamento.
Paxiúba		✓ A equipe de enfermagem só traz paracetamol e vem só 3-4 vezes por ano: pelo menos a cada dois meses a equipe de enfermagem deve vir na aldeia e é função do AIS avisar quando eles vem; ✓ Não tem material para fazer exame, lâmina na aldeia: o AIS tem que se capacitar, ter os materiais e fazer lamina na aldeia.
Jacamim	✓ Não tem, nós da comunidade não estamos nada satisfeitos	✓ Não tem agente de saúde e precisa ter um; ✓ Precisamos de um microscopista na aldeia; ✓ Precisamos de uma parteira para acompanhamento das grávidas; ✓ Precisamos de um motor que não temos na aldeia no caso de emergência.
São Sebastião	✓ Tem agente de saúde que traz as pessoas para a cidade quando estão doentes; ✓ De vez em quando tem presença de enfermeiro.	✓ Precisamos de um motor 20 (e voadeira), para conseguir chegar mais rápido na cidade com os pacientes; ✓ Precisa ter parteira para ajuda na saúde das gestantes; ✓ Ter a presença do pajé para a cura dos nossos irmãos.
Arapaçuzinho	✓ Temos um bom agente de saúde, que cuida da gente; ✓ Temos conhecimentos das plantas medicinais.	✓ Não tem AISAN, a água nem sempre é tratada como se deve e isso pode gerar doenças como hepatite A. Precisa contratar um AISAN; ✓ Não temos parteira na nossa comunidade e uma parteira seria de grande ajuda quando as mulheres fossem dar a luz, já que a cidade fica muito distante; ✓ Não temos como deslocar pacientes, uma voadeira seria de grande ajuda já que no caso de picada de cobra, AVC, ataque cardíaco ou cardiorrespiratório e outras doenças graves, acidentes que podem levar a morte, como queimaduras de 3º grau e lesões a locomoção seria mais rápida e daria tempo para chegar ao hospital a tempo de ter sua vida salva.

EDUCAÇÃO

ÏIKYTETXI

OJOMO`IHI KAVARANIHI

YAMA WATORARO



"Um dos principais problemas enfrentados pelo povo indígena é com a educação, tanto na cidade como também nas comunidades, já que na cidade quem é indígena sofre preconceito e discriminação pelos próprios colegas de aula e muito se sentem envergonhados e acabam desistindo dos estudos. Devido a poucos alunos, em algumas comunidades não existem professores e quem sofre mais com essa ausência é as crianças, que perdem o direito a educação desde cedo e que precisam sair de sua comunidade para estudar na cidade, às vezes enfrentando dificuldades. Devido a muitos alunos não serem alfabetizados, muitas pessoas são enganadas principalmente com dinheiro e documentos". Wederson Rodrigues da Silva, pesquisador indígena da aldeia Arapaçuzinho.

"Queria dizer também aos mais novos se dedicar a esse trabalho, porque os mais velhos já estão indo e aí como que vamos ficar? Se a educação do branco ajudasse o aquecimento global não

estaria como está. Eles tem doutorado, mas são egoísta, capitalista, se pensasse igual os nossos velhos não tava assim, enquanto tinha comida estava tudo bem e isso é sustentabilidade. Agradeço meus pais por terem me tirado da cidade para ir estudar na aldeia. Que lá eu ia ter futuro e até hoje eu agradeço isso e tenho meu futuro" **Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba**

"No Jacamim não tem escola, eu preciso de uma escola no Jacamim, eu sou obrigada a ficar em Lábrea porque não tem uma escola na aldeia, e eu tenho que ficar aqui com os meus filhos" **Regina Camilo da Silva, pesquisadora da aldeia Jacamim.**

"A educação bilíngue que não funciona, porque todos os professores indígenas deveriam ser bilíngue, a garantia disso é na constituição e vocês tão contratados pra professor indígena, é por isso que é educação diferenciada, a dife-

rença da educação escolar indígena é porque é bilíngue (...) eu vejo muito que nossos professores são carentes" **João Batista da Silva (João Baiano) - Chefe da CTL de Lábrea.**

"Meu professor sofreu, tem que colocar uma merendeira, tem o prefeito pra pagar, pra não deixar as crianças passar da hora, o professor tem que ir fazer a merenda e a criança tá lá esquecido é por isso que a criança não aprende" **Cacique Nair Francisca da Silva, aldeia São José explicando as dificuldades do professor lecionar e ter que preparar a merenda das crianças.**

"Nós precisamos resgatar nossa língua, nos passamos vergonha lá no Rio Branco, pediram pra gente falar nossa língua e nós não sabia. Que índio é esse que não sabe a sua cultura" **Marivan Nogueira de Almeida Apurinã (Sasá), pesquisador da aldeia Novo Paraíso.**

Essas foram as IDEIAS comuns para TODAS as aldeias da TI Caititu, já na ordem de prioridade:

Ordem de Prioridade	PROBLEMAS COMUNS DAS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
1º	✓ Tem aldeias que não tem escola, o que dificulta a permanência das pessoas na aldeia.	✓ Precisa de escola estruturada, com os materiais adequados em todas nas aldeias que ainda não tem, como: Jacamim, Capurana, Cujubim, São Sebastião, Arapaçu, Arapaçuzinho, Bela Vista, Novo Paraíso, Vila Nova e Idecorá.
2º	✓ Falta atenção e respeito da secretaria de educação do município (SEMED) com os indígenas.	✓ Precisa ser criada uma secretaria de educação indígena no município.
3º	✓ As aldeias que tem o EJA não tem motor de luz disponível para a escola	✓ Precisa de motor de luz (fios, lâmpada) para as escolas que tem o EJA no período noturno.
4º	✓ Os indígenas não têm como se manter na cidade para estudar quando precisam.	✓ Os indígenas que precisam estar na cidade para estudar (quando terminam o ensino fundamental na aldeia e precisa fazer o médio na cidade) precisam de ajuda de custo para conseguir se manter.
5º	✓ As aulas iniciam atrasadas (muitas vezes começa depois do meio do ano), porém tem cobrança na cidade depois. O professor é obrigado a preencher as planilhas desde o início do ano, mesmo sem ter tido aulas. O professor tem menos meses para passar o conteúdo e ainda perde tempo por conta de fazer a merenda para os alunos. Na cidade dizem que o aluno é ruim por conta do ensino na aldeia.	✓ Precisa desvincular o calendário de aulas das aldeias com o dos ribeirinhos. As aulas devem iniciar ao mesmo tempo em que iniciam as aulas na cidade no início do ano (fevereiro/março).
6º	✓ O indígena não tem conhecimento sobre computação e uso dos equipamentos.	✓ Precisa ter equipamento de informática nas escolas das aldeias e capacitação para usa-los. <i>“Gente olha aí porque todo mundo somos novos estudantes, eu sou já velha vocês tem que botar uma melhora pro filho de vocês, eu acha que tem que vir esse computador que chama, será nós não merece não, porque o branco tem nos tem que ter também”</i> <i>Cacique Nair Francisca da Silva, aldeia São José.</i>
7º	✓ A capacitação para o planejamento pedagógico é feito em somente uma semana e junto com os ribeirinhos; ✓ Seguimos o calendário de aulas dos ribeirinhos e temos que atender a planilha de aula das escolas da cidade.	✓ Precisa de uma melhor capacitação para o planejamento pedagógico só com os indígenas; ✓ Com apoio da Funai fazer um encontro para definir um Calendário Indígena que respeite o calendário das atividades tradicionais e concilie isso com o calendário escolar; ✓ Ter maior presença do coordenador pedagógico em área.

Ordem de Prioridade	PROBLEMAS COMUNS DAS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
8º	✓ Os professores não tem formação bilíngue para dar aula; ✓ Muitos professores que fizeram a formação e não voltaram para as aldeias devido à falta de apoio e condições ruins de trabalho; ✓ A disciplina na língua não entra no calendário escolar e precisa ser feito em um horário a mais; ✓ Não temos materiais didáticos adequados à realidade indígena.	✓ Precisa ter educação bilíngue nas aldeias. Precisa ter uma capacitação para todos os professores Apurinã e Paumari (quando for o caso) para poder dar aulas na língua. O professor bilíngue poderia fazer essa formação para os demais professores; ✓ Não adianta só fazer a formação se não melhorar o resto; ✓ Precisa incluir a discussão da língua no planejamento pedagógico; ✓ Precisa ter um espaço adequado na agenda de aulas para o estudo da língua; ✓ Queremos a continuação do projeto Piraywara.
9º	✓ Os materiais didáticos não são suficientes para o ano e são de má qualidade; ✓ Os livros do EJA não têm exercícios para aplicar a aprendizagem; ✓ Alunos não tem livro para acompanhar o professor; ✓ Mandam as sobras de material para as aldeias; ✓ O professor de 1º - 4º ano não tem livros. Em algumas aldeias faz dois anos que não vem livro.	✓ Precisa de materiais em quantidade adequada aos alunos e de qualidade, para durar. Precisa de um livro do professor e dos alunos para cada ano de 1º ao 4º, ou do sexto ao 9º quando tem. ✓ Precisa produzir materiais didáticos específicos e diferenciados de acordo com as culturas indígenas.
10º	✓ A merenda não tem qualidade, vêm coisas que as crianças não comem e que não faz bem, como conservas e salsichas; ✓ Todos os anos as aulas iniciam e a merenda e os materiais não chegam, atrasam quase um mês.	✓ A merenda deve ser de acordo com a realidade dos indígenas, alimentos que os indígenas comem como açaí, frutas, etc. Queremos que a prefeitura compre da própria comunidade os alimentos disponíveis através do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE de acordo com a LEI Nº 11.947, DE 16 DE JUNHO DE 2009 (que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica). A venda dos produtos para merenda também pode ser feita através do Programa de Aquisição de Alimentos da Conab – PAA/ Conab. Precisa ter apoio para organização e acesso a esses programas. ✓ A secretaria de educação tem que assumir o compromisso de trazer os materiais e merenda antes do início das aulas e levar na aldeia. Precisa vir merenda todos os meses e em quantidade adequada ao número de alunos. ✓ Buscar apoio para fazer hortas com hortaliças e frutíferas nas escolas
11º	✓ Não tem merendeira e zelador na escola, o professor precisa sair da sala de aula para cozinhar e fazer a limpeza depois.	✓ Precisa de uma pessoa que seja merendeira e zelador que seja contratado para ajudar em todas as escolas das aldeias, essa pessoa deve ser da aldeia. Nas escolas que tem muitos alunos, ou que atenda mais de uma aldeia contratar uma pessoa como merendeira e outra como zelador.
12º	✓ Os pais não acompanham de forma adequada a educação dos filhos	✓ Precisa de maior presença dos pais nas escolas e com os alunos ajudando nas tarefas e indo nas reuniões
13º	✓ Todos os anos prometem fardas aos alunos, mas não vem.	A secretaria de educação tem que dar para os alunos a farda completa - uniforme, calçado, mochila.

A seguir, estão as IDEIAS específicas de cada aldeia:

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Boa Vista	✓ A aldeia possui 2 professores formados com nível superior que dão aula na aldeia; ✓ Tem escola e foram sorteados para fazer uma escola de alvenaria (ainda não veio); ✓ Tem aula para crianças e adultos até o 5º ano.	✓ A escola não tem estrutura adequada para atender as necessidades dos alunos: precisa cobrar a secretaria de educação indígena para liberar o material da construção da escola de alvenaria, pois já fazem 2 anos; ✓ Que seja implementado na aldeia o ensino de 6º a 9º ano, pois tem demanda para isso e muitos desistem de estudar na cidade devido as dificuldades. Pois assim o aluno sairia da aldeia só para cursar o ensino médio e superior.
Castanheira	✓ Tem professor com ensino médio completo; ✓ Tem escola; ✓ Tem material didático e carteiras de qualidade.	✓ Não tem ensino médio na aldeia: professor precisa ter o curso de pedagogia para dar o ensino médio na aldeia, assim o jovem não precisa ir para a cidade e pode ajudar em casa.
Irmã Cleuza	✓ Tem uma escola e duas professoras; ✓ Tem aula até o 9º ano – EJA; ✓ Tem merenda.	✓ A escola é pequena, só tem uma sala: precisa reforma na escola com mais espaço para aula, biblioteca e internet; ✓ A professora tem só até o ensino fundamental: precisa de capacitação para a professora (ensino médio); ✓ Não há cadeira e mesa para o professor, não tem bebedor, caixa d'água, motobomba e precisa desses materiais permanentes.
Arapáçu	✓ Tem moradores que poderiam ser professores na aldeia; ✓ Tem conhecimento da língua Paumari.	✓ Precisa ter aulas diferenciadas na comunidade (português, Apurinã e Paumari e EJA); ✓ Os moradores precisam ter interesse em estudar, precisam ir para a aula, pois atualmente são quase todos analfabetos. Principalmente os jovens e adolescentes não devem parar de estudar para que tenham um futuro melhor.
Idecorá	✓ Tem educação familiar e dos costumes.	✓ Atualmente nossa aldeia não tem estrutura para trabalharmos com a educação escolar, pois nas aldeias não tem estudo qualificado. ✓ A escola na aldeia não funcionou e não tinha muitos alunos a comunidade optou por não ter a educação escolar na aldeia. ✓ No futuro, seria importante voltar a pensar na construção de uma escola na aldeia.

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Paxiúba	✓ Existe uma ajuda de combustível no inverno para as crianças estudarem na cidade; ✓ Tem escola.	✓ Precisa voltar a funcionar a escola na aldeia; ✓ No verão não há ajuda de transporte para a escola e as crianças faltam muito na aula por isso. Enquanto não reabrir a escola precisa de uma moto para ajudar no transporte escolar, pois na aldeia ninguém tem.
São José	✓ Tem um professor, de 1º a 4º ano dando aulas todos os dias na aldeia; ✓ Tem escola na aldeia; ✓ Os primeiros alunos já estão estudando na cidade (5º ao 9º), ou seja, já se formaram.	✓ O transporte para buscar os materiais de limpeza e merenda não existe. O professor tem que ir buscar. Ele chama uns alunos e vai a pé pegar as coisas: a secretaria de educação tem que assumir esse compromisso; ✓ A comunidade vai se organizar para plantar as frutas e verduras para a merenda também. O açai a prefeitura já poderia comprar para oferecer na merenda, pois tem muito na comunidade; ✓ Faltam atividades de lazer, o professor dá aula de educação física, mas não tem material, uniforme e instrução aos professores: a secretaria de educação e de esportes deveriam fazer uma capacitação na educação física com os professores e fornecer os materiais adequados; ✓ Falta material permanente como carteiras, copos, fogão, panelas grandes, pratos, colheres. Falta pintura na escola, as fechaduras estão quebradas e madeiras para consertos. Precisa de apoio da secretaria para melhorar a estrutura.
Novo Paraíso	✓ Temos professor que mora na nossa comunidade efetivamente e tem capacidade para dar aulas todos os dias.	✓ Precisa ter condições para os adultos estudarem a noite na aldeia; ✓ Precisamos construir nossa escola, pois não temos e estamos usando a escola de formação; ✓ Só tem ensino fundamental, depois precisa estudar na cidade e esse é o principal motivo para os jovens saírem da comunidade: Precisamos ter o ensino do 6º ao 9º.
Capurana e Cujubim	✓ Temos um professor formado em pedagogia no Capurana e um professor com magistério indígena completo no Cujubim.	✓ Precisa de aulas do 6º ao 9º ano; ✓ Que a prefeitura compre as verduras e frutas da comunidade.
São Sebastião	✓ Tem professor na aldeia; ✓ Tem merenda.	
Bela Vista	✓ Tem pessoa capacitada para ser professor.	
Arapaçuinho	✓ As famílias dão ótima educação moral aos filhos	✓ Contratar um professor para a escola (da própria comunidade, que já tem).

BEM ESTAR ARAKAPUKURY

NAHINA JAHAKI VAKADIANIA HOJANI
AMOSARO



Na Terra Indígena Caititu temos situações muito diferenciadas umas das outras: tem acesso fluvial e terrestre no verão, acesso fluvial de até 3 dias de canoa com motor rabeta no verão até a cidade de Lábrea; acesso terrestre caminhando pode levar 10 horas da aldeia Castanheira, 3 horas e meia (com crianças são seis horas) no verão e te-

mos também comunidades de 10 minutos de caminhada até a área urbana do município a partir das aldeias localizadas no norte da área.

Muitos jovens tem se mudado para a cidade e se envolvido com problemas como alcoolismo e uso de entorpecentes, o que é uma preocupação

constante de nossas lideranças.

“(...) nós já se unimos dentro desse Caititu pra limpar o caminho com quase todo o recurso nosso... e é isso que a gente tem que conseguir, as coisas nós mesmos” Zé Bajaga Apurinã, Coordenador Focimp.

Essas foram as IDEIAS comuns para TODAS as aldeias da TI Caititu, já na ordem de prioridade:

Ordem de prioridade	PROBLEMAS COMUNS DAS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
1º	✓ Falta de energia nas aldeias.	✓ Ter projeto luz para todos nas aldeias próximas à cidade. As aldeias que concordarem com o programa devem assinar o documento para conseguir o “Luz para todos”; ✓ Para as comunidades distantes poderia ter placa e bateria para energia solar ou gerador.
2º	✓ Bebidas alcoólicas: problema é com o excesso do álcool e uso de entorpecentes, onde o maior problema acontece próximo a cidades.	✓ Não pode consumir bebida alcoólica e usar entorpecentes dentro das aldeias; ✓ Ter apoio mensal da psicóloga da Sesai nas aldeias para maior orientação sobre o tema; ✓ As comunidades afetadas tem que se reunir internamente para ver como resolver o problema; ✓ Maior apoio da Funai sobre o tema, acompanhando os casos, ajudando na orientação indo nas comunidades. Eles falam que as comunidades que tem que entrar em acordo, mas nós precisamos do apoio firme da Funai e outros parceiros nos acordos. ✓ A punição tem que ser também para quem vende ou incentiva o uso do álcool ou entorpecentes; ✓ Apoio e acompanhamento junto com as mulheres também, que são as que mais sofrem; ✓ Comunidades em parceria Funai, Sesai, Focimp na orientação sobre os excessos da bebida alcoólica e uso de entorpecentes, precisa ser periódico senão começa de novo; ✓ Fazer uma campanha permanente (Funai, Sesai e Focimp) sobre o problema do alcoolismo e uso dos entorpecentes.
3º	<u>Acesso nos caminhos:</u> ✓ O rio baixa no verão e dificulta o deslocamento; ✓ Não tem boas condições para se transitar pelo ramal e não há união suficiente para arrumar o ramal no verão; ✓ Tem muito pau caindo no igarapé no verão.	<u>Arrumar os ramais uma vez por ano:</u> ✓ Articulação com os órgãos (Funai, Prefeitura) competentes, no sentido de buscar melhoria para o ramal; ✓ Construção de ponte de acesso a aldeia, com contrapartida da comunidade para ajudar a arrumar (Boa Vista); ✓ Fazer mobilização para os trabalhos comunitários. Todos devem ajudar na limpeza do ramal. A Funai e Focimp podem ajudar no acordo entre as aldeias para a limpeza e manutenção das pontes e trapiches (Idecorá, Paxiúba, Copaíba, Arapaçu, Arapaçuzinho, Macedinho, Vila Nova); ✓ Precisa de apoio para construir uma ponte para o inverno e arrumar o ramal, pois somente foi feito uma vez (São José e São Francisco); ✓ Tentar conseguir um trator para fazer a abertura maior do caminho e a terraplanagem, possibilitando a passagem de moto e carro pelo ramal quando necessário; ✓ A prefeitura fez a planagem do ramal uma vez, o acesso é ruim no verão e inverno e precisa ser reformado em julho (Castanheira); ✓ Precisa de limpeza anual do Igarapé para conseguir se deslocar no verão. Juntar as comunidades do Puciarí para elaborar um projeto para um mutirão de limpeza dos paus do igarapé do Puciarí. Precisamos de roladeira/serrotão, inflamável e corrente para limpeza do igarapé.
4º	✓ Não há condições de serrar madeira e construir casas com banheiro	✓ Precisa criar projeto de habitação para TODAS as aldeias do Caititu, para ajudar a construir casas nas aldeias com saneamento e garantir madeira de lei adequada nas construções. Queremos serrador e inflamável para a construção e manutenção de casas.

A seguir, estão as IDEIAS específicas de cada aldeia:

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Boa Vista	✓ Temos um ramal que dá acesso a cidade; ✓ Lugar é sossegado; ✓ Temos energia elétrica na aldeia; ✓ As casas são boas; ✓ Temos poço artesiano.	
Cujubim		✓ Ter um projeto para ajudar todos da comunidade a construir as casas de morada, com a quantidade de 14 casas. A comunidade tem 14 famílias.
Castanheira	✓ Local sossegado; ✓ União da comunidade; ✓ Trabalham juntos; ✓ Tem autonomia.	
Bela Vista	✓ Deus primeiramente, alegria na nossa aldeia e na família; ✓ Tranquilidade; ✓ Temos uns aos outros; ✓ Temos fartura de recursos.	✓ Ter um projeto para ajudar todos da comunidade a construir as casas.
Nova Esperança II	✓ Deus primeiramente, família unida e convivência das pessoas na comunidade; ✓ Temos água boa; ✓ Temos o que comer.	✓ Manter o ambiente limpo



ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Idecorá	✓ Fartura de recursos.	✓ Precisa de um galpão maior para reuniões na aldeia; ✓ Precisa elaborar projetos para estruturar a comunidade; ✓ Precisa de combustível para fazer uma área de lazer, limpeza só deixando as árvores grandes; ✓ O motor é pequeno e não aguenta segurar energia: precisa de um motor 09 Yamaha diesel para gerar energia para a comunidade.
Copaíba	✓ Tem alguma ajuda de parceiros (Focimp, Funai) para arrumar o ramal; ✓ CIMI, SESAI, FUNAI ajudaram na construção das casas; ✓ No inverno o transporte é mais fácil, sai de canoa e todos têm; ✓ Tem um motor de luz na comunidade que conseguiram através do prêmio cultura (Raoni Caiapó).	✓ Tem alguns problemas de roubo (recursos, motor): precisa ter vigilância no território para não ter circulação de pessoas estranhas na aldeia.
São Sebastião	✓ Deus primeiramente, alegria na comunidade e um pouco de tranquilidade.	✓ Precisamos de uma igreja para pregar a palavra de Deus; ✓ Precisamos fazer as refeições nas horas certas.
Arapaçuinho	✓ Todas as famílias da comunidade são unidas. Há respeito dentro das famílias e quase nunca ocorre briga entre familiares; ✓ Há alegria e felicidade apesar das dificuldades.	✓ Precisa conseguir comprar, com ajuda da Funai, uma motosserra comunitária para tirar madeira para construção de novas casas; ✓ Algumas casas tem cobertura de palha e todos os anos precisa fazer a retirada da palha para fazer a cobertura novamente, isso tem sido perigoso por conta de cobras venenosas e onça pintada: as casas precisam ser cobertas de alumínio.
Irmã Cleuza	✓ Temos Deus em primeiro lugar e acima de tudo; Temos paz, alegria e sossego; ✓ Temos respeito e preservação pela natureza;	✓ Falta respeito e união de algumas pessoas dentro e fora da aldeia com nós: temos que sentar, reunir mais ainda para dialogar nossos problemas internos.
Paxiúba	✓ Temos poço com água muito boa; ✓ Temos união.	✓ As casas não estão mais boas, não temos palha na comunidade: precisamos de ajuda com o alumínio.

ORGANIZAÇÃO E RELACIONAMENTO

YWEREKÃAPUTARY IA AXINHIRI ATYWYMUHNIKARY

VANASO HIVINI IDA BADAVANI `AKI KAIMONI BANA

HAWA TUNI HINIHI



Atualmente, cada comunidade tem seu cacique, um Agente Indígena de Saúde, professores, AISAN, Conselheiros Locais de Saúde (não são todas as comunidades que de fato possuem AIS e AISAN). Além disso, temos os Conselheiros Distritais divididos por Polo Base de Saúde Indígena. É bom ressaltar que essa é uma forma de organização atual e não da forma como nos organizávamos no passado. Temos também as parteiras, representante das mulheres, pajé, rezador, pescadores, caçadores, guerreiros, artesã(o)s e agricultores.

"O respeito, a união e o diálogo formam uma base para uma comunidade bem organizada e estruturada. Através do respeito construímos as amizades, através do diálogo resolvemos os problemas e através da união conquistamos a paz". Wederson Rodrigues da Silva, pesquisador indígena da aldeia Arapaüzinho.

"Vamô ver os homem que tão na frente, eu quero cada um de vocês respeitar cada comunidade."

"Muita vezes eu ver pessoas não respeita comunidade do outro, respeitar mulher também, mulher solteira, mulher viúva. Ah porque a mulher não vale nada, é importante a mulher ter o que é dela. Tem que respeitar a mulher que também é gente, ela não é bicho". Cacique Nair Francisca da Silva, aldeia São José.

"É bom puxar orelha do governo, mas é bom a gente reconhecer os nossos erros, uma primeira coisa quando se trata de aldeias, vem em mente a organização interna, aqui nos temos aqui passados, nós precisa que os nossos representantes repassem as informações na nossa comunidade" Francisco Ferreira da Silva, Focimp Pauini.

"...hoje nós tâmo aqui fazendo melhoria pras nossas comunidades... nós tem que saber se organizar ...nós deve cobrar Amimp, Focimp, o Zé falou que vocês tem que colocar os interesses da sua comunidade(...)Todo mundo tá vendo que é um trabalho em conjunto" Francisco Jacinto de Almeida – Cacique Marcelino, aldeia Novo Paraíso.

"O cacique falou que aqui tá bem imprensado, a terra indígena é usufruto exclusivo do índio que vive nela. Não é porque eu sou Apurinã que eu sou dono da terra indígena Caititu, é do indígena que vive nela seja de outros povos, paumarí, jarawara, tá no artigo 231 da constituição. Agora não significa que você tem que morar direto nela. Nessa época de aula nossas crianças, elas e as nossas mulheres estão na cidade. Nós não somos árvores, pra tá ficando no mesmo lugar, nós somos seres humanos e temos o direito de ir e vir. Pode fazer um roçado se mora na cidade? Pode, se as pessoas que vivem nela (TI) deixarem. Quero permanecer nesse cadastro e não quero tirar o meu direito que tenho na aldeia, quero continuar indo pra aldeia, quero continuar trabalhando na aldeia. Nós nos comprometemos, nós que temos que dizer como é que tem que ser" Zé Bajaga Apurinã, Coordenador Focimp.

Essas foram as IDEIAS comuns para TODAS as aldeias da TI Caititu, já na ordem de prioridade:

N.	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
1º	✓ Pessoas do Caititu (que muitas vezes moram na cidade) entram nas aldeias para tirar recursos sem falar com ninguém; ✓ Não há acordos de convivência da TI Caititu	✓ Precisa aumentar o diálogo entre as comunidades para que se crie uma linha de raciocínio igual, que nossa terra seja nossa maior prioridade, pois ainda há parente que permite a entrada de não índio para tirar recursos ou parente que só vem para retirar nossos recursos prejudicando assim o futuro de nossa alimentação e de nossos filhos. Precisa estabelecer acordos entre todos do Caititu para resolver os problemas de invasão, precisa ter a mesma ideia todas as aldeias. <u>ACORDOS:</u> ✓ Se alguém que não vive efetivamente na(s) aldeia(s) quiser tirar recursos (castanha, caça, pesca, madeira e cipós) precisa toda vez parar na aldeia primeiro e falar com a liderança e moradores. Só pode entrar com autorização e só tirar para o uso próprio; ✓ Não pode levar não-índio para dentro do Caititu para tirar recursos; ✓ Para fazer o acordo funcionar deve ser feita uma reunião com essas pessoas de fora para avisar sobre o acordo. A Funai deve apoiar o acordo feito pelas comunidades e o diálogo constantemente até a resolução dos conflitos. A Funai poderia fazer esse convite para garantir a presença das pessoas nas reuniões; ✓ A gente deve ficar junto, informar as invasões entre nós na hora da invasão para não ser ameaçado e ficar mais forte defendendo nossa terra. ✓ Deve ter divulgação em Lábrea sobre nossos acordos da TI Caititu, principalmente na época da castanha, açaí; ✓ Se não obedecerem ao acordo as comunidades tem o direito de fazer a denúncia junto a Funai e Polícia para que se resolva a situação através da justiça.
2º	✓ A gente participa de vários projetos, que às vezes nem chegam na aldeia ou que não ficamos sabendo de nada.	✓ Queremos participar da gestão de projetos e queremos que seja feita a prestação de contas com transparência para as comunidades.

N.	PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
3º	✓ Falta de articulação e união entre as aldeias próximas; ✓ Ainda dependemos muito da Funai, Sesai; ✓ Há pouca participação das pessoas nas organizações; ✓ Não são todas as mulheres do Caititu que conseguem participar ativamente da Amimp.	✓ Que tenha mais diálogo e articulação entre as aldeias próximas, no sentido de criar estratégias e ações sustentáveis, favorecendo assim o bem-estar do Povo Indígena da TI Caititu; ✓ Os caciques devem se reunir com os demais (ir aos encontros) para terem conhecimento com a realidade e repassar às aldeias; ✓ Precisa ter cursos para ficarmos informados sobre nossos direitos; ✓ Precisa de apoio para melhorar a organização dentro das aldeias para que as comunidades tenham mais autonomia; ✓ Precisa ter maior participação das pessoas das comunidades nas organizações e nas reuniões (mulheres na Amimp e todos na Focimp); ✓ As organizações indígenas devem trabalhar mais unidas e fazer os projetos junto às comunidades; ✓ Procurar estratégias para envolver as mulheres nas reuniões, projetos e discussões que favorecem as comunidades da TI Caititu; ✓ A Focimp precisa ajudar as pessoas a encontrar soluções, tirar o sustento de forma sustentável, sem acabar com a floresta, rios e animais.
4º	✓ Pouca ou nenhuma presença da Funai na área; ✓ Não tem quantidade de servidores suficientes para as necessidades da região.	✓ Precisa de mais presença da Funai nas aldeias (e outros parceiros que fizeram projetos aqui) para conhecer, saber e atuar em cima das necessidades das pessoas; ✓ Precisa de mais reuniões do comitê regional e presença dos representantes em área; ✓ Precisa de mais recursos humanos na CR Funai, contratar e capacitar mais servidores para atender toda a região com qualidade.
5º	Os jovens não escutam os mais velhos. Os jovens não querem seguir os trabalhos e culturas tradicionais dos velhos.	✓ Precisa fazer um trabalho especialmente com os jovens, aproximar eles das reuniões, encontros, trabalhos tradicionais, cultura e do movimento indígena; ✓ Fazer um encontro de jovens para aproximar e conversar.
6º	✓ Os conselhos não estão funcionando da forma adequada, falta mais diálogo; ✓ O conselho distrital não faz as visitas, reuniões e quando vem, passa as pressas.	✓ Precisa funcionar o diálogo entre os conselhos: o conselho local nas aldeias precisa passar as necessidades ao conselho do polo e esse conversar com o conselho distrital; ✓ O conselho distrital tem que ir às bases, fazendo visitas mais longas, com mais orientação.

A seguir, estão as IDEIAS específicas de cada aldeia:

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Boa Vista	✓ A aldeia tem um bom relacionamento com os parceiros e os órgãos públicos; ✓ Tem união, sempre vão juntos falar com os órgãos; ✓ Há um bom relacionamento entre os moradores, onde prevalece a união e a organização na aldeia, quanto aos interesses da mesma.	✓ Teve projetos que vieram para aldeia, mas não beneficiaram as pessoas da aldeia: ter cursos e capacitações sobre projetos.
São Sebastião	✓ As pessoas se reúnem para falar do plano de trabalho; ✓ Há paz na comunidade com todos.	✓ Precisa ter mais respeito uns com os outros; ✓ Os moradores da comunidade tem que se organizar para não ser enganado no futuro; ✓ Ter relacionamento próximo com outras comunidades para trabalho junto na comunidade.
Jacamim	✓ Opan e Cimi tem apoiado bastante; ✓ Focimp sempre está ajudando; ✓ Não tem brigas na comunidade; ✓ ICMBio tem sido um parceiro, mais próximo da Funai.	✓ A comunidade ainda precisa se organizar mais: A comunidade vai se organizar para limpeza, finalizar as casas, fazer roça e ter mais preservação.
Irmã Cleuza	✓ Quando participam de reunião fora, a comunidade se reúne para repassar as informações; ✓ Tem AIS, microscopista, professoras, lideranças, motorista fluvial (sem contrato) e parteira (sem contrato).	✓ A FUNAI só veio uma vez em área, precisa de maior presença; ✓ Precisamos da contratação de um AISAN, motorista e parteira ✓ As pessoas vêm na aldeia sem avisar, com pressa de fazer as coisas e atropelam: ✓ Acordo de convivência: Quando alguém de fora quer conversar aqui tem que avisar antes (radiofonia ou recado) e sentar com todos que tiveram na aldeia; ✓ Não tem reunião na aldeia com todos com frequência: A comunidade deve se reunir pelo menos duas vezes por ano para tratar de assuntos da comunidade.
Novo Paraíso	✓ Tem associação regular – APACINP (Associação dos Produtores Agroextrativistas da Comunidade Indígena Novo Paraíso); ✓ Tem representantes das mulheres, AISAN, AIS e professor; ✓ A Focimp tem contribuído com a comunidade (projetos, limpeza); ✓ A AMIMP tem importância nas capacitações das parteiras e medicina tradicional; ✓ A Funai ajuda um pouco; ✓ A OPAN tem apoiado em ter conhecimento.	✓ Dificuldade em reunir as pessoas para discutir na reunião, principalmente as mulheres: Fazer uma capacitação de conscientização para os moradores da aldeia (alguém de fora para ajudar) que possa ajudar a discutir o papel que todos têm na comunidade e sobre os deveres. Depois disso, fazer acordo de convivência na aldeia; ✓ Precisa que essa pessoa de fora faça conversas individuais com quem não participa para incentivar e explicar; ✓ O trabalho em mutirão acontece, mas não é fácil, falta animação e planejamento do trabalho comunitário e familiar para o ano. Precisa ter mais união na comunidade; ✓ Tá faltando maior diálogo entre as lideranças e as pessoas da comunidade: Quando alguém participa como representante da comunidade em uma reunião fora, precisa depois convocar reunião na aldeia para fazer o repasse.

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Arapaçu	✓ Saber conversar sobre a melhoria da comunidade; ✓ Ter planejamento de trabalho na aldeia; ✓ Organização na hora do trabalho.	✓ O desrespeito e não saber se relacionar com outras pessoas: Fazer reunião para esclarecer qualquer desentendimento; união e paz com todos na comunidade e principalmente ter a família unida; ✓ REGRA: Quando uma família quer morar na aldeia toda a comunidade deve sentar junto para conversar como deve fazer.
Idecorá	✓ Todos têm os mesmos ideais; ✓ Tem uma associação que está em dia (APAII – Associação dos Produtores Agroextrativistas da Aldeia Indígena Idecorá) e é bem vista pelos parceiros; ✓ Tem lideranças e representantes das mulheres, AIS e conselheiro.	✓ Já passou o prazo para trocar a diretoria da associação: precisa fazer uma assembleia para eleger a nova diretoria; ✓ A comunidade passou por uma crise (saúde, família) e muitas pessoas saíram da comunidade: Precisa trabalhar pela revitalização e reestruturação da comunidade, para isso pelo menos uma vez por mês a comunidade quer se reunir com reuniões e palestras de incentivo assim conversar e se unir mais. Os projetos ajudam o trabalho unido e o incentivo às famílias; ✓ Envolver as crianças nas atividades organizacionais da comunidade, incentivar desde cedo.
Capurana	✓ Não existem atritos dentro da aldeia nem com outras comunidades; ✓ Somos pacíficos e isso nos permite uma boa convivência; ✓ A liderança participa das reuniões e favorece a melhoria da comunidade; ✓ As pessoas participam de todo trabalho que acontece dentro da aldeia.	
Arapaçuzinho	✓ Todos da comunidade são unidos e respeitam uns aos outros. Às vezes há desavenças, mas sempre prevalece o respeito; ✓ Sempre que necessário há uma reunião e todos dialogam pacificamente; ✓ Temos um chefe de comunidade.	✓ Gostaríamos de ter um líder para cada assunto: saúde, educação, cultura, preservação, etc: precisamos fazer a escolha de um líder para nos representar em cada assunto; ✓ Nem sempre nosso plano de trabalho é elaborado e executado como queremos: fazer os planos de trabalho bem elaborados e executá-los como se deve.
Paxiúba		✓ A comunidade precisa se reunir mais vezes para continuar unidos, com apoio dos órgãos;

PRESERVAÇÃO

ĨNHIKATARE

VAKAHINANIKAKI KAIMONI

NAMOSARO



“Será que a placa fala? Ela não fala, ela apenas barra. Quem vai fazer proteger somos nós” Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.

“Depois da demarcação, que é homologada, será que depois disso a gente tem o direito de nós mesmo vender? Quando a gente criou é para proteger. Tem os filhos, tem os netos. Se a gente acabar com aquilo, o que é que nossos filhos vão ver depois? Nós liderança temos que pensar como nós vamos usufruir, temos que se sentar e unir mesmo como é que nós vamos proteger essa terra” Cacique Valdimiro Farias da Silva, Tapauá.

“Os rio e os igarapé tão tudo contaminado, os nossos filhos pega a garrafa e joga, eu tive no Pussuari e vi as sacola pendurada no galho dos árvores, as garrafas descendo, a contaminação, se nós não preservar hoje, o pessoal do Vasconcelos eles protegeram e hoje eles tão tirando pirarucu grande, tambaqui grande. As áreas foi feitos pra todos, ele tá lá pra preservar (...) no

Pussuari você se não pega mais peixe, se acaba, nunca nós vamos ter um futuro” Celina Ferreira Gomes, moradora da aldeia São Sebastião.

“(...) antes o bicho de casco era em cima da moita a gente encontrava,... nós tamo pedindo a nossa frente de proteção é pra amanhã” Raimundo Pereira dos Santos Apurinã, Cacique da aldeia Cujubim.

“É uma terra que eu já tava dentro e vem o parque (Mapinguari) querer me tirar lá de dentro... eu moro lá antes de vocês chegarem, eu tiro castanha de lá desde sempre, eu quero fazer o meu costume lá na minha terra, na terra que eu moro, os índio isolado não tá precisando do rio Mari e nunca vi isolado lá naquela área, nem de dia, nem de noite, e olha que eu ando por lá, e porque tem essa lei de empatar... porque eu como índio não tenho os meus direito de ter o meu costume de andar, queira ou não queira eu vou andar por lá, eu sou uma liderança que precisa respeito, passou por lá tem que falar co-

migo pra saber o que tá fazendo” Pedro Borges, Cacique da aldeia Irmã Cleuza.

“(...) hoje em dia a gente não tem mais matrinchã, antigamente tinha muito mais peixe pra gente comer... a gente tá sofrendo porque a gente não tem mais a mesma quantidade” José Brasil, morador da aldeia Japiim.

“Lá na nossa comunidade lá que a titia preserva assim, quando é na desova quando tá enchendo ninguém pesca com a malhadeira, se ela pegar tira a malhadeira e joga no mato, nessa época o peixe tá baixando pra desova quando eles tão subindo o peixe, praticamente nós pesca só no caniço, vem todo tipo de peixe no caniço... a caça não quer que nós mate ao redor da casa, as vezes agente tá com necessidade e vai lá e tira um bichinho pra comer... se nós não deixar o peixe produzir como é que vai ser o nosso futuro depois” Rosileide Pereira dos Santos, liderança da aldeia Jacamim.

Cada aldeia precisa fazer a conscientização dos moradores a respeito da conservação e manutenção do ambiente da aldeia.
Essas foram as IDEIAS comuns para TODAS as aldeias da TI Caititu:

PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
<u>PROTEÇÃO:</u> ✓ Não existe fiscalização permanente do órgão competente para manter a terra protegida; ✓ Tem muita invasão para caçar, pescar, tirar frutos e tirar madeira; ✓ As pessoas da comunidade se trabalhar com fiscalização só arrumam inimigos; ✓ Nos igarapés os invasores colocam tinguí, asacur, timbó para matar os peixes e polui a água também; ✓ Tem invasão de curiozeiro, gente da cidade que entra pega e vende o animal; ✓ Tem roubos de produtos da roça em aldeias próximo a cidade(banana, cará, mandioca, macaxeira, açaí); ✓ Existe riscos de impacto social e ambiental à TI devido à grandes obras. (...)	✓ Precisa ter os agentes ambientais capacitados da terra indígena para fazer a vigilância da área; ✓ Ter apoio da Funai para realizar essa vigilância (ter máquina, combustível, radiofonia e uniforme, rancho, diária). ✓ Precisa levar essa demanda da vigilância (agentes ambientais e apoio) para o Comitê Regional da Funai. ✓ Aproveitar a capacitação que vai ser dada pela Frente de Proteção Etnoambiental da Funai (índios autônomos) para entender melhor também sobre a vigilância da área; ✓ A fiscalização deve ser feita pela Funai, mas é preciso ter posto de vigilância em área, com indígenas capacitados para estar no posto. As comunidades podem dar a contrapartida para a construção desses postos (conforme legislação abaixo); ✓ A Funai e parceiros devem fazer ações educativas, orientando o que não se sabe fazer, ajudando a fazer plano de manejo dos recursos (não somente dizer que 'não' e não ajudar a encontrar uma solução); ✓ A comunidade quando sair para pescar, caçar ou coletar deve verificar se está tendo invasão. Nós fazermos a vigilância só vai funcionar mesmo se a Funai atuar com a fiscalização (no verão fica mais complicado fazer a vigilância nos fundos da área); ✓ Para os indígenas, seguir o ACORDO DE CONVIVÊNCIA: Se alguém que não vive efetivamente na aldeia quiser tirar recursos (castanha, caça, pesca e cipós) precisa parar na aldeia e falar com a liderança e moradores primeiro. Só pode tirar para o uso próprio e não pode levar branco para a área tirar recursos. ✓ Ter duas expedições de fiscalização por ano: três equipes entrando nos três igarapés – Mari, Puciari, Passiá. Será conversado com a coordenação da Frente de Proteção para, quando houver uma fiscalização na área da Frente de Proteção dos índios autônomos, ter uma pessoa da terra indígena Caititu acompanhando a expedição;

Constituição Federal - 1988 - Capítulo 8 - Dos Índios

Art. 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Art. 232 - Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961 que dispõe sobre a proteção dos monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Art 2º Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

- a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil
- b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios
- c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos
- d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.

Art 3º São proibidos em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas.

Art 4º Toda a pessoa, natural ou jurídica que, na data da publicação desta lei, já estiver procedendo, para fins econômicos ou outros, à exploração de jazidas arqueológicas ou pré-históricas, deverá comunicar à Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional, dentro de sessenta (60) dias, sob pena de multa.

PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS

O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)

PROTEÇÃO:

✓ Mapear os sítios arqueológicos (locais onde tem pote de parente antigo) e os cemitérios indígenas para garantir mais proteção do território dos empreendimentos, obras e também resgatar as histórias antigas dos parentes.

(Conforme a lei federal de proteção aos sítios arqueológicos acima nos termos da Portaria IPHAN nº 230 de 17 de dezembro de 2002 e a Portaria IPHAN nº 07 de 01 de dezembro de 1988.)

✓ Nós da terra indígena Caititu somos contra a barragem e a rodovia cruzando a Terra Indígena Caititu.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, Procuradoria da República no Amazonas (PORTARIA Nº 039, DE 11 DE MARÇO DE 2013).

IV – Expeça-se Recomendação aos órgãos públicos para que:

- a) observem as regras da Portaria 230/2002 do IPHAN, quanto à compatibilização das fases de obtenção de licenças ambientais com os estudos preventivos de arqueologia, objetivando o licenciamento de empreendimentos potencialmente capazes de afetar o patrimônio arqueológico;
- b) exijam a anuência do IPHAN quanto aos estudos preventivos de arqueologia como requisito prévio para emissão de licenças ambientais e urbanísticas quando a atividade envolver movimentação de

solo e subsolo no raio de 2km (dois quilômetros) dos sítios arqueológicos conhecidos no Estado do Amazonas;

- c) notifiquem, em 60 (sessenta) dias, todos os empreendimentos licenciados que estejam realizando movimentação de solo e subsolo no raio de 2km (dois quilômetros) dos sítios arqueológicos conhecidos no Estado do Amazonas, para que apresentem a anuência do IPHAN quanto aos estudos preventivos de arqueologia, e, no caso de descumprimento da notificação, adotem as medidas administrativas visando a interdição da atividade ou embargo da obra;



PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS

O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)

POLUIÇÃO e DESMATAMENTO nos IGARAPÉS:

- ✓ O igarapé Caititu está poluído pelo lixo e esgoto que jogam nele, afetando todo a TI Caititu, principalmente as aldeias que dependem dele como: São José, Boa Vista, Vila Nova;
- ✓ As nascentes do igarapé Caititu estão sendo desmatadas pelos fazendeiros fazendo o Igarapé Caititu secar;
- ✓ Os fazendeiros jogam veneno nos babaçu do pasto e jogam boi podre do igarapé Preto, afetando várias aldeias também;
- ✓ No igarapé Arapaçu tem esgoto caindo lá, também prejudicando as aldeias;
- ✓ Quando chove, todo o lixo (sacolas, garrafas, latas, e restos de caça) das outras comunidades descem para o igarapé Puciari e deixam a água suja.

- ✓ Articular com o poder público (Secretaria de Meio Ambiente, prefeito e vereadores) para criar estratégias para diminuir os prejuízos causados pelo lixo e esgoto que prejudica o bem estar das aldeias;
- ✓ Precisa de uma ação para não avançar o desmatamento nas nascentes do igarapé Caititu;
- ✓ Entrar com ação no Ministério Público (estadual ou federal) para resolver os problemas de poluição nos igarapés. Tem documento, tem filmagem, já entraram com documento na prefeitura e não resolve;
- ✓ Fazer análise da água de tempo em tempo (monitoramento) desses igarapés que sofrem com contaminação para comprovar a contaminação. Indígenas devem acompanhar e ter acesso aos resultados;
- ✓ Fazer uma reunião nas comunidades do Puciari para ter um acordo que não joguem lixo no igarapé principalmente no período da cheia.

PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS

PESCA:

- ✓ A pescaria com malha 5 pega o peixe todo e acaba;
- ✓ Os peixes desovam no rio Purus, lá eles jogam rede e está acabando com os peixes aqui;
- ✓ O período de defeso não é respeitado;
- ✓ Os peixes dos lagos e igarapés estão diminuindo;
- ✓ Tem parentes de comunidades vizinhas que comercializa os peixes dos lagos e os peixes estão diminuindo.

O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)

ACORDO DE CONVIVÊNCIA:

- ✓ Fazer uma conversa com os pescadores do Mari, comunidades, ICMbio e Ibama para entrar em acordo sobre respeitar o período de defeso (não pescar de malhadeira 5 no período de desova na boca do Mari);
 - ✓ Precisa fazer um acordo de pesca junto com as aldeias do Puciari, para os lagos: Cadete, Tambaqui, Cobra, Pequeno, Caruaçu, Mergulhão, Raso, Pequeno;
- ✓ Na Terra Indígena Caititu tem 4 lagos grandes e 20 pequenos e podemos fazer manejo nesses lagos, além dos igarapés. Queremos fazer um estudo sobre o potencial do manejo dos peixes que temos nesses lagos e igarapés.

ACORDOS DE PESCA da aldeia Copaíba:

- ✓ No lago Copaíba e da Traíra só pode pescar de caniço e flecha;
- ✓ Cada família pode tirar no máximo 10 peixes por dia do lago;
- ✓ No lago Copaíba, Traíra e Idecorá só pode pescar para comer e não para vender;

“Se fazer um plano de manejo fica mais adequado, nós temos o lago da copaíba e da traíra, menos de 30 minutos o cara enchia o paneiro de peixe, o antigo cacique não deixava pescar de malhadeira, só de caniço ... vamo passar 2 anos de pescar de caniço porque o peixe quando ver que tá muito afetado lá ele vai pra outro lago, nos definimos 10 peixes, e salgava no máximo pra não estragar, plano de manejo é assim é recuperar...a gente passou esse tempo aí a gente identificou até pirarucu, se nós continuar assim ano que vem ele já trás os filhote dele pra aquele lago” Marcílio Batalha da Silva, Cacique da aldeia Copaíba.

ACORDOS DE PESCA da aldeia Idecorá:

- ✓ O lago das casas (do Idecorá) é só usado para consumo da comunidade, não pode sair daqui. É proibido fazer batção e jogar tingui nos lagos da aldeia Idecorá;

ACORDOS DE USO do Lago Grande:

- ✓ Solicitar da FUNAI que coloque placa na entrada do ramal e dos lagos;
- ✓ Fazer um porto para todas as comunidades colocar sua canoa;
- ✓ Que quando forem pescar cada comunidade terá que avisar as comunidades que estão passando no caminho e o Arapaçu, para ter o melhor controle de quem entra e sai no lago;
- ✓ Todos presentes na reunião concordaram em ajudar na vigilância do lago;
- ✓ Pessoas que moram na cidade só podem pescar se for com autorização de todos os caciques das comunidades em acordo;
 - ✓ Não poderá fazer batção no lago para não espantar os peixes;
- ✓ Todos que fizerem fogo na beira do lago quando forem pescar terão que jogar água para apagar o fogo, e quando fumarem apagar o cigarro antes de jogar, para o fogo não espalhar na floresta;
 - ✓ Pescar com malhadeira, só se for com malha acima de malha 8;
- ✓ Os pesquisadores vão fazer articulação 1(uma) vez por mês nas comunidades, para saber se os acordos citados acima estão sendo cumpridos.

PROBLEMAS COMUNS ENTRE AS ALDEIAS	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR)
✓ Falta um diálogo e acordo mais claro com a Frente de Proteção Etnoambiental da Funai	✓ Que a frente de proteção respeite as nossas áreas e não empate os indígenas passar para pescar nosso alimento. Tem uma área de uso nosso há muito tempo no Mari e no Pacia e desde foi feito a base lá em 2010 não foi usado mais essa área. ✓ A gente quer entrar em um acordo, pois na época seca, precisamos usar essa área para pescar. ✓ Os ribeirinhos estão entrando lá para quebrar castanha (em consequência pescam e caçam), tem um acordo para isso. Essa área ficou fora da terra indígena Caititu, é o parque (Matinguari) em sobreposição terra indígena não homologada (dos autônomos). ✓ O governo precisa ter providências quanto a isso o mais rápido possível, pois são situações que trazem conflitos. ✓ Fazer uma reunião com Funai, Frente de Proteção, ICMBio e comunidades atingidas para ver um acordo, pois essas áreas também são há anos de uso do povo do caititu também; ✓ Precisa garantir participação dos indígenas no conselho do Parque Matinguari do ICMBio.
<u>FOGO:</u> ✓ Tem pessoas que colocam fogo no roçado, faz fogo na beira do lago ou jogam ponta de cigarro e às vezes o fogo espalha e sai queimando tudo; ✓ Todo ano entra um fogo na área de mata e acaba com as frutas.	✓ Precisa ter cuidado com o uso do fogo, que sem controle espalha. Precisa saber como usar fogo; ✓ Fazer conscientização para alertar sobre o perigo das queimadas; ✓ Precisamos de capacitação de como trabalhar sem que o fogo prejudique a natureza; ✓ Aproveitar as madeiras boas que estão no meio do roçado para não estragar, para fazer lenha, carvão e outras coisas. <u>ACORDO DE CONVIVÊNCIA:</u> ✓ Todos precisam fazer o aceiro em volta do roçado pra não deixar o fogo sair e precisa vigiar esse fogo, além de respeitar o horário certo, quando o sol e vento não estão fortes; ✓ Precisa manter o aceiro limpo; ✓ Tem que tomar cuidado com o fogo na beira do lago, garantir que apagou antes de sair; ✓ Não fumar na área onde tem o furão, pois pega fogo e espalha rápido.

SUSTENTO

INHIPUKURE

VA `ORA VAVAHOKIKI KAIMONI

ERA NATAMINA HARO



Nós somos um povo de terra firme. Plantamos, fazemos artesanato, pescamos e caçamos. Produzimos mandioca (farinha), macaxeira, abacaxi, banana, cana, cará, batata, batata doce, milho. Somos também extrativistas, em nossa terra tem muita castanha, açaí, abacaba, patauá, buriti, tucumã, copaíba, andiroba, palha branca, cipós, entre outras. Muitas vezes temos que comercializar com atravessadores a preços baixos, como o caso da castanha, a farinha e o açaí, principalmente. As comunidades, junto com a Funai e parceiros, precisam encontrar soluções para o sustento das aldeias.

“Nós tem que ter respeito, tem que ter união, essa maior união que eu vi de 20 anos que eu tô em movimento, todo mundo conversando todo

mundo se respeitando, se nós tâmo arengado, tem que resolver. O fazendeiro me imprensa a minha família tá crescendo, se eu ponho pra cá, é do Zé Inácio, se eu ponho pra lá é do João Baiano, eu sei a situação de quem vive na cidade, é lastimável, nós precisamos conversar e fazer acordo pra usar a terra e botar roçado. Essas coisas que vocês tão aprendendo não fica só pra vocês, tem que quebrar esse tabu de querer só pra si, mas tem que pensar e dividir com todos. Se alguém mora na cidade quer por o roçado, vem comigo que a gente acorda e põe o roçado” Francisco Jacinto de Almeida – Cacique Marcelino, aldeia Novo Paraíso.

“A gente não tem como vender a nossa produ-

ção, hoje nós estamos aqui pra ver como nós vamos nos manter, já chega de ficar dependendo dos outros, como fazer pra conseguir esse recurso ... a gente não consegue nenhum transporte, a gente tá assim, sem saída” Raimundo Apurinã (Bofé), Cacique da Aldeia Japiim.

“Nós temos açaí na nossa região que estraga, é muito açaí, nós tendo recurso pra vender nós vende, é um produto que traz resultado, reforçando um pouco da farinha, isso é pra área Caititu, é todo mundo, é pegar essa farinha e vender. A gente já chegou a vender nossa farinha do Japiim pra Porto Velho, tem como fazer isso, vai depender de recurso” Raimundo Apurinã (Bofé), Cacique da Aldeia Japiim.

Entrando mais fundo na discussão sobre produção, a gente organizou as informações que vieram das comunidades em quatro eixos:
 APOIO PARA ORGANIZAR E INCENTIVAR A PRODUÇÃO; APOIO PARA ESCOAR A PRODUÇÃO;
 APOIO PARA COMERCIALIZAR A PRODUÇÃO; APOIO DE ACESSO A CRÉDITO A PROGRAMAS DO GOVERNO.

AÇÕES DE SUSTENTO PARA A TERRA INDÍGENA CAITITU

- ✓ Precisa de maior divulgação dos cursos do Idam em parceria com a FUNAI.
- ✓ FERRAMENTAS COMUNITÁRIAS: precisamos de roçadeira, enxada, terçado, motosserra, foice, machado, martelo, carrinho de mão, boca de lobo, picareta, etc.
- ✓ A Funai não dá mais ferramentas. É possível conseguir isso por projetos ou créditos, precisam prever essas ferramentas quando acessar esses recursos.
- ✓ CASA DE FARINHA: a farinha é a base do sustento de todas as aldeias. Muitas casas de farinha estão velhas, o forno é pequeno para toda a aldeia e precisam colocar a mandioca de molho no igarapé (isso suja a água que usam): precisa da construção casas de farinha completas para todas as aldeias para o uso comunitário. Essas casas devem ser cobertas de alumínio, equipadas com forno (no tamanho e quantidade certa para as aldeias), motor, bancada para sevar, prensa, duas caixas grandes para pôr a mandioca de molho.
- ✓ Precisa também de capacitação para melhorar a qualidade da farinha que produzem para comercialização.

FALTA DE RECURSOS E ÁREAS DEGRADADAS:

- ✓ As aldeias próximas à cidade estão pequenas e sem recursos e já não tem mais área disponível para o roçado, só conseguem plantar duas vezes na roça, depois a terra cansa. Além disso, tem muita área degradada invadida pelo furão. Essas aldeias são São José, São Francisco, Novo Paraíso, Nova Esperança II, Paxiúba, Boa Vista, Macedinho, Copaíba, Tucumã.
- ✓ Para essas aldeias precisa de apoio com trator e arado (ou arado animal) para acabar com o furão ou plantar outra vez e assistência técnica para resolver a questão da terra fraca, precisam de apoio para aprender técnicas de manter a terra boa e produtiva por mais tempo.
- ✓ Onde tem sombra não tem furão, então precisa colocar árvores, recuperar as áreas e fazer replantio. Precisamos de mais apoio no SAF – Sistemas Agroflorestais.

PROPOSTAS DOS PROJETOS DE PRODUÇÃO DAS ALDEIAS:

BOA VISTA: Precisa de apoio técnico (de pessoas que conheçam a realidade daqui e valorizem o conhecimento da comunidade) para cursos e desenvolver um trabalho sustentável de plantações de açaí, andiroba, pupunha, cupuaçu, castanha, buriti, manga, entre outros, para suprir as necessidades da aldeia de maneira permanente. De início seria para o consumo da aldeia e sobrando, para comercializar também. Queremos a implantação de um açude (viveiro de peixe) na aldeia para suprir as necessidades na alimentação e no sustento financeiro. Vão retomar a conversa com o Ifam e Funai. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

JACAMIM: Queremos 100 pés de café para plantio na aldeia; queremos fazer o plano de manejo do pirarucu; queremos fazer um tabuleiro na praia pra tracajá (em conversa com Ibama); ter orientação sobre venenos naturais para matar /controlar insetos na plantação; gostaríamos de fazer um manejo do açaí, bacaba, buriti e patuá, para venda da fruta para renda das comunidades; queremos capacitação e recursos para trabalhar com galinha caipira, plantação de banana e horta próximo a aldeia. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

SÃO SEBASTIÃO: Queremos capacitação e assistência técnica para trabalhar com criação de abelhas. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

PAXIÚBA: Precisa de apoio para adquirir mudas de cana e açaí para replantar nas áreas onde tem o furão. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

MACEDINHO: Ter apoio do CTL e Idam para plantio de 2000 pés de açaí (se plantar é nosso!); queremos fazer o replantio de árvores como: pupunha, bacaba, café, cacau, andiroba, cupuaçu, entre outras. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

Apoio para organizar
e incentivar a
produção nas aldeias

AÇÕES DE SUSTENTO PARA A TERRA INDÍGENA CAITITU

Apoio para organizar e incentivar a produção nas aldeias

IRMÃ CLEUZA: Precisamos de apoio técnico para cursos e trabalho sustentável de plantações de açaí, andiroba, pupunha, cupuaçu, banana, lima, laranja, castanha, entre outros; precisamos de orientação sobre venenos naturais para matar /controlar insetos na plantação; gostaríamos de apoio e capacitação para fazer manejo e beneficiamento do açaí, e estrutura para trabalhar com o babaçu, e patuá, para renda das comunidades. Queremos plantar no meio da roça de mandioca fruteiras tanto para consumo como para venda; a gente também quer plantar mais frutas perto de casa. Queremos capacitação e assistência técnica para fazer uma horta com cebola, pimenta, coentro, chicória, tomate, pepino, batata, beterraba, cenoura e couve. Precisa de apoio a produção de castanha e farinha (já temos a produção). Queremos também fazer um viveiro de peixes para pescar no inverno e um projeto de avicultura para criação de galinha caipira. Precisa de capacitação e assistência técnica.

NOVO PARAÍSO: Precisa fazer o replantio de frutas nativas: queremos apoio para projetos de reflorestamento e SAF; queremos um viveiro para peixes e projeto de avicultura para criação de galinha caipira. Queremos apoio e estrutura para explorar o babaçu.

IDECORÁ: Queremos levantar os recursos através de projetos: a criação de galinha e pato solta não vai pra frente, os cachorros comem os ovos: queremos ter um galpão para criar galinhas e aproveitar o esterco para horta; no inverno os peixes ficam difíceis de pegar: queremos fazer um viveiro de peixes para pescar no inverno; queremos fazer uma horta comunitária para consumo e venda (e controlar a saúva) e ter capacitação e assistência técnica; queremos ampliar o sistema agroflorestal para perto das casas, pois está dando resultado; precisa de uma despoldadeira de açaí para consumo e venda do vinho. Queremos estrutura para trabalhar com Babaçu.

SÃO JOSÉ: Queremos plantar no meio da roça de mandioca fruteiras como pupunha, açaí, biribá, coco de praia, cacau, banana, cana, urucum, bacaba entre outros tanto para consumo como para venda; precisamos de ajuda para fazer as sementes dessas plantas germinarem porque elas são difíceis de nascer; seria bom ter encontros para troca de sementes entre as aldeias. Queremos recursos para criação de peixes e alguns animais (galinha e pato). Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

NOVA ESPERANÇA II: Precisa de projeto comunitário para gerar recursos: queremos fazer o replantio de frutas nativas como Bacaba, Açaí e Patuá porque está acabando e o povo derruba; não tem lago, igarapé, rio para pescar e não tem caça precisam comprar as coisas na cidade: queremos um viveiro para peixes e um projeto de avicultura para criação de galinha caipira; queremos fazer uma horta comunitária para consumo, venda e merenda da escola. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

CUJUBIM E CAPURANA: Queremos capacitação e assistência técnica para trabalhar com criação de abelhas; queremos plano de manejo saber usar os recursos da floresta e para comercializar; precisa de assistência técnica para plantio de melancia, banana, maxixe, maracujá (e ferramentas de irrigação) e horta dentro da comunidade.

COPAÍBA: Precisamos de máquina e capacitação para beneficiar o açaí; queremos apoio para plantar todo tipo de árvore, fazer um projeto de reflorestamento, com 200 mudas de frutíferas para segurança da alimentação; queremos uma capacitação para trabalhar com horta familiar; queremos iniciar a fazer um manejo pesqueiro no lago Copaíba e Traíra. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

CASTANHEIRA: Não há renda para a sustentabilidade das famílias e não vão retirar recursos de forma ilegal: queremos projeto de manejo dos recursos naturais (açaí, bacaba, patuá) para venda e o recurso seria investido em benefício da aldeia. Queremos estrutura para trabalhar com Babaçu.

ARAPAÇUZINHO: Fazer dois grandes roçados e a cada plantação fazer a rotação do plantio para manter a terra fértil; o preço pago pelo nosso açaí não é justo: queremos ter uma máquina para açaí na comunidade, o produto sairia direto da comunidade para o consumidor e com certeza teríamos o açaí valorizado e um aumento na renda; temos muitas frutas como cupuaçu, abacaxi, banana, maracujá e queremos fazer retirada da polpa para vender; o babaçu, andiroba, castanha e copaíba pode ser uma opção no aumento da renda.

BELA VISTA: A gente quer plantar mais frutas perto de casa; queremos fazer uma horta com cebola, pimenta, coentro, chicória, e couve. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

JAPIIM: Queremos um apoio para financiamento; precisamos de apoio de combustível, óleo, rancho e equipamento completo para trabalhar no castanhal; precisamos de recursos de materiais para trabalhar com galinhas. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

SÃO DOMINGOS: Queremos um apoio para financiamento; precisamos de apoio de combustível, óleo, rancho e equipamento completo para trabalhar no castanhal; precisamos de recursos de materiais para trabalhar com galinhas; queremos apoio e cursos para desenvolver um trabalho sustentável de plantações cupuaçu, castanha, limão, laranja, abacate e abacaxi. Queremos apoio para trabalhar com Babaçu.

AÇÕES DE SUSTENTO PARA A TERRA INDÍGENA CAITITU

Apoio para escoar a produção	FAZER UM CALENDÁRIO PARA OS DIAS DE TRANSPORTE DE ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO: ✓ Precisamos de uma carroça para moto ou carro para escoar a produção pelo ramal: Idecorá, Arapaçu, Arapaçuzinho, Paxiúba, Cobaíba, Macedinho, São José, Vila Nova e São Francisco; ✓ Precisamos de um carro disponível para quando chegarmos do igarapé com a produção levar até a cidade: Irmã Cleuza, Japiim, São Domingos, Castanheira; ✓ Precisamos de transporte da beira do Purus para a cidade: Jacamim, Cujubim, Capurana, Bela Vista, São Sebastião, São Francisco; ✓ Precisamos de apoio para o transporte da produção das aldeias uma vez por semana: Novo Paraíso, Nova Esperança II, Tucumã, Buriti e Boa Vista. Mas toda semana deve haver boa comunicação entre essas aldeias para informar se há produção disponível para ser carregada. Já tem um Jerico no Novo Paraíso que precisa de manutenção e não tem recurso, ele poderia apoiar as comunidades. ✓ Tem que ter BOA comunicação entre as aldeias para saber quando há produção disponível nas aldeias que estão planejando o transporte juntas e não ter prejuízo no transporte; ✓ As comunidades devem destinar uma pequena porcentagem da produção para a manutenção e combustível do transporte; ✓ Precisa de caminhão com um motorista indígena, pois uma caminhonete muitas vezes só carrega o volume de uma família.
Apoio na comercialização da produção	✓ As comunidades precisam ter um levantamento sobre a quantidade e tipo de produção que tem nas aldeias; ✓ Precisamos que os órgãos (Funai, Focimp, Amimp) ajudem a organizar a venda dos produtos; ✓ Precisamos estudar formas de se organizar pra comercializar e fazer um estudo do mercado e um plano de negócios para comercialização da Castanha, Açaí, Babaçu e Farinha (venda na cidade e para fora da cidade de Lábrea); ✓ Precisa ser uma venda unida entre as aldeias do Caititu, ter um plano de trabalho entre as aldeias, organizar a produção para ter volume de venda; ✓ Precisamos de um local adequado para vender os produtos: poderíamos ter um local, um comércio pertencente aos indígenas para a venda dos produtos do Caititu; ✓ Queremos que tenha comprador para nossa produção e um preço justo.
Apoio ao acesso ao crédito e programas do governo	✓ Precisa maior esclarecimento sobre o crédito para indígena; ✓ Não conseguem ter projetos com o Idam porque não tem documento da terra. Não está claro como a Funai e o Idam trabalham juntos – sentar com Funai e Idam para resolver os problemas e deixar claro o papel desses órgãos; ✓ As aldeias querem capacitação para saber como funciona crédito, projetos, editais, financiamentos, etc; ✓ A Focimp que pode conhecer os possíveis financiadores dos projetos nas comunidades, avisando as lideranças. As lideranças também devem procurar a Focimp para se informar; ✓ Precisa da liberação da DAP para os moradores das aldeias.

A seguir, estão as IDEIAS específicas de cada aldeia:

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Boa Vista	✓ Usam recursos como: açaí, castanha, bacaba, tucumã, buriti, manga, patuá, maniva, banana. Mas é pouco não supre a necessidade do ano; ✓ Buriti e manga são coletados fora da aldeia e 3 famílias tem castanhal; ✓ Cada família tem seu roçado; ✓ Vendem açaí, castanha e artesanato (quando há encomenda).	
Cujubim e Capurana	✓ Temos peixes, caças, frutas, aves, floresta e rio onde podemos tirar nosso alimento; ✓ Todo mundo faz roça; ✓ Tem terra pra plantar e tudo que planta dá; ✓ Plantamos: mandioca, macaxeira, batata, cará, banana, ingá, abacaxi, caju, cana, ariá, milho massa, melancia e maxixi.	✓ As pessoas não procuram muito as frutas e coletam pouco. Às vezes as pessoas derrubam os pés de frutas que estão perto da aldeia: coletar as mudas de frutas no mato e trazer para plantar perto da aldeia.
Bela Vista	✓ Dentro da comunidade não existe derrubada predatória, as árvores só são derrubadas para fazer os roçados; ✓ Boa parte do Igarapé é preservada e há muitos peixes; ✓ Não há queimadas; ✓ Boa parte dos animais e peixes estão intactos; ✓ Aqui tem muita caça e ✓ a gente caça só pra comer; ✓ Temos queixada, anta, veado, porquinho, pato do mato, macaco, mutum, jacú, nambú e tucano; ✓ Aqui tem muito peixe, mamuri, piau, jatuarana, pacu, surubim, mandim, piranha, traira, cuiú, pirarara, peixe boi; ✓ Temos muitas frutas, sorva, uxi, agaum, piquiá, sambutí, tingá, angaru, pamã, paimã, sapupuri, crucuí, tucumã, angarú, apurui, cajuí, jatobá, cumaru, castanha, continuaqui, asanaqui, açaí, patuá, bacaba, buriti e pitomba; ✓ Nossa terra é muito boa, tudo que planta dá; ✓ A gente faz roça de macaxeira, mandioca, abacaxi, banana, cará, batata, ariá, caju, pupu, pupunha, maracujá, melancia milho, inhame, taioba, jirimum.	

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Arapaçu	✓ Grande parte dos igarapés e da nossa floresta estão preservados; ✓ Poucas pessoas ainda fazem queimadas e derrubam a floresta; ✓ Temos áreas na comunidade que a fauna e flora permanecem intocadas; ✓ A retirada de madeira só acontece quando há necessidade para construir casas e canoas; ✓ Há grande quantidade de peixe nos igarapés e todos respeitam o período de desova. ✓ Temos roçados com grande quantidade de frutas; ✓ Tem muito açaí	✓ Onde há desmatamento não acontece replantio: replantar as áreas que estão desmatadas; ✓ Não jogar lixo nos lagos e igarapés.
Arapaçu	✓ Tem floresta em pé; ✓ Tem produto extrativista; ✓ Tem lago cheio de peixe; ✓ Tem caça; ✓ Tem roça; ✓ Fazem farinha (tem 3 fornos); ✓ Tem castanha (coleta para venda); ✓ Tem açaí com fartura para consumo e venda.	✓ Precisa preservar o lago e igarapé, evitar invasão; ✓ Só pode tirar uma quantidade de peixe que não estrague.
Idecorá	✓ Existem acordos que são respeitados pela comunidade; ✓ Há muita mata bruta e recursos; ✓ Tem muita fruta regional como açaí, patuá, bacaba, castanha tucumã, entre outras; ✓ Tem muita caça e pesca; ✓ Tem muita fartura; ✓ Uns ajudam os outros no roçado (mandioca, macaxeira); ✓ Tem um trabalho de SAF feito com a OPAN que está dando certo.	✓ Precisa de duas roçadeiras comunitárias. REGRAS: ✓ O Lago das Casas é só usado para consumo da comunidade, não pode sair daqui; ✓ É proibido fazer batção e jogar tinguí nos lagos; ✓ É proibido caçar com cachorros; ✓ É proibido cortar os pés de fruta para fazer coleta.
São Sebastião	✓ Floresta tudo em pé e ar puro; ✓ Temos terra para plantar, a terra é boa tudo que planta dá; ✓ Ainda tem muito peixe e caça que dá pra sustentar as famílias que tem aqui; ✓ Tem muita fruta (uxí, piquiá, agaum, agamuim, pama, pinguelo, cacau, mão de onça, pajurá, açaí, patuá, buriti, bacaba, asanaquí, tucumã); ✓ Todos fazem roça e plantamos: cará, aria, batata, abacaxi, cana, banana, mamão, caju, goiaba, ingá, pimenteira, cupuaçu, mandioca, macaxeira; ✓ A gente faz farinha, beiju, tapioca, mingau da massa de carimã.	✓ Reunir mais a comunidade para discutir sobre a preservação do igarapé (os moradores devem participar mais das reuniões); ✓ Não fazer desmatamento; ✓ Precisamos preservar os peixes e as caças pra voltar a aumentar.

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
São José	✓ Plantam mandioca, macaxeira, banana, caju, cará, ária, abacaxi, cana, pupunha, ingá de metro, açaí, araticum, graviola, azeitona preta e ata do gapó. No quintal ainda plantam cebolinha, pimenta olho de peixe e de cheiro, couve, orelha de macaco, favaqui, chicória, algodão (roxo e branco), pinhão (roxo e branco), terramicina, capim santo, biriba, cupuaçu, pupunha, banana, coco da praia, abacaxi, aticau, palmeirinha, surucuina, assa flor (remédio), pipoca (jambu), mamão, girimum, cajuí, tucumã, urucuri, patuá, buriti, sambuti, antigozo, pé de cachorro; ✓ Cada família tem o seu roçado, tem casos uma família ajuda a outra e quem não tem roça também ajuda e então ganha parte da produção; ✓ A terra é boa para o plantio; ✓ Tem a maioria das sementes para plantar todos os anos (sementes de tempero que é mais difícil); ✓ Conhecem e ainda se alimentam com alimentos tradicionais: Mutamba, ingazinho, induá (macaxeira da água), gamuim, genipapu, coco de anta, pitomba, babaçu, ingá boi, umari, maracujá nativo, mari mari, buriti, anajá, camundaqui, sarunqui, patiri, angica, jatobá, massaranduba, caibuta, arará, bacuri, cajuí, cajarana, sacatiru, bacaba, mulungu, açaí, castanha, cipó para vassoura, pandeiro e balaio, barro para cerâmica, bacaba, arumã – talo para artesanato, sorva, pama, cacau, mauá, atingoço, barba de bode, pé de cachorro, sorva, tucumã, castanha de cutia, pupunha, agaum, uxi, pequiá, tinguiniqui (lagarta do coco), patauá, maniquini, saniquini (lagarta), quixuri (lagarta), tapuiaqui (lagarta do pau da sorva, do galho da copaíba), canajura (saúva), cutipiri (buriti, patuá – depois da derrubada), quindure – cigarra; ✓ Há um Igarapé pequeno próximo à aldeia, que só existe peixe traíra, normalmente quando pescam são em igarapés vizinhos. Pescam de malhadeira, espinhal e caniço. ✓ Pedem permissão para utilizar Igarapés próximos às outras aldeias; ✓ Igarapé Piui - tem peixe no período do inverno; Igarapé Caititu – no verão tem traíra, mandi, piau, cará, cari, piaba e no inverno tem tudo inclusive jaraqui e pacu; ✓ Utilizam também o Lago perdido e o lago Idecorá; ✓ Pesca no verão: Rio Purus e no furo do Zoró e no rio Cainã e Pesca de Inverno: TI Marará na Aldeia Fortaleza e São João, Canarana; ✓ Antes não tinha piau, agora tem, isso porque estão preservando mais o Igarapé.	✓ Precisavam ter reuniões para todos da aldeia se ajudarem mais com os roçados; ✓ Precisa preservar o que já tem e plantar mais; ✓ Seria bom colocar placas de sinalização e fazer a limpeza dos açais para ver se o povo respeita mais; ✓ Homens e mulheres precisam resgatar o conhecimento do arco e flecha (fazer e flechar). REGRAS: ✓ Não pode fazer batção no Igarapé aqui e não queremos permitir isso em outras aldeias também; ✓ Todos deveriam usar caniço para não acabar com os peixes. Se for usar malhadeira que seja só para o consumo da família. Mais que 3 malhadeiras não pode; ✓ Os vizinhos devem respeitar as caças aqui como nós respeitamos os outros lugares. Não caçar aqui e nem colocar cachorro que espanta; ✓ Quando abrir uma roça nova não pode derrubar as frutas que a comunidade usa.
Nova Esperança II	✓ Produção de farinha; ✓ Macaxeira, banana, abacaxi; ✓ Açaí, Tucumã, Bacaba, Patuá.	✓ Não tem mais madeira para fazer as casas de qualidade: parar de fazer queimadas e não fazer derrubada no igarapé.

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Irmã Cleuza	✓ Ao redor da comunidade temos plantado ingá, cupuaçu, pupunha, biribá, abacate, banana, limão, mutamba, apurui, jenipapo, urucuri, marimari, umari, azeitona, araticum, jaca, goiaba, manga, caju, araçá, castanha, fruta pão, ingá boi, café, piquiá, tucumã, babaçu e outros; ✓ Tem castanhal e outras frutas do mato como açaí, patoá, babaçu; ✓ Tem muita mata bruta; ✓ Tem os igarapés preservados em mata com peixes e caça; ✓ Temos canoa, remo, motor para o transporte de nossa produção do igarapé até a aldeia e da aldeia até a balsa; ✓ Temos terra boa para plantar.	REGRA: A caça é só para o consumo da aldeia, gente de fora não pode caçar. Gente de fora pode tirar frutos com permissão da comunidade para consumir apenas dentro da aldeia
Novo Paraíso	✓ Estamos fazendo reflorestamento da terra degradada invadida por sapê; ✓ Produção de farinha; ✓ Macaxeira, banana, abacaxi, coloral; ✓ Massa de babaçu e macaxeira; ✓ Carimã, Cupuaçu, Ingá, Bacaba, açaí, bacana, patuá, tucumã para consumo e venda.	
Castanheira	✓ Tem muitos recursos perto da aldeia; ✓ Tem frutos, roça, açaí, pupunha; ✓ Tem bastante caça para o consumo; ✓ Tem criação como – galinha, porco, gado para o consumo.	✓ Precisa um meio para escoar o produto como – um jerico; REGRA: A caça é só para o consumo da aldeia, gente de fora não pode caçar. Gente de fora pode tirar frutos com permissão da comunidade para consumir apenas dentro da aldeia
Copaíba	✓ Tem 3 casas de farinha particular; ✓ Tem roças em terra firme e várzea. Os roçados são familiares (macaxeira, mandioca, banana, abacaxi, cará, batata, entre outras); ✓ Usam açaí e bacaba.	✓ Precisamos de uma roçadeira comunitária. REGRAS: ✓ Nos Lagos Copaíba e Traíra só pode pescar de caniço e flecha; ✓ Nos Lagos Copaíba, Traíra e Idecorá só pode pescar para comer e não para vender; ✓ Cada família pode tirar só 10 peixes por dia do lago; ✓ Não pode caçar com cachorro porque espanta.

ALDEIAS	COISAS QUE ESTÃO BOAS E PRECISAMOS MANTER	O QUE PRECISA SER FEITO (IDEIAS PARA MELHORAR) EM CADA ALDEIA
Paxiúba	✓ Às vezes ainda tem como tirar para o sustento a banana, cará, bacaba, macaxeira, abacaxi, patoá; ✓ Pescam no igarapé e lago do pau barbado; ✓ Tem bastante açaí e tiram para consumo e venda.	
Macedinho	✓ A pesca é boa nos 4 lagos para comer. Tem água limpa e peixe, pescam de caniço, malhadeira, flecha; ✓ Cada família tem um roçado. Mandioca, macaxeira, abacaxi, banana, pupunha, cara, ariá, batata, entre outras; ✓ Fazem farinha, mas é muita gente para o tamanho do forno.	
Jacamim	✓ Tem muita fruta do mato: bacuri, buriti, gamuim, tucumã, bacaba, anigá, abiu, cajuí, sorva, uxi, patuá, pama, agaú, biorana, mão de onça, urucuri, mari mari, gogó de guariba, açaí, jacaré entre outras; ✓ Ninguém derruba os pés de frutas pra colher; ✓ Tiram óleo de copaíba pra venda e tem bom mercado; ✓ Tem bastante caça: queixada, veado, anta, paca, cotia, porquinho, caçam de espingarda, quando pegam todos dividem; ✓ Tem fartura de peixe no paranã; ✓ Pescam com caniço; ✓ Igarapé Puraqué tem muito piau e mamuri; ✓ A terra é boa; ✓ Plantam mandioca, macaxeira, abacaxi, cará, mamão, ariá, batata, abacate, caju, banana, melancia, cacau, urucuri, coco da praia, manga, cupuaçu e bacaba; ✓ A roça é da comunidade, todos trabalham juntos; ✓ Mesmo no inverno tem uma parte de terra firme para plantar.	✓ Muito problema com saúva que corta a plantação: quando a roça ainda está pequena precisa fazer controle no próprio formigueiro, porque depois que cresce ela não corta mais; ✓ Testar fazer espantalho para espantar os bichos da roça.





FRENTE DE PROTEÇÃO ETNOAMBIENTAL MADEIRA PURUS (FPEMP)

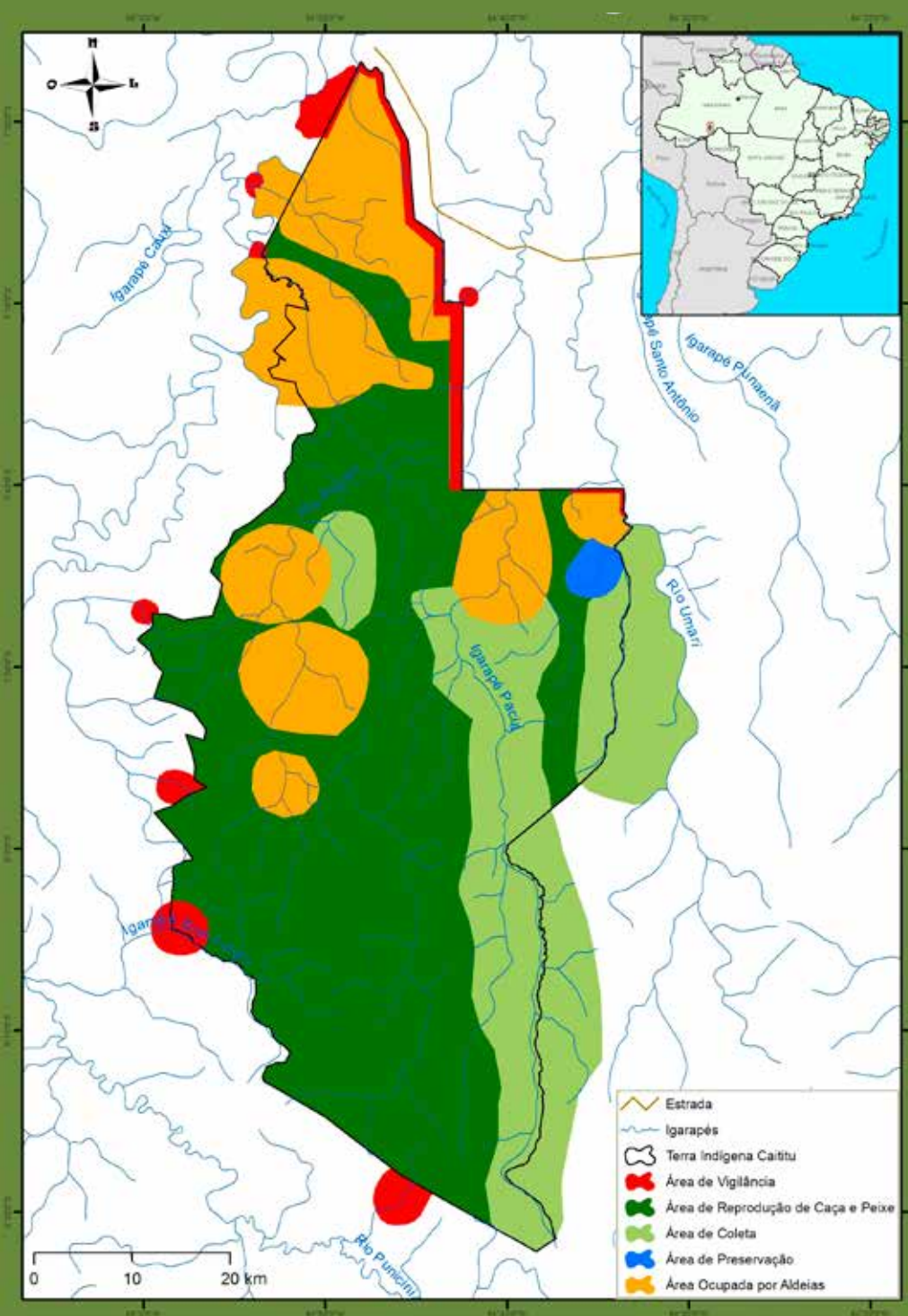
“Existem duas coordenações em Lábrea, uma só é responsável pelos índios autônomos, que não tem contato com outros povos, Funai, ribeirinhos ou qualquer outras pessoas, a outra cuida de todos os índios que já tiveram contato. A Frente dos índios autônomos tem os seus recursos próprios, pois o governo entende que esses indígenas têm necessidades especiais. Onde a Frente acha que tem índios autônomos fazem uma expedição. Tem seis locais que todo ano acontece expedição para localizar esses grupos. Hoje existe a frente de proteção Madeira-Purus (juntou o Madeira com o Purus) e agora está sendo reorganizado esse trabalho. Com a fusão da Frente Madeira-Purus, vem também mais demandas, mas pode surgir um apoio como, por exemplo, a Frente precisa organizar uma capacitação para quem quer fazer esse serviço (expedições), são dois meses em campo,

um trabalho complicado. E são pessoas que vão representar o Caititu junto à Frente de Proteção.

Foram realizadas duas expedições esse ano com os Catauixi, e na cabeceira do Ituxi. Aqui tem um trabalho de fazer um monitoramento dos autônomos Catauixi em diálogo com Apurinãs, brancos do Parque do Mapinguari e ribeirinhos da Resex. Tem bases de proteção que ficam 24 horas no limite da terra para não deixar branco entrar. Nesse cenário já vinha sendo feito um trabalho com pessoas do Caititu. Através dos caciques ou Focimp poderiam ser indicados os indígenas para prestar apoio na fiscalização dos índios sem contato. Isso pode ajudar a proteção da parte sul da terra indígena Caititu. Tem um ramal que chega lá na divisa, um ramal estreito, mas que passa moto e provavelmente precisa ter vigilância, Funai.

“Parece que vocês têm vizinhos aqui vivendo no território de vocês, nas cabeceiras Mari, Passiá e Puciari. Vocês que tem costume de caçar, sempre ouve algo e vem dizer, preocupados. O que vai acontecer? Ainda não se sabe. Nunca se localizou índio isolado dentro de Terra Indígena já demarcada. Precisa estreitar as relações, construir o que deve ser feito. Devemos pensar juntos em um zoneamento mais específico para essa região. Vamos construir base para proteger outro grupo? Não sei. Só se isso for uma conversa entre nós e vocês” Frente de Proteção Etnoambiental Madeira - Purus (FPEMP), Funai.

ZONEAMENTO DA TERRA INDÍGENA CAITITU NA REGIÃO DO MÉDIO PURUS



ZONEAMENTO DA TI CAITITU

PUPŶKARI MIRITIKATA ITIXINHE

GATHOGATHONI, AHOARIHAONINI PAPIRA HOJANI HIDA CAITITU KAARABONI
YAMA HIRINARO TABORAKA YAMAYA CAITITU

O trabalho foi feito em três grupos, aldeias do Puciari, aldeias do Mari e do Passiá, e aldeias próximas a cidade, que discutiram e marcaram no mapa as áreas consideradas importantes para as comunidades.

ÁREA DE VIGILÂNCIA:

“... muita gente entende que é responsabilidade do governo federal vigiar a nossa terra, mas qual a participação dos povos indígenas? Existe o papel de VIGIAR e o papel de FISCALIZAR. Quando vocês pensarem em direito, lembre que naquele direito tem um dever” Evangelista Apurinã, CTL/Funai Pauini..

- Área que tem maior problema e risco de invasão;
- Onde o acesso para dentro da terra indígena é mais fácil;
- Precisa ter placa nesses locais;
- Tem a proposta de ter dois postos de vigilância: na boca do Puciari e no 26;
- Foi colocada a necessidade de se preocupar mais com o outro lado (oeste da TI) também, que não tem aldeias e tem mais risco;

Verificar a rota de vigilância da Frente de Proteção dos Isolados para que eles possam contribuir com a proposta de vigilância da TI Caititu.

ÁREA DE REPRODUÇÃO DE CAÇA E PEIXE

- Área onde tem a reprodução dos alimentos da terra toda, mas não é um santuário, ela também é utilizada com menor frequência devido ao menor acesso;
- Ter um termo de respeito pelos parentes que estão na frente (nas aldeias vizinhas), conversar, avisar sobre o uso dessas áreas e não levar gente branca pra castanhal;
- Fazer um levantamento sobre os potenciais dos castanhais que não estão sendo explorados por nenhuma família, para que outros aldeados do Caititu que não tem recursos também possam aproveitar. Organizar isso junto com a Focimp e Funai;

ÁREA DE PRESERVAÇÃO (ALDEIA IRMÃ CLEUŽA):

- Área do igarapé do carrapato;
- Área para ser preservada;
- Área de reprodução dos bichos.



ÁREA OCUPADA PELAS ALDEIAS:

- Onde tem as aldeias;
- No Puciari e Passiá, em um raio de 10 km da aldeia é uma área de uso da própria aldeia;
- As aldeias que já estão aqui dentro continuam, mas não permitem mais aldeia empresada na área ocupada pelas aldeias. Pra abertura de novas aldeias tem que conversar com os vizinhos;
- Nessas áreas são onde principalmente as REGRAS e acordos de convivência devem ser respeitados.

ÁREA DE COLETA DE CASTANHA:

- Respeitar o acordo de parar nas aldeias primeiro, antes de ir para o castanhal;
- Área onde tem castanhais de famílias que já exploram.

PRÓXIMOS PASSOS

HÃTYNAPEPANHI

NAHINA HOARIHA-RA VAKAVA `IBODIVARANIVINI KAIMONI

HIMATANIMA TAITI WARIBE

Para avaliar e monitorar a implementação do Plano de Gestão da TI Caititu foi decidido que:

OS PESQUISADORES INDÍGENAS

podem se reunir com a comunidade uma vez por mês para conversar sobre o andamento do plano na aldeia (cada comunidade tem autonomia de se reunir quando quiser);

OS CACIQUES das aldeias vão se reunir 2 vezes ao ano para discutir a implementação do plano e repassar as bases;

TODAS AS ALDEIAS (caciques e demais representantes das comunidades) vão se reunir uma vez ao ano, para avaliar o andamento do plano e decidir os próximos passos;

SEMPRE QUE TIVER NECESSIDADE, DEVERÁ SER CONVOCADA UMA REUNIÃO.

“Nós descobrimos que o diálogo é tudo. A história da TI Caititu é complicada. Teve muito sangue e morte para conseguirmos a demarcação. Veio um tempo em que nós, entre nós mesmo, a gente não conversava. Temos os parceiros aí, os verdadeiros parceiros são aqueles que falam quando a gente está errando, por que isso é querer o bem dele(...) O Fundo Amazônia está com edital aberto, só para quem tem o PGTA (...) Se nesse projeto tudo der certo, já vamos lutar pela implementação em 2016” Zé Bajaga Apurinã, Coordenador Focimp.

“Ainda até a década de 80 nós vivíamos sem autonomia. A pessoa procurava muito se tutelar, éramos tutelado. Hoje tanto na educação, saúde, auto sustentabilidade, em todas as áreas está diferente. Ainda vamos levantar a bandeira de que somos autônomos. Ainda as vezes eu vou lá na CTL e vejo parente que quer se tutelar. Eu fui coordenador da OPIMP e vejo com alegria que depois da confusão que deu com o convênio FUNASA, agora conseguimos pegar esse projeto, nós mesmos. Naquele tempo, nunca fizemos uma conversa igual essa aqui. Posso dizer que estamos de parabéns. Nós nunca tínhamos alcançado um objetivo comum, todos com atenção. Todos aqui ouvindo, prestando atenção. Ouviram muita coisa, coisas que tem que ser colocado em prática. Não é o Zé Bajaga que vai organizar, somos nós, principalmente os pesquisadores. A FOCIMP não está nos dando o peixe, está ensinando nós a pescar. A comunidade que trabalhar e se organizar direito terá prosperidade. Quero que a gente esteja unido e buscando desenvolvimento” João Batista da Silva (João Baiano Apurinã) - Chefe da CTL de Lábrea.

“Estamos aqui para unir as forças. Nós precisamos trabalhar mais unido, colocar em prática o que nós discutimos aqui, se não colocarmos em prática vamos passar 10, 20 anos do mesmo jeito. Eu quero melhorar a vida. Aqui nesse mesmo lugar foi criado todo do movimento, tudo foi decidido aqui por outros que passaram por aqui e espero que esses jovens deem continuidade por nós. Acho que estamos chegando em um enten-



dimento” Francisco Jacinto de Almeida – Cacique Marcelino, aldeia Novo Paraíso.

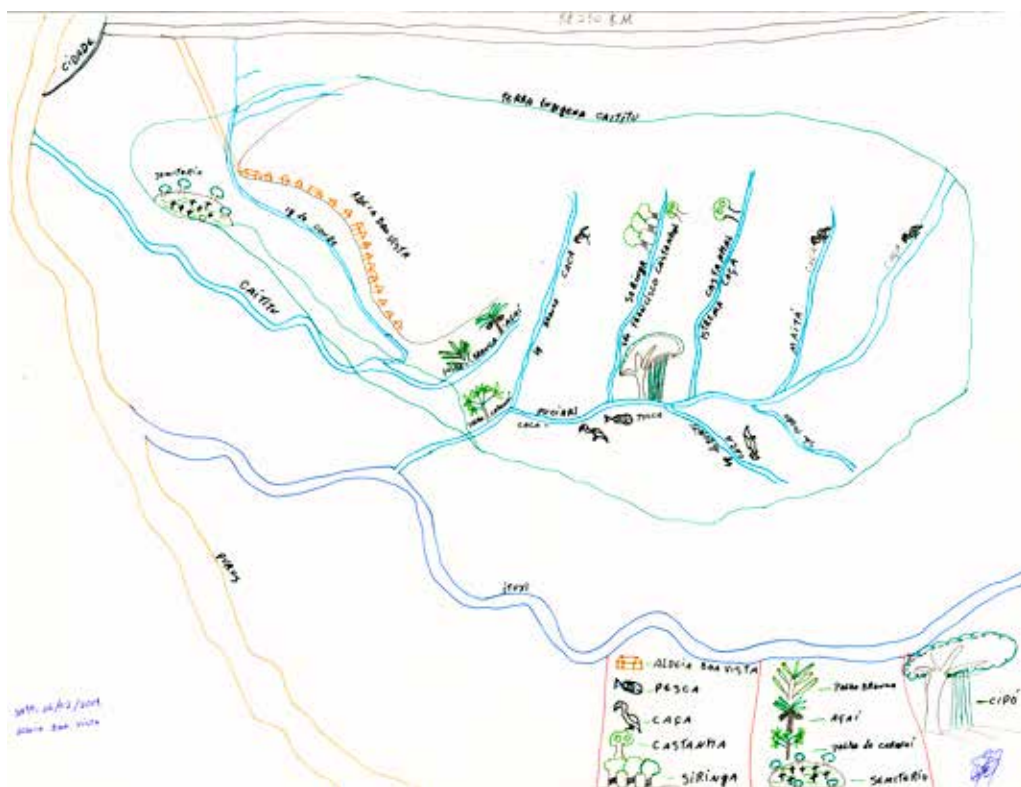
“Gostei muito do nosso trabalho, espero também que nesse trabalho nós leve em consideração e de procedimento no que fizemos. Aquilo que nos comprometemos aqui, levemos para frente, nossa união, nosso compromisso” Manuel Ferreira Gomes (Manuel da Moca), cacique aldeia São Sebastião.

“Esse foi um dos passos, agora vão lutar para implementar isso. Não podemos ficar esperando acontecer, de cima só vem chuva mesmo. Estamos lutando para elaborar o plano de gestão, agora a luta é implementar e isso dá mais trabalho ainda, correr atrás de parceiros para implementar. São desafios para lideranças, filhos e netos. O caminho é longo. Quero levar isso para minha luta também e termos grandes vitórias” Francisco Ferreira da Silva, Focimp Pauini.

“Como FUNAI é uma obrigação nossa tá perto, pra poder levar isso lá pra fora pra que possa ter visibilidade, eu entendo que estando perto, é a oportunidade que a gente tem de aprender, mas levar da forma correta, levar aquilo que realmente vocês estão conversando sobre o Plano de Gestão. É dever nosso valorizar a forma de organização social de vocês, isso tá garantido, para poder levar e trazer as políticas para cá. Parabenizar a vocês, FOCIMP. Muito obrigado, e não vai parar!” Luiz Fernandes, Coordenador da CR Médio Purus/ Funai.

ALDEIA BOA VISTA

Cacique Luiz Vicente da Silva
Jomilson da Silva Andrade
José Francena Bezerra



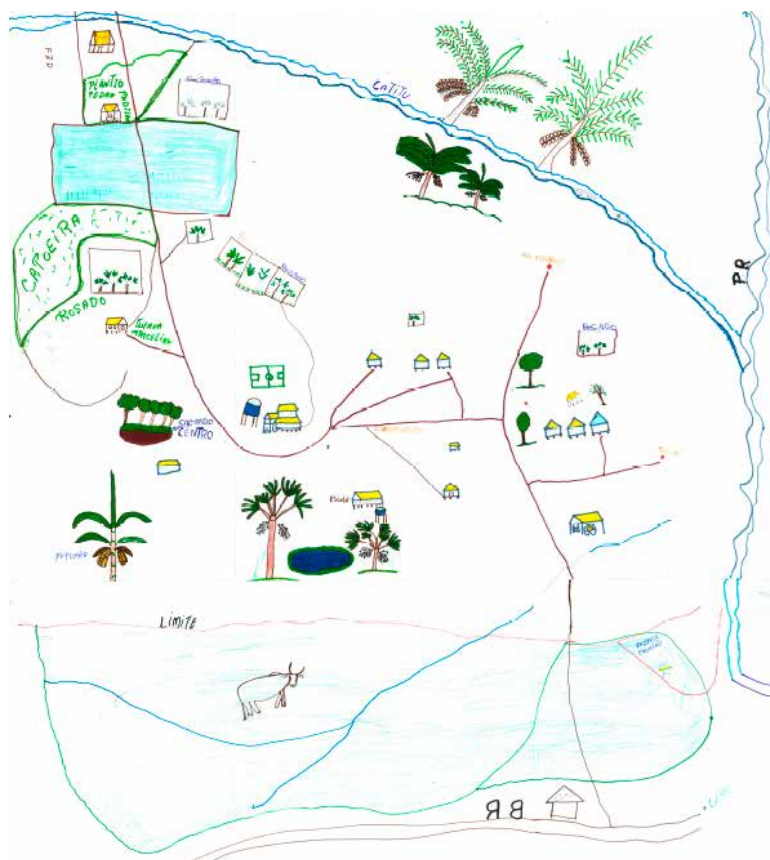
“A história da origem da nossa aldeia começa a partir da nossa vinda do alto Rio Ituxi para o município de Lábrea, onde por muito tempo passamos a residir. Mas apesar de morar na cidade nós não deixávamos de praticar nossos costumes que era fazer pequenos roçados e cultivar algumas plantações, então fazíamos essas atividades em pequenas áreas de terra próximas a cidade e que hoje conhecemos como a Terra Indígena Caititu, mas sem nenhuma pretensão de criarmos uma aldeia. Porém com o passar do tempo às dificuldades foram aparecendo em todos os sentidos, das mais variadas formas possíveis, o preconceito e discriminação vinham de todos os lados, éramos mal atendidos na saúde, em algumas ocasiões éramos humilhados e na edu-



cação não era diferente. Nossos filhos eram bastante discriminados na escola e às vezes chegavam chorando em casa relatando que foram humilhados pelos colegas onde diziam que lugar de índio era na mata, ou ainda falavam que índio é bicho e isso nos machucava muito. Então preocupados com essa situação as famílias procuraram encontrar um meio de sair dessa situação, foi aí que um jovem indígena com um pouco de conhecimento mobilizou as famílias e foram tentar pedir ajuda junto a OPIMP, que na época era a organização que representava os indígenas na região do município de Lábrea e também do órgão competente, a FUNASA que na época era a instituição responsável pela saúde indígena. Mas para nossa decepção, nos negaram ajuda alegando que só podiam dar assistência aos índios que moravam em aldeias. Em virtude disso esse jovem indígena mobilizou e reuniu novamente todas as famílias diretamente afetadas e envolvidas nesse processo e decidiram então criar uma aldeia para que com isso pudéssemos ter nossos direitos respeitados, direito em uma saúde digna e uma educação de qualidade, onde nossos filhos não fossem discriminados e um lugar em que pudéssemos criar os filhos de acordo com nossa cultura. Portanto, após todos concordarem em criar uma aldeia, foi decidido que a aldeia seria no mesmo local onde já fazíamos nossos roçados e cultivávamos nossas plantações. Então no ano de 2002 foi criada a aldeia com o nome de Boa Vista, mas só foi inaugurada no dia 11 de fevereiro de 2003 e recebeu o nome de Boa Vista devida a bela paisagem que os moradores avistavam do restante da área que cercava a aldeia que teve como primeiros moradores Dona Dadir e Seu Raimundo Rosa”.

ALDEIA NOVO PARAÍSO

Cacique Francisco Jacinto de Almeida (Cacique Marcelino)



“A aldeia novo paraíso é uma aldeia de terra firme que começou em 1988 quando colocamos o roçado, em 89 nós passamos para cá. O cacique tuxawa era seu Joviniano, que era a segunda pessoa do Seu Augustinho Mulato (segundo cacique), foi ele que indicou onde podia fazer a aldeia. Com dois anos chegou o Geraldo, e várias outras famílias. Hoje nós somos 10 famílias, índio não para em um canto, ainda tem aquele costume de ir de um canto pra outro. Na época eram só as aldeias Macedo (que era junto com Copaíba), Caititu (hoje São José), Arapaçu, Idecorá, e Nova Esperança (que agora é Novo Paraíso).

Aqui teve muita ameaça das fazendas vizinhas. Era muito difícil se reunir, me



sentei com João Baiano, Montanha e Joviniano. A organização começou por 3 aldeias – Macedo, Jerusalém (está extinto, que era o Montanha), Nova Esperança (hoje Novo Paraíso). Isso foi em 1989, na época estavam discutindo de não ter índio, ser tudo igual. Aí começamos o movimento, atrasado, porque a gente não conhecia nada.

Aqui uma parte era mata bruta outra era capoeira. Rodeado de fazenda. Começamos a trabalhar com a Emater, incentivando o plantio da roça, principalmente urucum, mas até hoje não temos apoio pra apanhar e perde muito. As maiores riquezas na nossa aldeia são urucum, babaçu e açaí”.

ALDEIA BELA VISTA

Cacique Edmilson Francelino de Souza
Raimunda Silva Ribeiro

“Nós da comunidade Bela Vista se sentamos para discutir as histórias da nossa aldeia, de como começou, no dia 20/07/2013 com apoio do senhor Zé Bajaga e do senhor Isac Albuquerque. Porque nós achamos melhor para nossa criação de filhos e netos, nós achamos melhor para toda a gente. Comemos peixe moqueado, fazemos caça, amamos pescar, esse é nosso costume. Essa tradição vem do nosso avô e bisavô e é por isso que gostamos da mata, a gente se sente protegido ao ar puro”.



ALDEIA MACEDINHO

Cacique Evilazio Coelho de Araújo
Antonio José Marquês (Zé do Macedinho)

“Desde 1974 que nós moramos na área Caititu, localidade Macedinho. Local que nós se criamos na aldeia. Era muita dificuldade pra nós vir na cidade, nós atravessava no igarapé por cima de pau, não tinha ponte de madeira. Hoje tudo é fácil. Em primeiro lugar agradeço a Deus e minha mãe Luiza Galdino de Souza Apurinã e meu pai Francisco Camilo Marquês Apurinã, conhecido por Chico Camilo”.



ALDEIA SÃO JOSÉ

Cacique Nair Francisca da Silva
Ivanete Silva de Lima Apurinã



“Viemos do Tumiã em busca de melhoria para a nossa vida em relação à saúde, educação e bem estar. Éramos nômades, vivíamos de um lugar para o outro. Nossa família estava crescendo, precisávamos de um lugar para formar moradias fixas, surgiu assim, a ideia de formar uma aldeia. Pois não é que deu certo! Trabalhamos muito para conseguir o que construímos. Muitos podem perguntar: por que escolheram o nome São José? Em homenagem ao último cacique da aldeia Caititu, Zé Grande, que ficava onde hoje é a atual aldeia São José.



Somos poucos, mas um povo indígena verdadeiro de cor, raça, sangue e características. Aqui temos nossas culturas, apesar de estar bem próximo da cidade nunca nos deixemos influenciar completamente pelos costumes dos brancos”.

ALDEIA PAXIÚBA

Cacique Maria das Dores
Maria do Socorro



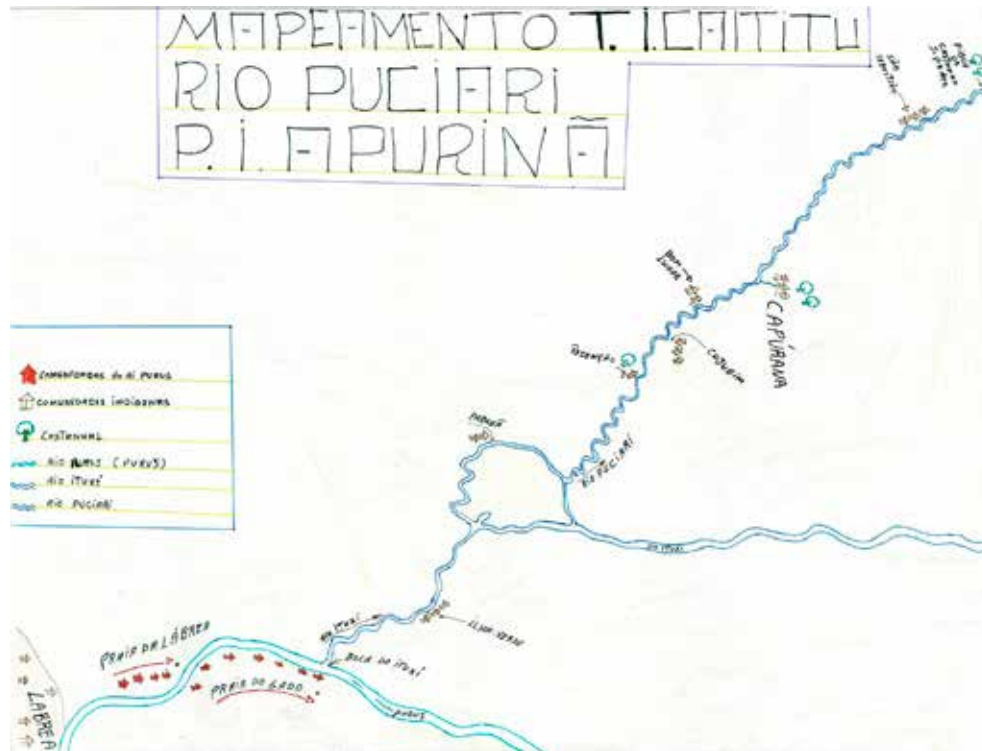
“A comunidade Paxiúba está localizada na TI Caititu e nasceu da vontade de seu José de Fátima de Oliveira Apurinã de uma vida melhor para sua família. Ele estava cansado de viver na cidade passando por várias dificuldades, como ele e sua família eram acostumados a viver no interior eles não conseguiam se acostumar na vida na cidade. Eles moravam no rio Puciari na comunidade Macacoã, em Lábrea. Naquela época os índios não tinham tanto apoio e seu pai trabalhava cortando seringa, na agricultura para o sustento da família e sua mãe Raimundo fazia vassoura e vaso de barro e vendia para os patrões. Como não tinham conhecimento com dinheiro seus trabalhos eram praticamente de graça. Na época o seu José tinha 2 anos. O pai dele morreu e não tinha como a mãe ficar lá sozinha, ela veio para Lábrea pela primeira vez, pro bairro da fonte e só tinha mata lá. Ela começou a fazer carvão e vender para criar os filhos. Em 1994 Feliciano, primo do seu José chamou ele pra morar no



Caititu, onde tinha outros parentes e sua mãe tinha um pedaço de terra onde plantava. Tudo que ele queria era um lugar melhor onde pudesse plantar, criar e morar tranquilo com sua família. Chamou sua irmã Maria e foram. Fizeram as casas e a comunidade foi crescendo e logo toda a família tava junto de novo. Em 2001 o CIMI, OPIMP e Funai ajudou a cadastrar as famílias. José teve que viajar para Porto Velho e deixou dona Maria como cacique em seu lugar. Ele foi assassinado lá e dona Maria não queira voltar mais pra aldeia onde tudo lembrava ele. Mas o tempo passou e ela pensou que seu irmão tinha pedido para ela nunca abandonar a comunidade, ela chamou todos que moravam lá e falou que iria continuar o trabalho do seu irmão, porque era sonho dele e de toda a família, apesar das dificuldades eles não pensaram em abandonar porque ali está uma parte do seu José”.

ALDEIAS CUJUBIM E CAPURANA

Caciques Raimundo e Jaime



“A comunidade Cujubim foi fundada antes da demarcação e era conhecida como Dez Toin. Os primeiros moradores eram Maria Augusta Paumari, seus filhos e netos, e Maria Rosario Lopes da Silva Paumari e seus filhos e depois foram que chegaram outras pessoas formando a comunidade Cujubim. Depois chegou a demarcação, em 1986 e aí fundou mesmo a comunidade. Com anos de dificuldade conseguimos chegar onde estamos hoje.

Antes de ser fundada a comunidade moravam meus avôs conhecidos como Raimundo Pereira dos Santos Apurinã e o finado Rodrigues Pereira dos Santos Apurinã. Ele repassava que foi “pego com os cachorro” (era muito bravo). Ele contava que quando ele via os não índio ele flechava e levava para a oca e o comia assado com os irmãos e a cabeça colocava em uma vara e servia de maracá na noite de Xingané. Para fazer o fogo ele usava duas pedras e o breu do índio mesmo, assim eles cozinhavam em panelas de



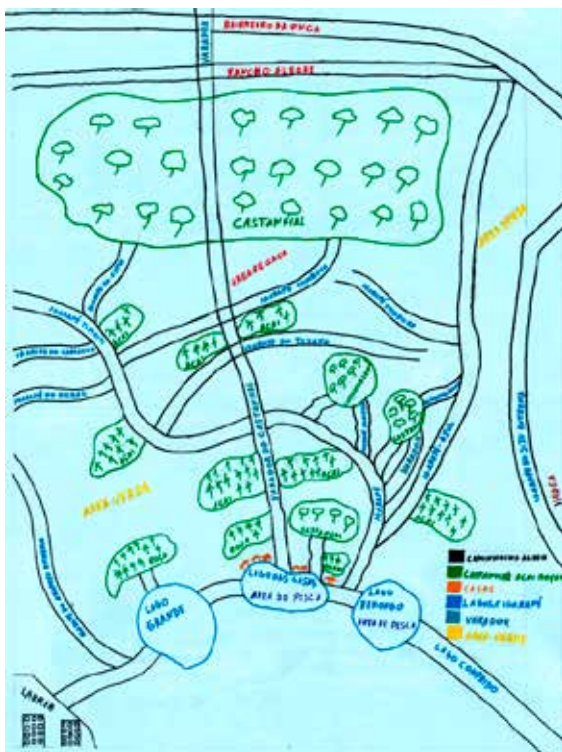
barro e as colher era as então tchereke. Eles tinham o caminho certo para andar, faziam pão de mandioca, enterrava no meio do caminho e assim os índios viviam antigamente.

A história da comunidade Capurana, antes nós morava na terra dos brancos no Paranã. Foi através de reunião que deu origem a comunidade Capurana. Na época dos nossos avós não existia espingarda, eles usavam flecha e arco, zarabatana, eles usavam também o tinharim para pescar. Quando eles queriam atacar outra pessoa que não era índio eles imitavam todos os tipos de animais, a macaxeira do homem eles comiam assada.

Dois anos depois da demarcação, em 88, a OPIMP perguntou se a gente não queria morar na aldeia (Manuel Ricardo), a gente disse que já fazia roça na Capurana, então eles falaram que ali era terra indígena e fundamos a aldeia”.

ALDEIA IDECORÁ

Cacique Zé Bajaga Apurinã
Ana Lima



“Em meio à floresta amazônica nas proximidades do Rio Purus na Terra Indígena Caititu, encontra-se a Aldeia Idecorá composta por quatro lagos, sete piques de castanha e 11 igarapés, os moradores da aldeia é do povo Apurinã.

Segundo informações colhidas do ancião da aldeia Sr. Sebastião Pereira Lima Apurinã (Bajaga), o mesmo relatou que a aldeia sempre foi composta por familiares, e foi passado de geração a geração, e lembra muito bem que o Sr. Gasimiro Apurinã seu avô, falava como era farta a aldeia, das festas feitas de três em três luas ou quando nascia um curumim. Alegria na aldeia, sem contar a animação de quando o pajé Julio tocava a trombeta, um dos meios utilizados de unir os índios guerreiros para caçada em grupo, uma forma de abastecer a aldeia de alimento, quando chegavam assavam toda a carne para



conservá-la, e sem contar a cantoria das mulheres no casarão, quando estavam fazendo os artesanatos como: abanos, peneiras, vasos de barro, chapéu com folha de tucumã, paneiros, tipiti, guidá, jamaxi, e várias outros com cipó titica. O meio de sobrevivência eram a extração de castanha, coletas de óleo de copaíba e sorvas.

Quando os índios anciões morreram veio sua geração, e o Sr. Gasimiro Apurinã que era seu avô, por tê-lo criado, após a morte de seu pai o ensinou e o preparou pra ser pajé da aldeia, onde continuou seu convívio na aldeia com seus primos e familiares, porém resolveu usar seu aprendizado como pajé somente para curar e rezar.

Com passar do tempo alguns morreram e outros resolveram sair da aldeia, somente o Sr. Bajaga com sua esposa continuou na terra criando seus 15 filhos, com costumes e crenças dos antepassados, hoje a aldeia ainda continua somente com a família seus filhos, noras, genros, netos, bisnetos e sobrinhos. Sente orgulho em dizer que criou todos os seus filhos na aldeia e seus filhos criam seus netos com muito trabalho, esforço e dedicação, através da caça, pesca, roça, castanha, açaí e outras frutas extraídas da aldeia.

Porém continua sua luta na aldeia, por ser um lugar farto e próximo da cidade enfrentam muitas invasões, sendo que baseado na fartura de alguns anos atrás percebe-se o quanto está diminuindo as riquezas naturais, por isso reforça-se que tem que se unir, valorizando e preservando as riquezas que são: o povo com suas culturas e valores, a terra produtiva e a floresta farta”.



ALDEIA ARAPAÇUZINHO

Cacique Maria Ribeiro de Souza Apurinã (Mariazinha)
Wederson Rodrigues da Silva

“A cacique Mariazinha nasceu no Catipari e só saiu de lá já casada com o finado marido (Cândido), que foi o primeiro cacique da comunidade. Cândido logo que viu o local onde está hoje a comunidade Arapaçuquinho ficou encantado com a terra. Com a morte de Cândido, coube a sua esposa Mariazinha continuar o trabalho de seu falecido marido. Hoje a comunidade é unida, sem brigas, todos vivemos pacificamente, há fartura, plantamos e criamos nossos animais tranquilamente. Esperamos que com esse plano a comunidade venha melhorar ainda mais”.



ALDEIA SÃO SEBASTIÃO

Manuel Ferreira Gomes (Manuel da Moca)

“Nós, pessoas do São Sebastião morava aqui em Lábrea, quando foi demarcada a terra indígena, nós procuramos uma localidade dentro da área indígena. A primeira viagem nós fomos até o local da minha tia Luca e depois nós fomos até São Sebastião e lá nós estamos. Antes nós ia e vinha só no inverno e na época da castanha, mas há 15 anos atrás nós pedimos apoio a Funai e eles apoiaram nós, por isso nos instalamos no São Sebastião. São seis famílias”.

ALDEIA JAPIIM

Cacique Raimundo Apurinã (Bofé)

“O Japiim foi formado porque tinha desunião devido à bebida alcoólica perto da cidade na aldeia Caititu. Então escolhemos morar no rio Passiá porque lá ficava longe da cidade, mas ainda não estava demarcada a área e os brancos não respeitava a gente. Quando Agostinho Mulato tentou empatar a entrada dos brancos foi quando os brancos pegaram um indígena para matar Agostinho, só que não pegaram ele, só mataram a mulher dele, um filho e a Irmã Cleuza. Depois dessas mortes o CIMI e a Prelazia se mobilizaram e foram para Brasília para agilizar a demarcação da terra indígena. E logo depois chegou uma empresa para demarcar em 1986, desde essa época a aldeia Japiim está localizada no rio Passiá”.

ALDEIA SÃO FRANCISCO

Cacique Zuleide

“Aqui é a história da cacique Zuleide. Eu não nasci aqui, nasci no rio Tumã, cheguei no Caititu quando eu tinha 6 anos, daqui eu me criei, nesses anos todos só tinha uma aldeia lá, do seu Augustinho. Em 2006 forme a aldeia São José, eu e Dona Nair Francisca, 8 anos morei lá. Eu era vice liderança do São José, em julho de 2014, dividimos o grupo. Hoje sou cacique da aldeia São Francisco, nela vou criar meus netos, meus filhos, primos, entre outros. Vamos trabalhar juntos, plantar, criar galinha, , ter união com os outros, criar nossa cultura respeitando a cultura de outros. Eu sou Apurinã, falo minha língua”.



ALDEIA JACAMIM

Cacique Raimunda Camilo da Silva
Regina Camilo da Silva

“Meu pai faleceu quando eu tinha 6 anos, eu nasci no local no qual convivo hoje, eu e meus irmãos éramos 5 irmãos de pai e mãe e todos nascemos lá, inclusive minha mãe (Cacique Maria) que é veterana desse lugar, quando o meu paizinho morreu minha mãe nunca abandonou o lugar onde a gente nasceu. Minha mãe sofreu muito para organizar aquela terra, o sonho dela era que todos da família estivesse lá, mas impossível, porque lá não tem escola, não tem agente de saúde não tem nada até agora. Somos 3 irmãos de pai e mãe e minha mãezinha está passando por um problema muito ruim de saúde, está em tratamento e não está podendo estar participando dessas reuniões, mas eu estou aqui para lutar pelos sonhos dela. Espero que a gente, eu e a prima Rosa consiga levar pra frente e que tudo dê certo, espero que um dia a minha mãezinha e todos da aldeia veja que o nosso esforço não foi em vão e que tudo que pedimos para a aldeia consiga ter e que tudo dê certo, não só para a gente, mas para todas as aldeias que também precisa e como dizem: a esperança é a última que morre e o meu objetivo é nunca desistir. Tudo o que eu mais quero é que minha mãe tenha saúde e seja feliz, eu amo muito ela. Quem assina é alguém muito simples, porém muito sonhadora”.



ALDEIA ARAPAÇU

Cacique Edivar Ribeiro da Silva
Edimar Ribeiro da Silva

“Já vi muita coisa nessa terra indígena Caititu. Em 1985, quando começou a aldeia Arapaçu conheci os antigos Apurinã, uns já morreram, outros estão vivos. O meu avó Constantino nasceu em 23 de setembro e tem 107 anos, ele me contou muita história antiga. Então Constantino me disse que os Apurinã não se unia e hoje ele acha bonito a união. Há 11 anos uma família Paumari também passou a viver na nossa comunidade”.

ALDEIA SÃO DOMINGOS

Cacique Adriano Miguel Teixeira

“A aldeia São Domingos foi fundada no dia 07/01/2007, então a nossa história começa assim, por causa da melhoria da nossa família e também por causa das criação como porcos, galinha e patos, para não ter confusão com os parente, por isso saímos da aldeia Japiim para morar mais em cima, e também para ter mais espaço de terra para plantação de roça e plantação de banana, macaxeira, abacaxi e cará, para nós comer e nós também não se damo com briga de parente, por isso que nós da família se entende, essa é a história da aldeia São Domingos”.

ALDEIA VILA NOVA

Cacique Sebastião Vieira Brasil da Silva
Pesquisador

“Nós há 20-30 anos atrás, vivia no rio Seruinim, nós vivia sem recurso, nós não tinha escola, nem atendimento, era difícil a saúde para nós, não tinha patrão para nós comprar alguma coisa. Então vendo essas dificuldades os nossos avós, pais, parentes resolveram procurar melhoria. Quando nós chegamos aqui na área Caititu que nós estamos agora, era um capoeirão, e já não era habitado por ninguém. Nós chegamos aqui e passamos a cultivar essa área no dia 20 de abril de 2013. Nós tivemos apoio da Focimp, Funai e dos demais parentes, como lideranças e pessoas que moram em outras comunidades. E hoje nós estamos melhor do que vivíamos antes. Hoje temos uma boa educação com professores capacitados e uma boa saúde na aldeia e um bom atendimento pela equipe de enfermagem. E também temos o futuro agente de saúde Ronaldo Lopes Ferreira que desde que passamos a morar aqui na aldeia Vila Nova tá cuidando na nossa saúde”.



ALDEIA COPAÍBA

Cacique Marcílio Batalha da Silva

“A aldeia Copaíba se iniciou no mesmo ano da demarcação, é localizada na área Caititu, a distancia da aldeia para a cidade é de 6 km, somos 14 famílias, mas somente nove moram efetivamente dentro da aldeia e quatro só trabalham, mas moram na cidade. Antigamente o primeiro cacique era o Joviano e em seguida veio o seu filho Francisco e ao trabalhar muito, mas não ter nenhuma ajuda de beneficio dos órgãos e organizações repassou sua responsabilidade para João Baiano assumir, que em 2008 também entrega o cargo para o Arnaldo Barreiro Apurinã ser o cacique e liderança. Arnaldo faleceu em 2012 e antes de falecer reuniu todo o povo e disse que ia deixar seu cargo para o seu filho assumir como é de costume Apurinã preparar seus filhos, então este estava preparado para a luta de seu povo. Na nossa aldeia temos dois meios de transporte terrestre no verão e fluvial no inverno”.

ALDEIA IRMÃ CLEUZA

Cacique Pedro Borges Maia
Vicente Quaresma dos Santos
Ana da Silva Maia



“Foi por volta do ano de 1986 que surgiu a demarcação da TI Caititu que teve um acordo entre o Cacique Agostinho e o Cacique Pedro Borges de que ele ficaria na mediação do rio Mari para proteger aquela terra para que não tivesse invasão por aquele lado. Então foi aí que surgiu a aldeia. E o nome da aldeia Irmã Cleuza surgiu depois da tragédia que houve entre a família do Cacique Augustinho e a missionária agostinianos recoletos no dia 28/04/1985 no rio Passiá, Lábrea, Amazonas. Por esse motivo foi que o cacique Pedro Borges Maia colocou o nome de nossa aldeia de Irmã Cleuza em homenagem a missionária que tanto lutou pela paz, união e pela coragem dela de seguir em frente e de mostrar para nossos indígenas seguir em frente e não desistir do nosso objetivo de uma vida melhor”.











Realização:



Apoio:



Parceiros:



Ministério da
Cultura

